

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



RELATÓRIO DE ESTÁGIO

A Educação na Freguesia:

O caso da Junta de Freguesia de Carnide

Sílvia Mendes

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Área de especialização em Administração Educacional

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



RELATÓRIO DE ESTÁGIO

A Educação na Freguesia:

O caso da Junta de Freguesia de Carnide

Sílvia Mendes

CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE

EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Relatório de Estágio orientado pelo Professor Doutor

João Manuel da Silva Pinhal

2011

Agradecimentos

À minha mãe, que amo mais que tudo na vida! Ao meu irmão! Por todo o apoio incondicional (a todos os níveis), por toda a força e por me incentivarem sempre a lutar, não me deixando nunca desistir...mesmo quando apeteceu...por acreditarem sempre em mim e estarem sempre ao meu lado...

Aos meus pais!

Aos meus amigos que tanto me apoiaram, me incentivaram e acreditaram em mim, muitas vezes mais que eu...à Filipa, à Sara, à Cláudia, à Joana, à Inês Frazão e à Estela...por todas as aprendizagens e por todas as partilhas...

À minha Xaninha!

À Susana Jones, que me acompanhou ao longo deste percurso e sem a qual (quase) nada teria sido possível...

Às minhas orientadoras de estágio, pela disponibilidade e sobretudo pela flexibilidade e compreensão ao longo de todo o meu estágio.

À Junta de Freguesia de Carnide que me deu a possibilidade de conhecer uma Freguesia dinâmica, educadora e que me possibilitou acreditar numa educação realmente de qualidade, a tempo inteiro...

Ao meu Professor e Orientador de estágio, João Pinhal, por estar sempre disponível para me receber, para esclarecer todas as minhas dúvidas, por todas as aprendizagens que me possibilitou ao longo da minha formação académica, por toda a orientação. Sem o seu respeito e compreensão constantes pelos meus timings este trabalho não existiria...

A todos as pessoas que estão sempre presentes na minha vida, mesmo quando ausentes fisicamente...familiares e amigos (eles sabem quem são)...

Muito Obrigada!

RESUMO

O presente relatório surge no âmbito do mestrado em Ciências da Educação, na área de especialização em Administração Educacional, vertente de estágio, realizado na Junta de Freguesia de Carnide, de Dezembro de 2009 a Junho de 2010.

O quadro teórico aborda, sobretudo, a questão da intervenção educacional da Junta de Freguesia de Carnide, que excede largamente o que corresponde à sua obrigação legal.

Ao longo do estágio participei em algumas actividades inseridas no Projecto Carnide Educa a Tempo Inteiro, numa lógica de Freguesia Educadora, a tempo inteiro.

Realizei um projecto de investigação de avaliação da Componente de Apoio à Família, que pretende perceber se o serviço está a responder às necessidades das famílias, o que, após a análise de todos os resultados, foi confirmado.

Palavras-chave: Educação, Administração Educacional, Descentralização da educação, Territorialização, Componente de Apoio à Família, Junta de Freguesia.

ABSTRACT

The present report was developed in the context of a Masters Degree in Sciences of Education, with a specialization in Educational Administration. The corresponding work placement took place in Junta de Freguesia de Carnide, from December 2009 to June 2010.

The theoretical background is focused mainly on the educational intervention of Junta de Freguesia de Carnide, which largely exceeds its legal requirements.

Throughout this work assignment I took an active part in some of the activities included in the Project “Carnide Educa a Tempo Inteiro”, which took place in the logic of a full-time educating Freguesia.

I have undertaken a research project consisting in the evaluation of the Family Support Component, which aimed to assess whether this service actually corresponds to the needs of the families. This, after a careful and thorough analysis of all data, has indeed been confirmed.

Keywords: Education, Educational Administration, Education decentralization, Family Support Component, Local administrative power.

ÍNDICE

Introdução	8
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico	10
1.1 Evolução da Administração Educacional	10
1.2 A intervenção educacional nas autarquias locais	11
1.3 A territorialização das Políticas Educativas	17
1.4 Descentralização versus centralização	22
1.5 Escola a Tempo Inteiro	24
1.6 A Cidade Educadora	26
Capítulo 2 – A Junta de Freguesia de Carnide	29
2.1 Caracterização da Freguesia de Carnide	29
2.2 A Junta de Freguesia	33
2.2.1 O pelouro da educação da Junta de Freguesia	36
2.3 Principais projectos e actividades educativas	38
2.3.1 Projecto Carnide Educa a Tempo Inteiro	38
2.3.1.1 Actividades de Enriquecimento Curricular	39
2.3.1.2 Componente de Apoio à Família	41
2.3.1.3 Animações de Natal, Verão e Páscoa	46
2.3.1.4 Feira de Expressões	47
2.3.1.5 Curso de Carnaval	49
2.3.2 Outros Projectos Educativos	49
2.4 As organizações e instituições de Carnide	53
2.5 O que distingue a Junta de Freguesia de Carnide de outras Juntas de Freguesia	53
Capítulo 3 – Um estágio na Junta de Freguesia de Carnide	55
3.1 Ser Técnico de Educação numa Freguesia	56
3.2 Ser Coordenador de CAF numa Freguesia	60
3.3 Actividades desenvolvidas no estágio	63
3.4 Análise Crítica das Actividades e da Junta	77

Capítulo 4 – Projecto de Investigação: Avaliação da Componente de Apoio à Família	81
4.1 Justificação do Projecto	81
4.2 Necessidades/Itens de Avaliação	83
4.3 Rede de Avaliação	84
4.4 Modelo de Avaliação	85
4.4.1 Apresentação da problemática e do campo de estudo	85
4.4.2 A amostra	87
4.4.3 Pergunta de partida	87
4.4.4 Objectivos do Projecto	89
4.5 Metodologia	90
4.5.1 Leituras e análise documental	90
4.5.2 Guião da entrevista	90
4.5.3 Entrevista	91
4.5.4 Análise de Conteúdo	92
4.5.5 Questionário	92
4.6 Análise dos resultados	93
4.6.1 Bairro Padre Cruz	95
4.6.2 Bairro da Horta Nova	99
4.6.3 Carnide Centro	103
4.7 Discussão dos Resultados	107
4.8 Sugestões de melhoria	112
4.9 Algumas conclusões	118
Conclusão	122
Bibliografia	124

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Orçamento da Junta de Freguesia de Carnide para 2010	38
---	----

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Rede de Avaliação do Projecto de Avaliação da Componente de Apoio à Família	85
Quadro 2 – Pontos fracos identificados na avaliação do serviço da Componente de Apoio à Família	116
Quadro 3 – Pontos fracos identificados na avaliação do serviço da Componente de Apoio à Família	117

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Bairro Padre Cruz

Gráfico 1 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Coordenadores	95
Gráfico 2 – Avaliação dos Monitores aos Coordenadores	96
Gráfico 3 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Monitores	96
Gráfico 4 – Avaliação dos Monitores aos colegas	97
Gráfico 5 – Auto-Avaliação dos Monitores	98
Gráfico 6 – Avaliação dos Coordenadores aos Monitores	99

Bairro Horta Nova

Gráfico 7 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Coordenadores	99
Gráfico 8 – Avaliação dos Monitores aos Coordenadores	100
Gráfico 9 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Monitores	101
Gráfico 10 – Avaliação dos Monitores aos colegas	101
Gráfico 11 – Auto-avaliação dos Monitores	102
Gráfico 12 – Avaliação dos Coordenadores aos Monitores	102

Carnide Centro

Gráfico 13 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Coordenadores	103
Gráfico 14 – Avaliação dos Monitores aos Coordenadores	104
Gráfico 15 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Monitores	105
Gráfico 16 – Avaliação dos Monitores aos colegas	105
Gráfico 17 – Auto-avaliação dos Monitores	106
Gráfico 18 – Avaliação dos Coordenadores aos Monitores	107

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge no âmbito do meu estágio para obtenção do grau de mestre Ciências da Educação, na área de especialização de Administração Educacional.

O meu estágio decorreu na Junta de Freguesia de Carnide, entre Dezembro de 2009 e Junho de 2010, período ao qual se refere toda a informação deste relatório, inclusivamente a recolha de dados para o projecto de investigação.

Numa altura em que, devido à conjuntura económico-social que ultrapassamos, cada vez os pais têm menos tempo para educar e para brincar com os seus filhos, a Junta de Freguesia de Carnide apresenta uma política de educação a tempo inteiro, através de um projecto apresentado no X Congresso das Cidades Educadoras.

Neste sentido, surge uma Junta de Freguesia que chama a si um quadro de intervenção que vai muito além das suas competências legais, no âmbito de uma territorialização das políticas educativas, e que trabalha para e com os seus cidadãos, de forma a responder às suas necessidades.

O meu estágio teve como base dois principais objectivos. Por um lado, conhecer e integrar as tarefas diárias de um Técnico Superior de Educação numa autarquia. Por outro, proceder à elaboração de um projecto de investigação, que não só me proporcionasse a explicação dos conhecimentos obtidos no meu percurso académico, como fosse de relevância para o local que permitiu a execução deste trabalho.

Apesar de me ter centrado sobretudo no serviço educativo da Componente de Apoio à Família (abreviado como CAF), inserido no Projecto educativo Carnide Educa a Tempo Inteiro, decidi generalizar este relatório à Junta de Freguesia de Carnide de uma forma mais abrangente, de modo a mostrar uma Junta Educadora e dinâmica que me possibilitou uma perspectiva muito mais global do serviço educativo nas Freguesias.

As entrevistas às Técnicas Superiores de Educação (algumas vezes denominadas apenas de Técnicas, por não referir nenhuma outras) e aos Coordenadores da CAF desta autarquia são mencionadas ao longo de todo o trabalho, de forma a valorizá-lo com a perspectiva que quem trabalha directamente no terreno. No entanto, de forma a garantir a máxima confidencialidade possível dos dados, todos os nomes foram codificados.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No enquadramento teórico farei uma breve revisão da literatura que fundamenta as temáticas abordadas ao longo de todo o trabalho, a sua articulação com a Freguesia de Carnide e com o seu órgão executivo: a Junta de Freguesia de Carnide, que dá título ao segundo capítulo.

Assim, começo por fazer uma caracterização da Freguesia e, de seguida, mencionarei as principais características do pelouro educativo da Junta de Freguesia de Carnide, centrando-me na sua estrutura, organização interna e nas actividades que desenvolvem.

No terceiro capítulo, mencionarei as percepções que fui obtendo ao longo da realização deste estágio. Começarei por explicar no que consiste ser Técnico de Educação numa Junta de Freguesia desta abrangência, mencionando o seu percurso e as suas principais competências e, de seguida, caracterizarei os Coordenadores de CAF. O facto de os ter abordado de forma aprofundada justifica-se pela importância das suas funções nesta autarquia, uma vez que são eles a ponte entre o terreno e a Junta.

Terminarei este capítulo apresentando a minha participação e a minha intervenção ao longo do estágio, abordando todas as actividades em que colaborei, reflectindo, sempre que possível, acerca das aprendizagens adquiridas e das dificuldades sentidas.

Na última parte deste trabalho, apresentarei o meu projecto de investigação “Avaliação da Componente de Apoio à Família” que pretende conhecer se este serviço corresponde realmente às necessidades das famílias. Neste sentido, serão apresentadas a rede de avaliação, o modelo de análise, a metodologia e a análise dos resultados com base no tratamento dos dados. Assim serão retiradas algumas conclusões que me permitirão não só responder à minha pergunta de partida, como possibilitar algumas sugestões de melhoria, de forma a tornar este serviço ainda mais apelativo.

Por último, na conclusão deste trabalho abordarei as principais aprendizagens adquiridas com este trabalho, as principais dificuldades e a forma de as superar. Farei ainda uma reflexão acerca de todo este percurso, bem como da pertinência deste estágio para a minha formação e a relevância da realização de estágios de Administração Educacional na Junta de Freguesia de Carnide.

Na bibliografia, que é de extrema importância para que seja possível compreender e enquadrar tudo o que foi mencionado ao longo deste trabalho, apresentarei todas as obras, sites, legislação e documentação fornecida pela Junta em que me foquei para a realização deste trabalho.

Este relatório tem ainda uma variedade de anexos, trabalhos feitos ao longo da realização do mesmo, que permitem conhecer melhor alguns procedimentos efectuados que, apesar de não estarem no corpo do trabalho, são de grande importância para a execução e possível compreensão do mesmo e poderão ser consultados no cd anexo.

Capítulo 1

Enquadramento Teórico

“A cidade – o concelho, a freguesia, o lugar – é a nossa casa humana mais próxima, inserida necessariamente na asa humana global. A proximidade torna mais intenso o princípio da responsabilidade. Somos responsáveis pelo nível de qualidade da sua habitabilidade”. (Fernando Cabral Pinto, 2004, Pg. 156)

Neste capítulo será abordado todo o enquadramento teórico no qual me centrei para a realização deste trabalho, contextualizando-o, sempre que possível, com a realidade conhecida ao longo da realização deste estágio.

Começarei com uma alusão à evolução da administração Educacional, área na qual se insere este projecto e terminarei com a temática da Cidade Educadora, mencionando a participação da Junta de Freguesia de Carnide no X Congresso Internacional das Cidades Educadoras.

Pelo meio ficam alguns conceitos fundamentais para caracterizar a educação praticada nesta Junta de Freguesia, bem como algumas alusões aos seus processos de descentralização, fundamentais na compreensão deste projecto.

1.1 A Evolução da Administração Educacional

A administração educacional tem como objecto de estudo o sistema educativo e a formação. Esta é uma área multidisciplinar, uma vez que a constituição do seu campo de estudos e de ensino foi influenciada por diversos referenciais teóricos, de áreas distintas, tendo o seu contributo principal, na sua fase inicial, nas Ciências da Administração (mais concretamente da empresarial), nas Ciências da Educação, e, mais tarde, na Sociologia das Organizações e na Ciência Política.

Considerava-se que não existia diferença entre a administração escolar e a de qualquer outro tipo de organização, devendo apenas ser adaptadas as características gerais das Ciências da Administração às características específicas da administração escolar.

Neste sentido, e segundo Barroso (2005), “(...) a Administração Educacional nasceu sob o signo da inutilidade ou da redundância”. (Pg. 12), uma vez que já existiam disciplinas que disponibilizavam teorias que interpretavam o que se passava nos serviços de administração e nas escolas, pondo em causa a sua pertinência, a sua indispensabilidade e até a sua própria identidade.

Até aos anos 50, os estudos sobre a Administração da Educação eram quase exclusivos dos E.U.A. e só a partir desta década é que se começa a intensificar a sua formação universitária como disciplina e campo de estudo.

A partir do momento em que a escola passa a ser considerada como uma organização com características próprias e com interesse teórico empírico, surge aquilo que Barroso (2005) denomina de um “intenso debate teórico e epistemológico” (Pg. 15). O objectivo consistia em construir uma teoria própria para a Administração Educacional, através do contributo de outras ciências sociais, (como a Sociologia das Organizações, a Psicologia ou a Antropologia) aplicadas ao estudo das organizações e da administração em geral.

Neste sentido, a Administração Educacional começa a abandonar a sua dependência de outras disciplinas, de forma a transformar-se numa disciplina com teorias próprias.

Segundo Canário (1996, cit. in Barroso, 2002) esta é composta por “uma transversalidade que não permite encerrá-la no domínio específico de uma disciplina científica, ou mesmo de uma área disciplinar das Ciências da Educação” (Pg. 278).

Em Portugal, uma área de estudos identificada com a Administração Educacional é relativamente recente, surge apenas em finais dos anos 80, início dos anos 90, conhecendo hoje uma notoriedade (tanto ao nível da formação como da investigação) e uma visibilidade social crescentes que, segundo Barroso (2005) “(...) estão intimamente ligadas ao desenvolvimento de políticas educativas de descentralização e autonomia das escolas e de reforço da sua componente de gestão (...)” (Pg. 13).

1.2 A Intervenção educacional nas autarquias locais

Durante o Estado Novo as atribuições educacionais das autarquias locais eram reduzidas. A sua responsabilidade consistia sobretudo na construção, conservação e manutenção das escolas primárias, o que já era um grande encargo devido à falta de meios.

Segundo Pinhal (2003a) “foi sobretudo com a instituição do regime democrático que começam a ser criadas condições para alterar substancialmente o quadro de impotência das autarquias locais” (Pg. 4).

Contudo, foi um processo lento e, segundo este autor (2003b), a sua real intervenção na educação só ganha relevância nos últimos quinze anos, após uma longa e quase total ausência de competências educacionais próprias com “influência significativa nas características e na qualidade do serviço público local de educação” (Pg. 22).

Actualmente a sua intervenção acontece devido a um conjunto de competências próprias (embora algumas ainda mal tenham sido assumidas) que vêm do final da década de 90 e também devido às iniciativas autónomas que tomam.

Conforme a Constituição da Republica Portuguesa, “as autarquias locais são pessoas colectivas públicas de base territorial dotadas de órgãos representativos, que visam a prossecução de interesses próprios das populações respectivas” (art.º 237.º, n.º 2).

A satisfação destas necessidades constitui as suas atribuições, “(...) ou, por outras palavras, os seus objectivos, interesses, fins, ou finalidades” (Tavares, 2000, Pg. 49).

Segundo a Carta Europeia de Autonomia Local, as autarquias podem regulamentar e gerir, sob sua responsabilidade, e com vista ao interesse da população, uma parte importante dos assuntos públicos, não devendo ser responsabilidade do Estado tudo aquilo que possa ser decidido e executado a nível autárquico.

Para prossecução das suas atribuições, as pessoas colectivas públicas dispõem de órgãos, a quem a lei confere poderes ou competências para a prática de actos, executados pelos respectivos serviços públicos. As atribuições e a organização das autarquias locais, bem como a competência dos seus órgãos, serão reguladas por lei, de acordo com o princípio da descentralização administrativa.

Contudo, existem necessidades de maior complexidade que podem exigir ou aconselhar a sua atribuição a especialistas. Assim, segundo Tavares (2000) “(...) as autarquias locais podem administrar as necessidades públicas a seu cargo indirectamente, através de outras pessoas colectivas públicas (v.g. institutos públicos ou empresas públicas) a quem são conferidos atribuições específicas (que, por natureza, pertenceriam àquelas pessoas colectivas públicas)”, através de uma devolução de poderes.

As autarquias locais têm legitimidade democrática e, umas mais que outras, condições que lhe permitem desenvolver tarefas complexas. Deste modo, segundo Pinhal (2003b) “é, portanto, natural, que assumam um papel-chave no desenvolvimento dos seus

territórios, garantindo a especificidade da intervenção pública em diversos domínios, entre os quais o domínio da educação” (Pg. 22).

A escola já não é só do Estado, mas da responsabilidade das comunidades. Neste sentido, localmente são definidos objectivos e estratégias a atingir, pelo que as autarquias locais são de extrema importância para o local.

Cada vez mais se verifica um aumento das competências das autarquias locais, uma vez que o Estado deixa competências que lhe pertenciam e estas têm autonomia para desenvolverem programas próprios, quer a nível de decisão, quer a nível de execução, embora sejam muitas vezes condicionados por regulamentação imposta pelo Estado.

Em Portugal Continental existem três tipos de autarquias locais: as freguesias, os municípios e as regiões administrativas (ainda não criadas). Na ausência destas são os municípios que têm maior importância tanto em termos de poder de decisão política, como da sua expressão financeira.

Contudo, nesta minha exposição focar-me-ei sobretudo nas Freguesias e no seu órgão executivo, a Junta de Freguesia.

As Juntas de Freguesia

A Junta de Freguesia é um órgão executivo colegial da Freguesia que aplica os planos e as deliberações aprovadas pelo órgão deliberativo, a Assembleia de Freguesia.

A Freguesia é uma pessoa colectiva de população e território (de base territorial), de fins múltiplos, que são as suas atribuições. Como consta na Lei nº 159/99, de 14 de Setembro, a educação é uma das suas atribuições.

Segundo Bravo (2000) “as freguesias são jurisdições pequenas com reduzidas atribuições próprias, podendo também executar tarefas nelas delegadas pelos municípios respectivos” (Pg. 44). Dispõem de dois órgãos: um órgão colegial deliberativo com competências de orientação, regulamentação e fiscalização – a Assembleia de Freguesia (nas freguesias mais pequenas é substituído pelo plenário de cidadãos eleitores) e o órgão executivo de gestão permanente dos assuntos da Freguesia – a Junta de freguesia, constituída por um Presidente e por Vogais, cuja quantidade depende do número de eleitores inscritos.

A Junta de Freguesia de Carnide é composta por 4 Vogais, sendo que dois deles exercem as funções de Secretário e de Tesoureiro.

A Lei n.º 2/2007 de 15 de Janeiro que delibera o regime financeiro dos municípios e das freguesias, estabelece no artigo 2.º, que ambos têm património e finanças próprias, cuja

gestão compete aos respectivos órgãos. As verbas previstas nas Juntas de Freguesia provêm de quatro origens principais:

- a) Transferências da Administração Central – Fundo de Financiamento às Freguesias (FFF);
- b) Fontes de rendimento associadas às competências próprias das Juntas de Freguesia (por exemplo taxas, multas, licenciamento de caniços, etc);
- c) Os resultados e fundos transitados de anos anteriores.
- d) Transferências da Administração Local (no caso de Carnide, da Câmara Municipal de Lisboa), por diversos tipos e possibilidades de protocolos, incluindo ainda a delegação de competências.

Segundo a Lei n.º 159/99 de 14 de Setembro (artigo 15.º) por via do instrumento de delegação de competências e mediante um protocolo a assinar com o município (e a ser aprovado e assinado pela Assembleia de Freguesia), a Junta de Freguesia pode realizar investimentos atribuídos ao município.

Deste modo, as freguesias são autónomas relativamente aos municípios, assim como o município é autónomo em relação ao Estado. Municípios e freguesias estão sujeitos a tutela de legalidade, meramente inspectiva, visando verificar se respeitam a lei.

Segundo o princípio de subsidiariedade, que enforma a organização do Estado Português, as responsabilidades públicas devem ser exercidas pelas autoridades mais próximas dos cidadãos. Neste sentido, as Juntas de Freguesia encontram-se numa posição privilegiada que lhes permite identificar problemas e criar dinâmicas de envolvimento dos diversos actores locais. Contudo, nem sempre exercem todas as responsabilidades públicas locais, dada a sua dimensão e capacidade.

Segundo a Lei N.º 169/99 de 18 de Setembro, com as alterações introduzidas pela Lei N.º 5-A/2002 de 11 de Setembro, é da competência da Junta de Freguesia:

- Fornecer material de limpeza e de expediente às escolas do 1º ciclo do ensino básico e estabelecimentos de educação pré-escolar;
- Apoiar ou participar, pelos meios adequados, no apoio a actividades de interesse da Freguesia de natureza social, cultural, educativa, desportiva, recreativa ou outra;
- Prestar a outras entidades públicas toda a colaboração que lhe for solicitada designadamente em matéria de estatística, desenvolvimento, educação, saúde, acção social, cultura e, em geral, em tudo quanto respeite ao bem-estar das populações;

Segundo a Lei n.º 159/99 compete aos órgãos municipais, entre outras responsabilidades:

- Assegurar a gestão dos refeitórios dos estabelecimentos de educação pré-escolar e do ensino básico;
- Apoiar o desenvolvimento de actividades complementares de acção educativa na educação pré-escolar e no ensino básico;
- Participar no apoio à educação extra-escolar e à ocupação de tempos livres;

Contudo, a Junta de Freguesia de Carnide está a assumir estas atribuições municipais, através de protocolos estabelecidos com a Câmara Municipal de Lisboa.

No primeiro caso, a gestão dos refeitórios, implica disponibilizar um serviço de refeições e a contratação e gestão de pessoal da cozinha e auxiliar que garanta o funcionamento dos mesmos. Este assunto é regulamentado no Despacho n.º 22251/2005 de 25 de Outubro, que foi alterado com o Despacho n.º 18987/2009, de 17 de Agosto.

A Junta de Freguesia em estudo responsabiliza-se por esta função. Contudo, foi feita uma parceria (conceito desenvolvido no próximo tópico) com a PROACT, que fica encarregue de gerir as cantinas escolares, enquanto os Monitores da Componente de Apoio à Família se encarregam do supervisionamento desse período.

As actividades de Enriquecimento Curricular e a Componente de Apoio à Família (abordadas mais pormenorizadamente no 2.º capítulo) inserem-se no desenvolvimento de actividades complementares de acção educativa na educação pré-escolar e no Primeiro Ciclo e no apoio à ocupação de tempos livres. Ambas foram descentralizadas pelo município de Lisboa.

Conforme a Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto, art.º 26.º, a educação extra-escolar “(...) tem como objectivo permitir a cada indivíduo aumentar os seus conhecimentos e desenvolver as suas potencialidades, em complemento da formação escolar ou em suprimimento da sua carência”, numa perspectiva permanente e dinâmica.

No âmbito do Projecto Carnide Educa a Tempo Inteiro, que proporciona a ocupação das crianças ao longo de todo o ano civil, são inúmeras as actividades realizadas, desde a Componente de Apoio à Família, às Actividades de Enriquecimento Curricular, até às Animações de Natal, de Páscoa e de Verão, em que as crianças podem estar ocupadas, através de tempos não escolares, mas pedagogicamente enriquecedores.

Deste modo, é possível afirmar que esta autarquia tem desenvolvido políticas educativas para as quais não tem obrigação legal. Apesar das escassas atribuições educativas que são atribuídas por lei às Juntas de Freguesia, a de Carnide vai mais além, agindo para além das poucas competências que lhe são confinadas por lei.

Assim, os processos de descentralização tornam-se uma realidade incontornável, assumindo o local um papel de extrema relevância no bom funcionamento das políticas educativas locais. Neste sentido, é possível afirmar que a Junta de Freguesia de Carnide consiste numa organização educativa e a Freguesia de Carnide é um território educativo. Quanto à sua composição, esta organização tem no topo da sua linha hierárquica o Presidente da Junta, seguido de Vogais, depois os Técnicos Superiores e, na base, o restante pessoal.

A sua estrutura é mista, ou seja, possui características da estrutura formal e da informal. Apesar de serem determinadas as metas e previstos os resultados, são também tidas em consideração as necessidades e motivações dos seus elementos, existindo constantemente uma interacção e uma comunicação espontâneas, e os procedimentos e as atitudes são tidas consoante cada necessidade e situação específica.

Esta organização educativa é sobretudo democrática, uma vez que a população é constantemente ouvida, não só através das necessidades que apresentam, como das próprias decisões que vão sendo tomadas, tendo voz activa no Conselho Consultivo de Educação, onde lhes é dada a possibilidade de se manifestarem. Contudo, apresenta também algumas características de cariz burocrático, uma vez que ostenta uma estrutura de autoridade bem definida e certos procedimentos definidos por normas e regulamentos definidos à priori.

As Parcerias educativas locais

A parceria é considerada uma relação entre actores que partilham interesses comuns que, de algum modo, sejam possíveis de articulação. Pode existir uma partilha de recursos (humanos, financeiros ou materiais), para que, através da realização de tarefas e sua consequente avaliação (mesmo que informal), se possa atingir os objectivos pretendidos. Deste modo, uma parceria local consiste na constituição de uma rede de relações existentes ao nível do território, com o objectivo de valorizar as potencialidades do mesmo e de contribuir para um determinado bem comum (o objectivo da parceria).

Neste conceito está incluída uma responsabilidade mútua, uma partilha de riscos e de benefícios. Contudo, deve existir um acordo acerca dos objectivos, que devem ser bem definidos e clarificados e das tarefas a realizar, podendo a natureza dos mesmos divergir consoante o tipo de intervenções desenvolvidas por cada um dos parceiros. Segundo

Diana Andrade (2010) “os resultados não decorrem de uma mera justaposição de tarefas, mas sim da sua articulação” (Pg. 35)

Para que exista uma parceria deve ser feito um diagnóstico que possibilite uma análise da realidade e assim possa identificar necessidades e possíveis limitações.

Segundo Carrilho (2008) a parceria consiste no “processo através do qual dois ou mais actores se relacionam com base nos pressupostos-chave que têm tradução na dinâmica subjacente” (cit. in. Andrade, 2010, Pg. 38), através da realização de protocolos estabelecidos entre ambas as partes, o que se pode verificar no âmbito educativo.

Ao longo do ano, nos projectos que vão sendo desenvolvidos pela Junta de Freguesia de Carnide esta Junta, enquanto entidade promotora, estabelece parcerias com várias instituições educativas.

Sempre que possível, são assinados protocolos de cooperação com instituições locais, com o objectivo de reforçar um trabalho realizado em parceria, de forma a criar melhores condições para o seu desenvolvimento e para o alargamento de importantes serviços de apoio à população, onde nem sempre estão envolvidos apoios financeiros, mas o trabalho conjunto, o uso de equipamentos ou a cedência de instalações, algumas na própria sede da Junta, transformando-se esta “num verdadeiro centro comunitário e cívico”.

Verifica-se ainda uma vontade constante de trazer para a escola as instituições locais, envolvendo ambas. Assim, mesmo em pequenas intervenções, sabem que podem contar com o apoio da Junta. O investimento que é feito e o trabalho desenvolvido em parceria são características fundamentais desta autarquia.

Deste modo, é possível garantir um trabalho de maior qualidade, adaptando as actividades à realidade local e promovendo estas instituições, consistindo num bom exemplo de como o Poder Local se relaciona, de forma tão autêntica e participativa, com o Movimento Associativo Local.

1.3 A Territorialização das Políticas Educativas

Com a evolução das sociedades modernas o centro passa a deixar de conseguir controlar, com eficácia, todo o sistema educativo. Assim, verifica-se uma crescente intervenção local como forma de detecção e solução dos problemas da sociedade, o que sugere os conceitos de descentralização e de territorialização.

Deste modo, tanto as autoridades locais como as escolas e a própria comunidade passam a assumir um papel de crescente relevância nos processos de desenvolvimento do local,

devendo para isso adoptar políticas educativas próprias que se adequem às necessidades e às características do território educativo, mas que respeitem as orientações nacionais.

A ideia de território educativo aparece em Portugal, pela primeira vez, em 1989, nos trabalhos de preparação da reforma educativa, na sequência da aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo.

A área de influência de cada território educativo deve ter em consideração as condições geográficas, a acessibilidade da região e a sua densidade populacional, uma vez que deve facilitar o contacto entre os vários estabelecimentos educativos, com base numa construção colectiva. Para o interesse de todos, deve ser definido um projecto educativo local que contribua para o desenvolvimento do território, devendo integrar os projectos educativos de cada escola num território mais vasto, na área de influência do poder local. É através da dinamização destes territórios educativos que podemos abordar a territorialização das políticas educativas.

Este é um conceito difuso que espelha o conflito de legitimidades entre o Estado e a Educação a partir do século XX, passando de um controlo monopolista e hierárquico do primeiro, para uma relação negociada da sociedade, através de uma valorização e afirmação dos poderes locais, da mobilização local dos actores e da contextualização da acção educativa. Assim, segundo Barroso (2005), este conceito implica um conflito de legitimidades entre o público e o privado, entre o interesse comum e os interesses individuais e entre o Central e o Local.

Para este autor é fundamental que os poderes de decisão se repartam pelos diferentes níveis da administração, de forma a encontrar respostas colectivas para os problemas educativos locais e, consequentemente, a adoptar processos de tomada de decisão que incentivem a participação de todos os cidadãos.

Esta situação implica uma conciliação de interesses e uma acção colectiva, activa, por parte de diversos actores, com vista a um bem comum. Assim, devem ser intervenientes deste processo todos os interessados locais, as diversas organizações locais no âmbito da educação e da formação, as escolas e as autoridades locais com o objectivo de desenvolverem “(...) processos de negociação e de concertação dos seus interesses particulares, nem sempre coincidentes à partida” (Pinhal, 2003b, Pg. 22).

Neste sentido, a territorialização das políticas educativas traduz uma concepção de democracia, promovendo a participação de todos e também um reforço da autonomia local, de um projecto comum e de uma descoberta de parcerias.

Em Portugal, a territorialização das políticas educativas faz-se, sobretudo, através da desconcentração do Ministério da Educação, das associações entre escolas, do aumento das competências das autarquias locais e da autonomia e participação local na gestão das escolas públicas e na construção de oportunidades de educação e formação.

Segundo Formosinho (2004) a ligação da escola ao território local “(...) retoma o sentido da acção das populações locais que esteve na origem e desenvolvimento da escola antes de esta vir a ligar-se directamente a um Estado que, através dela, procura a sua legitimação”. (Pg. 8)

Através da sua identidade e da sua autonomia, as escolas podem identificar-se com um determinado território educativo, associando-se a outras escolas, de forma a poderem resolver problemas comuns a ambas, através de um processo dinâmico e criativo, que deve ser conduzido pelas próprias escolas, segundo a sua situação específica.

Modelos de territorialização

Segundo Pinhal (2003c) é possível considerar a existência de dois modelos distintos de territorialização.

No primeiro executam-se localmente as políticas e as normas nacionais, podendo as mesmas ser adaptadas às características locais. Assim, são transferidas para as organizações locais novas tarefas executivas e de coordenação, acentuando a dimensão meramente administrativa da descentralização, com uma autonomia local limitada.

No segundo, verifica-se a existência de verdadeiras políticas locais, devolvendo ao local, dentro dos limites definidos por Lei, a capacidade de poderem conceber e regulamentar a satisfação dos seus interesses e necessidades. Esta descentralização pode ser de base comunitária ou institucional.

No primeiro caso, existe uma comunidade local politicamente organizada, que funciona segundo o princípio da autonomia local. As organizações associam-se à concepção e realização de políticas públicas e projectos locais, num sistema de educação de carácter público e colectivo, onde todos devem participar, sendo reforçada a base comunitária “(...) se for possível associar os órgãos das autarquias e as organizações locais na concepção e na realização das políticas, assim se aprofundando o exercício da democracia”. (Pinhal, 2004, Pg. 3)

No segundo caso, existe uma concepção mais liberal. Cada uma das organizações locais é dotada de autonomia na definição do seu projecto, não tendo que obedecer a nenhuma lógica colectiva.

As Políticas Educativas públicas locais

Para que haja política deve estar em causa uma organização colectiva que seja regulada por estatutos e leis.

O conceito de política pública incide sobretudo nas intervenções de uma autoridade que se revista de legitimidade governamental sobre um determinado domínio específico do território ou da sociedade e que procure o equilíbrio do sistema em que se insere.

Toda a política está ligada a um poder que deve ser legítimo e que exprima a opinião maioritária dos cidadãos, devendo existir um projecto definido de forma explícita e consciente. No domínio da educação, deve revestir-se de características específicas e fundamentais para a sua definição.

O conceito de política pública pode ser visto numa perspectiva sociológica e construtivista, como o produto de um processo social.

O estudo das políticas educativas e da organização escola tem como referência teórica principal a Administração Educacional e a Sociologia das Organizações, ambas emergidas a partir de meados do século XX.

A definição das políticas de administração educativa em Portugal tem-se baseado, desde o final da década de 80, na sua territorialização e na centralidade da escola.

Segundo Pinhal (2003c), esta centralidade tem sido promovida pelo destaque que tem sido dado aos conceitos de autonomia e de projecto educativo de escola, o que “(...) concretiza um paradigma da administração da educação pelo qual a escola é considerada o “centro das políticas educativas” (preâmbulo do D. L. n.º 115-A/98, de 4 de Maio cit. in. Pinhal, 2003c, Pg. 1). Estes conceitos desenvolveram-se porque a escola começa a dirigir as suas políticas a uma determinada comunidade que passa assim a ter direito em participar na definição das mesmas e na própria gestão da escola.

Para que exista uma política educativa local, é necessário que o âmbito de intervenção vá para além das modalidades escolares de formação e que se verifique uma descentralização efectiva e autonomia no sistema educativo, de forma a que, localmente, possam ser elaborados projectos e mobilizados agentes e recursos.

A política pública da educação não se restringe apenas à intervenção governamental, mas também à participação dos actores que integram, participam e se movimentam pelo espaço público da educação, através da conjugação da suas diferentes perspectivas.

Quando a ciência política se focava apenas no estudo do Estado, as políticas públicas eram redutoras, focando-se apenas nos dispositivos formais de governação.

No entanto, à medida que este deixa de ser o foco central e as relações de poder começam a ser focadas, o conceito de política pública passa a abranger outros actores e instâncias de decisão, quer em contextos formais, de nível infra-estatal, quer em contextos informais, tendo em conta a definição e resolução de problemas colectivos.

Segundo Afonso, as políticas públicas de educação têm como função garantir que se concretizem de acordo com o interesse público, ou seja, “com os interesses colectivos indivisíveis de uma comunidade ou sociedade”. (Pg. 10).

À medida que a sociedade se foi complexificando e a educação “(...) adquirindo um papel cada vez mais central nas trajectórias de mobilidade social e na gestão do mercado de trabalho” (Afonso, Pg. 11), tornou-se fundamental a construção de políticas orientadas para responder às novas exigências educativas.

Nas últimas décadas do século XX as políticas públicas tornaram-se num instrumento de gestão da mudança em educação, deixando para trás a função exclusiva de garantia de estabilidade e de conformidade.

Conforme Afonso “(...) cada política pública em educação é um programa de acção, um tema, que se declina em múltiplas variações, constituindo um todo articulado e interactivo de interpretações, prescrições e estratégias em relação a um aspecto específico da provisão da educação” (Pg. 1).

O Projecto educativo local

A educação contribui para o processo de desenvolvimento local. A descentralização do Estado implica uma repartição dos poderes entre o centro e a periferia, passando-se assim de uma lógica estatal para uma lógica comunitária, que deve envolver toda a comunidade local na definição e controlo social da escola bem como na definição de uma política educativa local, possibilitando a construção de uma autonomia relativa.

Assim, é necessária a elaboração de um projecto educativo local que, segundo Pinhal (2003b) possa espelhar “(...) o sentido da acção educativa da comunidade e o seu modo peculiar de se organizar e de resolver certos problemas educativos” (Pg. 21), traduzindo

“o conjunto de opções, princípios, finalidades, estratégias e mudanças organizacionais assumidos pela comunidade para o seu território – o território educativo” (Pg. 21).

Deste modo, o projecto educativo local não deve respeitar apenas do que se passa na escola, uma vez que não é só aqui que a educação acontece. Deve contar com a intervenção de todas as organizações educativas. Desde a década de 90 que o projecto se associa à necessidade de interligar as escolas e as organizações, principalmente as de interesse e intervenção na área da educação, que ocupam o mesmo território educativo, através daquilo que Barroso (2005) denomina de “parcerias educativas” (Pg. 138).

Pretende-se com isto reforçar o sistema público de educação, de modo a contribuir para a melhoria do sucesso educativo e formativo dos alunos e de toda a comunidade em geral, dotando-a de responsabilidade no seu próprio desenvolvimento local, através da criação e mobilização de recursos.

No entanto, esta aposta nos projectos educativos locais tem que ter em conta as orientações que são feitas a nível nacional, adaptando-as às suas realidades locais e estabelecendo assim a identidade da própria comunidade educativa.

1.4 Descentralização versus centralização

Estes conceitos referem-se ao modo como é distribuído o poder entre a administração central e local, diferindo no grau de distribuição dos poderes e responsabilidades.

Segundo Tavares (2000) os conceitos de centralização e de descentralização administrativas “(...) respeitam à repartição de atribuições (de necessidades públicas) por várias pessoas colectivas entretanto criadas ou reconhecidas por lei” (Pg. 63).

O conceito de centralização significa que a responsabilidade e o poder de decisão se concentram no Estado ou no topo da administração pública, devendo as restantes entidades da administração “apenas” executar as directivas e ordens do poder central.

Quando a satisfação de todas as necessidades colectivas (quer sejam de âmbito nacional, regional ou local) se encontram a cargo de uma só pessoa colectiva pública (o Estado), não tendo as periferias qualquer responsabilidade, podemos afirmar que estamos perante um sistema centralizado de organização administrativa.

O conceito de desconcentração consiste numa modalidade atenuada da centralização. As principais características desta mantêm-se, apesar de algumas decisões serem tomadas por agentes em posições intermédias ou numa posição inferior da hierarquia.

Contudo, se for admitida a existência de necessidades próprias das populações locais, bem como uma cultura própria, o Estado-colectividade pode devolver competências ao nível local, que assim se torna responsável por certas políticas, estando-se assim perante um sistema descentralizado. Neste caso, as decisões são confiadas a agentes que não dependem do governo mas de órgãos colegiais que representam uma parte da população. Ambos os sistemas apresentam as suas vantagens e desvantagens. No centralizado existe uma garantia da unidade da acção do Estado e da coordenação da actividade administrativa; verificando-se uma uniformização das soluções adoptadas.

Contudo, isto pode levar a uma uniformização das soluções adoptadas e a impessoalidade na tomada dessas decisões. Assim, esta situação acaba por ser desvantajosa, uma vez que torna demorada as tomadas de decisão.

O sistema descentralizado apresenta como principal vantagem o facto das decisões poderem ser adequadas a cada contexto local, existindo uma maior proximidade entre quem as toma e quem as aplica. Neste sentido, é o mais adequado à satisfação das necessidades públicas e aquele que permite às autarquias intervir mais activamente.

Segundo Pinhal (2003a) a descentralização dos sistemas centralizados acontece essencialmente por três motivos.

Em primeiro lugar, o facto de se tornar muito difícil uma intervenção eficaz e o controlo dos poderes centrais, devido à crescente complexidade dos subsistemas sociais.

Em segundo, devido à necessidade de uma maior participação das comunidades locais, com vista ao seu desenvolvimento, através da gestão e mobilização dos seus recursos.

Por último, o fácil acesso à informação característico da sociedade moderna, que leva a uma maior exigência, capacidades de reivindicação e intervenção dos seus “elementos”.

Quando existe descentralização de competências significa que passa a existir maior autonomia e independência financeira, porque mais recursos são colocados à disposição das comunidades, que podem utilizá-los segundo as suas opções.

Em Portugal, a Constituição da República Portuguesa de 1976 define que “o Estado é unitário e respeita na sua organização e funcionamento o regime autonómico insular e os princípios da subsidiariedade, da autonomia das autarquias locais e da descentralização democrática da Administração Pública” (art.º 6.º).

Se considerarmos o facto de se assistir à passagem de um Estado Educador para um Estado Regulador, o ideal será assegurar um equilíbrio entre medidas descentralizadoras

para as autarquias, para as escolas e para as comunidades locais e medidas reguladoras para o Estado.

1.5 Escola a Tempo Inteiro

Esta política surge através do Despacho n.º 12591/2006 de 16 de Junho, e tem por objectivo encontrar respostas sociais e educativas que respondam às novas necessidades e desafios da vida da sociedade portuguesa contemporânea, às suas mutações constantes e, conseqüentemente, a uma maior credibilização da escola pública. Estas respostas devem abranger todas as famílias, independentemente dos seus recursos.

Devem ser criadas condições que permitam aos alunos do ensino pré-escolar e do Primeiro Ciclo (através da Componente de Apoio à Família em ambos os casos e das Actividades de Enriquecimento Curricular apenas no segundo) ter um maior e melhor acompanhamento, através de um espaço de acesso a recursos para todas as crianças.

Estes tempos de permanência devem ser pedagogicamente ricos e complementares das aprendizagens associadas à aquisição de competências básicas, devendo ainda oferecer a novas oportunidades de aprendizagem e, assim, qualificar o ensino com o objectivo de melhorar os resultados.

Neste conceito estão implícitas as “áreas curriculares nucleares, que devem ocupar 70% do tempo lectivo, mas também as actividades de enriquecimento curricular (já referidas), o fornecimento de refeições e o melhoramento, ou possíveis adaptações, dos espaços escolares já existentes ou da construção de novos edifícios. Pretende-se uma ocupação integral do tempo, alargado, dedicado à ocupação escolar, onde devem ser integrados “(...) o lectivo, curricular, obrigatório, assegurado pelo Estado; e o não lectivo, do enriquecimento curricular de frequência facultativa assegurado predominantemente pela autarquia, sob financiamento do Estado”. (Pires, 2007, Pg. 79).

Segundo Cosme (2007), esta medida pode abrir portas a uma política equitativa socialmente, permitindo a crianças de meios sócio-económicos mais desfavorecidos beneficiar de experiências educativas que, de outra forma, lhes seriam inacessíveis. Assim, garante que a escola “(...) se construa como um espaço capaz de contribuir para a democratização cultural da sociedade em que nos inserimos”. (Cosme, 2007, Pg. 15). Contudo, isto leva a que haja um aumento do tempo escolar e uma redução da existência de verdadeiros “tempos livres”.

Apesar destas actividades serem de carácter facultativo, Ariana Cosme e Rui Trindade (2007) referem que o Despacho n.º 12591/2006 traduz a possibilidade de uma hiperescolarização da vida das crianças, uma vez que, no que respeita às actividades de enriquecimento curricular, verifica-se um carácter muito mais de complemento curricular do que de animação de tempos livres.

Segundo estes autores, a própria designação de Professores, adoptada no mesmo Despacho, para se referir aos animadores destas actividades, traduz-se num comprovativo de que houve, de facto, um alargamento do tempo de educação formal. Para eles, a questão não é a possibilidade de as escolas incluírem novas valências educativas que promovam a ocupação dos tempos livres, mas sim se é realmente desejável e necessário que o tempo e o espaço da educação formal sejam alargados e se seria esta uma opção inevitável, o único modelo educativo possível.

Infelizmente, não vislumbro uma melhor forma de responder às novas exigências da sociedade. No entanto, estes tempos deveriam ser não lectivos e facultativos e não “quase obrigatórios” como são percepcionados. Esta questão leva-me a acreditar que as normas segundo as quais estes tempos foram criados não estão a ser adoptadas de forma correcta, o que se traduz, de facto, numa hiperescolarização.

Na minha perspectiva, considero que a implementação do ensino do inglês seria suficiente a partir apenas do ensino básico. As restantes actividades deveriam ter um carácter mais flexível e de maior diversão do que têm actualmente.

Quanto à Componente de Apoio à Família, parece-me que existe uma preocupação constante em orientar as actividades e as crianças acabam por se sentir pressionadas porque os amigos estão a fazer isto ou aquilo. Apesar de ser dada liberdade às crianças de fazerem o que quiserem, as actividades em que se envolvem estão sempre a ser orientadas, através dos seus conteúdos pedagógicos, de objectivos e até de regras.

Apesar das directrizes serem iguais para todos, diferem na forma como são percepcionadas e até aplicadas por cada Coordenador.

No entanto, é necessário pensar em cada contexto por si, uma vez que, no caso da Junta de Freguesia de Carnide, que alberga públicos desfavorecidos, esta é uma forma de proporcionar às crianças o acompanhamento que não têm em casa, mantendo-as ocupadas e não lhes dando tempo sequer de enveredar por outro tipo de caminhos.

Deste modo, e tendo em conta que estas actividades são cada vez mais de responsabilidade local, é de extrema relevância estudar cada público e cada contexto e, consoante o mesmo, definir as directrizes a adoptar.

Contudo, considero fundamental encontrar estratégias que permitam a todos os actores percepcioná-las, na realidade, como um tempo não escolar.

1.6 A Cidade Educadora

No início da década de 90, o município de Barcelona começou a confrontar-se com problemas complicados resultantes não só da crise política, mas também dos fluxos da imigração, de onde emergiram diversas culturas, que originaram situações novas de exclusão social e de marginalização. Este confrontou-se com novos desafios quanto ao modo de governar a cidade, tendo que “(...) promover estratégias conducentes a minorar os efeitos de uma suburbanização crescente (...)” (Guedes, 2005, Pg. 21).

Neste sentido, o município de Barcelona convoca o 1.º Congresso das Cidades Educadoras em 1990, de forma a induzir uma reflexão acerca da intervenção da cidade na educação dos seus habitantes, trabalhando em projectos e actividades que melhorassem a qualidade de vida dos seus habitantes, implicando-os, segundo Pereira (2005) “no uso e evolução da própria cidade”.

Este movimento ganha forma jurídica em 1994, com a criação da Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE), no âmbito do III Congresso Internacional de Cidades Educadoras realizado em Bolonha. Estas cidades são representadas pelos municípios, que se associam com o intuito de promover e partilhar experiências de âmbito educativo “(...) através de estratégias e metodologias enriquecedoras para o trabalho das autarquias”. (Pereira, 2005, Pg. 115).

Assim, as autarquias locais passam a desempenhar um novo papel, definindo-se como “(...) administrações relacionais e liderando projectos territoriais de desenvolvimento que congregam todos os agentes e recursos disponíveis, funcionando como catalisadoras das possibilidades e energias do território (Pereira, 2005, Pg. 88).

Deste modo, pretende-se promover a educação para a diversidade, potenciar o intercâmbio entre cidades, cuidar da qualidade dos espaços, infra-estruturas e serviços, considerar a qualidade de vida como objectivo e criar um Banco Internacional de Experiências Educativas, facilitando o intercâmbio a novas experiências.

Para além de educação formal, a educação é também um processo informal e permanente, existente em todos os lugares e em todas as fases da vida, com o intuito de proporcionar uma maior qualidade de vida a todos os sectores da população, aumentando e multiplicando as suas oportunidades de aprendizagem.

Deste modo, o espaço onde esta ocorre reveste-se de elevada importância, uma vez que se torna detentor de inúmeras potencialidades educativas.

Assim, “(...) urge (re) valorizar o espaço comunitário, que para além de ser físico, social e económico, deve ser também cívico-educativo” (Pereira, 2005, Pg. 19)

Segundo a filosofia de Cidade Educadora, a educação não é responsabilidade apenas do Estado, da família e da escola, mas também dos municípios, das empresas, associações e de todas as instâncias da sociedade. Passa assim a existir uma nova conceptualização de cidade, ou seja, um espaço educador, onde se exerce e se aprende a cidadania.

Durante muito tempo, pensar na relação da cidade com a escola significava pensar no apoio que a primeira poderia conceder à segunda. Contudo, percebeu-se que a escola por si só faz relativamente pouco, sendo crucial o estabelecimento de parcerias com outras instituições a fim de definirem estratégias de intervenção. Não excluindo nem desvalorizando a escola, a cidade vai além desta, pois engloba uma visão ampla e transversal da educação, que implica a participação de todos os actores locais.

Apesar de possuir uma identidade própria, a cidade estabelece uma inter-relação território nacional-local e passa a ser detentora de muitas das funções da escola, que deixa de ser a principal fonte de educação/formação: “Hoje, mais do que nunca, a cidade, seja ela pequena ou grande, dispõe de inúmeras possibilidades educativas. Ela contém em si mesma, de uma maneira ou de outra, elementos essenciais para uma formação integral” (Pinto, 2004, Pg. 148, *In Carta das Cidades Educadoras*).

Assim, a cidade transforma-se num agente educativo (repleta de agentes educadores), através da sua multiplicidade de espaços educativos, formais e informais, onde todos os seus habitantes e intervenientes na dinâmica da mesma, são responsáveis por um projecto global no qual se insira uma educação responsável e inclusiva para todos.

Na cidade educadora todos ensinam e todos aprendem, através de um processo de socialização. Assim, os cidadãos “organizam-se em associações que, a partir da pluralidade de opções culturais e sociais, constituem o tecido activo e dialogante da cidade” (Toni Puig, 1994, cit. in. Pereira, 2005, Pg. 85).

Segundo Pinto (2004) o lugar politicamente mais próximo dos cidadãos é o município. No entanto, apesar das suas reduzidas competências em termos legais, são as Juntas de Freguesia que melhor conhecem as potencialidades do seu território e as necessidades dos seus cidadãos: “Da freguesia depressa se chega ao município. E o município é já uma ponte para o país e para o mundo” (Pinto, 2004, Pg. 146).

Segundo Canário (1999, cit. in. Pereira, 2005, Pg. 58) a educação deve ser um eixo estruturante do desenvolvimento local e, em simultâneo, este deve consistir num processo educativo. A cidade transforma-se num pilar de desenvolvimento, com carácter pedagógico, que torna possível a criação de amplos espaços de acção educativa.

O próprio indivíduo participa de forma interventiva, através de uma linguagem comum, que visa dar resposta à comunidade e passa a ser entendido como agente de desenvolvimento, ao invés de um produto da educação. Para que este conceito não se esgote numa utopia, deve ser pensado e executado um projecto integral (que tenha em conta as dimensões do desenvolvimento pessoal e social) e integrador (que promova a inclusão de todos os membros da comunidade).

Também a escola e o território devem ter um projecto comum, através de uma estratégia conjunta, em que participem todos os responsáveis pela comunidade local.

Em 2008, a Junta de Freguesia de Carnide foi convidada a apresentar os seus projectos educativos no X Congresso Internacional das Cidades Educadoras, realizado na cidade de S. Paulo, Brasil, entre 24 e 26 de Abril, sob o tema “Construção de Cidadania em Cidades Multiculturais”. Os três seleccionados pela Junta, entre os quais Carnide Educa a Tempo Inteiro (que será abordado no próximo capítulo) foram escolhidos para serem apresentados como experiências no Congresso.

Capítulo 2

A Junta de Freguesia de Carnide

“um lugar único e mágico...

Entre o velho e o novo

O antigo e o moderno

O urbano e o rural” (Paulo Figueiredo, 2005, Pg. 1)

Neste capítulo começo por caracterizar a Freguesia de Carnide, a forma como se divide, bem como a sua caracterização demográfica e socioeconómica.

De seguida será abordado o seu órgão executivo, ou seja a Junta de Freguesia de Carnide. Neste sentido, focar-me-ei na sua estrutura e organização interna e na forma como se divide o pelouro da educação, bem como os principais projectos e actividades educativas que o constituem.

Por último, será feita uma breve alusão às organização e instituições de Carnide.

2.1 Caracterização da Freguesia de Carnide

A Freguesia de Carnide é uma das maiores (a sexta) e das mais antigas do concelho de Lisboa, em extensão e em população, abrangendo uma área de 4.017 km².

Carnide caracteriza-se pelos seus contrastes, entre o urbano e o rural, o moderno e o antigo, os bairros sociais e os de classe média/média alta, a terceira idade e a juventude.

Situa-se no extremo norte do concelho de Lisboa, fazendo fronteira com outras freguesias e concelhos limítrofes: a norte com a Pontinha e Odivelas, a nordeste com o Lumiar, a sul e sudoeste com Benfica, a Sueste com S. Domingos de Benfica, sendo os limites que a separam do Lumiar e de S. Domingos de Benfica pouco claros.

O território de Carnide começou a ser sistematicamente organizado a partir do século I, com explorações agrícolas sob a forma de vilas rústicas. Entre os séculos VII e XII a sua ocupação foi intensificada com a consolidação de pequenos casais e o desenvolvimento de hortas e pomares, que abasteciam regularmente a cidade de Lisboa.

Por volta de 1279 procedeu-se a uma organização religiosa e administrativa, onde se forma uma vasta paróquia rural.

Após o terramoto de 1755 houve um enorme acréscimo populacional, transformando-se num dos lugares preferidos da aristocracia lisboeta, não só pelas suas quintas reais e nobres, para onde se deslocavam sempre que fomes e epidemias atingiam a cidade, mas também pelos seus ares, considerados fortes e saudáveis.

Em 1840 é criado o Concelho de Belém no qual a Freguesia é incluída. Contudo, o mesmo é extinto em 1885 e esta passa a integrar o concelho dos Olivais, situação que se manteve apenas até 22 de Julho de 1886, data na qual se incluiu definitivamente no Município de Lisboa. Os seus limites administrativos foram definidos, na sua forma actual, em 1959, antes da intensificação do seu crescimento populacional.

A revolução do 25 de Abril em 1974 teve em Carnide um dos seus pontos chave, uma vez que foi no Regimento de Engenharia 1 (conhecido como Quartel da Pontinha), que os oficiais comandaram as operações da Revolução do 25 de Abril.

Esta Freguesia caracteriza-se por um espaço historicamente disperso, mas orgânico, tendo sido envolvida, nos últimos anos, no processo de crescimento urbano da capital, embora de uma forma acelerada e nem sempre uniforme ou programada de forma correcta, sendo por isso desarticulada funcional e urbanisticamente, com uma composição de aglomerados de qualidade distinta no que se refere à sua edificação e concentração habitacional, devido aos modos e às épocas de formação distintas em que foram criados e distanciados entre si.

Segundo Paulo Figueiredo (2005), foi a abertura da estação do Metropolitano do Colégio Militar/Luz, em 1988, que fez aumentar a pressão urbana sobre a Freguesia, uma vez que começaram a existir construções que descaracterizam o núcleo antigo. Em 1997 é aberta ao público a estação de Carnide.

Esta é uma Freguesia com história, tradição e património, que contagia todos os que por lá passam, vivem ou trabalham. Apesar da sua profunda evolução, não esquece o seu passado, orgulhando-se da sua história e de todo o seu património. No entanto, segundo Figueiredo (2005) a sua maior riqueza continuam a ser as suas gentes.

A freguesia de Carnide é composta por Carnide Centro, Bairro Padre Cruz e Horta Nova, sendo os dois últimos bairros sociais, onde reside cerca de metade da população. Cada um deles tem as suas características próprias. Por serem distantes, torna-se necessário

criar estruturas de apoio nas três áreas, sendo por isso impossível centralizar o serviço da Junta de Freguesia de Carnide.

Carnide Centro

Carnide Centro tem a zona de Carnide histórica. Apesar de existir aqui um elevado número de população idosa, existem casas que estão a ser restauradas por jovens e também construções recentes, que vêm dar uma nova vida ao bairro. Estas construções são de classe média, média alta, daí ser um bairro mais heterogéneo, uma vez que abrange a zona mais antiga e a mais moderna. No que se refere aos encarregados de educação, e comparativamente aos outros dois bairros, são considerados por um dos Coordenadores (abordado no próximo capítulo) da CAF como pessoas com mais informação, que se impõem mais e questionam mais o trabalho desenvolvido com os seus educandos, sabendo falar melhor e estar com as pessoas.

Bairro Padre Cruz

É um bairro social e surgiu nos anos 60, voltando a ter um enorme crescimento na década de 90. Actualmente é o maior da Península Ibérica, com cerca de oito mil habitantes, encontrando-se afastado de tudo, na periferia da cidade. Em épocas distintas já passou por três processos de realojamento, estando actualmente a passar por mais um.

O Bairro Padre Cruz é um bairro multicultural, com uma população complicada, com famílias com muitos filhos e muitas delas monoparentais ou disfuncionais. O seu status socioeconómico é baixo e cerca de metade da população vive do rendimento mínimo.

No que se refere ao acompanhamento das crianças, é o bairro mais problemático. Muitas vezes são os tios ou os avós que se responsabilizam pelas crianças.

Apesar de ainda existir alguma negligência e algumas crianças e jovens ao abandono, e de ser um bairro que vivia da marginalidade, nota-se uma evolução na sua cultura e na sua realidade actual, já tendo passado, segundo o Coordenador A a sua pior fase. No entanto, apesar de alguns problemas existentes, o mesmo Coordenador refere “O Bairro é como a Junta, quem vem para o Bairro e quem vem para a Junta já não quer sair (...) envolve-se de tal maneira que dificilmente quer sair (...)”. Outro dos Coordenadores, residente no Bairro, refere também “Já habito lá há doze anos e, à semelhança de outros bairros sociais eu acho que o nosso bairro está bastante mais à frente”.

Bairro da Horta Nova

Este bairro surge no início da década de 70. É também um bairro social, apesar de consideravelmente mais pequeno que o anterior. A sua componente social resume-se a três ou quatro ruas, havendo por isso uma maior intensidade de participação da parte de alguns moradores e parceiros institucionais.

Este começou por ser um bairro de construções que supostamente seriam provisórias, mas em que as pessoas foram ficando. No entanto, foram crescendo à sua volta edifícios que são por exemplo da EPUL jovem e até num dos extremos do bairro, habitações quase de luxo, o que se traduz num contra-senso.

Segundo o Coordenador D estas últimas construções “(...) não são um corpo estranho no bairro mas quase, é como se fossem duas populações que não se misturam muito, salvo raríssimas excepções”. Assim, de há dez anos para cá tem-se tornado num bairro bem localizado geograficamente, por ser assimilado por aquilo que está à sua volta.

Contudo, tem também questões sociais muito complicadas, existindo algumas famílias desestruturadas e uma falta de acompanhamento dos jovens na escola pelos pais, situação que tem vindo a melhorar, notando-se um maior envolvimento destes, uma vontade de melhorar e uma evolução no seu saber estar.

Caracterização demográfica e socioeconómica da Freguesia

Carnide é uma Freguesia que tem vindo a crescer de forma constante em termos demográficos, continuando em expansão populacional, ao contrário do que acontece com o resto da cidade de Lisboa.

Segundo Figueiredo (2005), o seu maior crescimento verificou-se na década de 60 com um aumento de 95,3%. Em 1900 esta Freguesia teria 1.813 residentes, tendo actualmente, segundo dados recolhidos através do último censo (2001), 18.989 habitantes, ou seja, 10 vezes mais população.

Deste total de moradores, 9.975 são do sexo feminino e 9.014 do sexo masculino. Entre os 0 e os 49 anos encontram-se 13.215 habitantes, o que demonstra que Carnide é uma freguesia com uma população jovem e bastante equilibrada no que respeita ao género.

Da população total de Carnide, encontram-se empregadas 8.889 pessoas, das quais 5.755 entre os 25 e os 49 anos. No que se refere ao desemprego, existem 631 habitantes nesta condição, 339 do sexo masculino e 292 do sexo feminino, havendo mais incidência deste indicador na faixa dos 20 aos 24 anos.

Relativamente aos estudantes, a maioria tem entre 15 e 29 anos (1.524), enquanto o índice mais elevado de reformados, aposentados ou na reserva (905) se verifica na faixa dos 75 anos ou mais, com 297 indivíduos do sexo masculino, o que se traduz numa população muito activa.

Sobre a população doméstica, a maior ocorrência verifica-se entre os 45 e os 64 anos de idade, recaindo na totalidade sobre a população feminina (264).

Predominam as famílias clássicas residentes (6.494) com dois (1.860) ou três (1.711) residentes; ou seja, “conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (...) entre si (...)”, bem como “(...) qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento.

Dos edifícios existentes, cerca de 55% foram construídos entre 1946 e 1970, apesar de ainda se verificarem edificações anteriores a 1919.

Existem na Freguesia 7.005 alojamentos familiares de residência habitual, sendo que 5 não possuem electricidade, 60 não dispõem de acesso a água e 65 não têm esgotos.

Esta é uma Freguesia de contrastes, onde cerca de 50% da população reside em bairros sociais, possuindo uma grande diversidade socioeconómica, sendo o seu principal sector de actividade económica o comércio e serviços.

2.2. A Junta de Freguesia de Carnide

Estrutura e organização interna

O edifício sede da Junta de Freguesia de Carnide encontra-se situado no Largo das Pimenteiras e foi-lhe cedido em 1979.

Nesta autarquia o actual mapa de pessoal (que pode ser consultado em http://www.jf-carnide.pt/xms/files/Utentes/Informacao_util/novo_mapa_de_pessoal_-_1.pdf) conta com 59 funcionários, 28 por tempo indeterminado, 8 a tempo certo e 23 a termo resolutivo. Na educação desenvolvem funções 25 funcionários: 2 Técnicos de Educação da Junta, 5 Coordenadores de CAF e de AEC's e 18 Monitores de CAF.

A equipa é relativamente jovem (de idade, mas sobretudo de mentalidade), com formação ou experiência em cada uma das suas áreas. Muitos dos funcionários já aqui trabalham há alguns anos, tendo começado alguns deles por trabalhos de ocupação de tempos livres e foram ficando e integrando outros projectos, cada vez mais ambiciosos.

O espaço onde trabalham os Técnicos dos diferentes pelouros é amplo, não há divisórias e “toda a gente sabe praticamente tudo o que os outros estão a fazer” (Coordenador E).

Segundo o Boletim Informativo desta autarquia (Número 90, ano IX) existe uma grande preocupação com a área social, nomeadamente com os pelouros da educação, cultura, desporto, acção social, juventude e gabinete do idoso. Contudo, a área da educação é uma das suas prioridades desde 1998, havendo um grande investimento na mesma, como poderemos visualizar mais à frente, na Figura 1.

A Junta de Freguesia de Carnide preocupa-se em satisfazer as necessidades de toda a sua população e vai ao encontro disso, trabalhando para a comunidade, mas sobretudo envolvendo-a nesse processo, tornando-os actores da sua mudança.

Em todos os bairros a população assume um papel activo, organizando-se em torno dos diversos projectos que decorrem. Deste modo “Carnide é hoje um “lugar-referência” em muitas áreas e um caso ímpar de trabalho em e com a comunidade” (Boletim Número 90, ano IX, Pg. 7) onde as fragilidades se transformam em potencialidades.

Existe ainda uma vontade permanente por parte desta autarquia em proporcionar um convívio constante entre toda a população e uma troca de saberes e de experiências entre as várias faixas etárias, como por exemplo em iniciativas entre crianças e idosos.

Deste modo, são organizadas actividades para todas as gerações, desde os projectos educativos com crianças (alguns abordados ao longo deste trabalho), aos encontros de idosos (promovendo o intercâmbio entre os moradores dos diversos bairros da freguesia), que vão desde excursões a saídas nocturnas, ou formações, com o objectivo de promover o convívio, mas sobretudo o seu enriquecimento cultural, existindo ainda uma grande oferta para a população jovem.

Carnide vive o espírito comunitário, assim como os laços de vizinhança e de inter-ajuda. Os bairros quase ganham vida própria e os Carnidenses, no âmbito da gestão participada, participam activamente no desenvolvimento da sua comunidade. Assim, são convidados a dar sugestões, no sentido de melhorar a Freguesia em que residem, uma vez que “Uma comunidade é fruto do seu trabalho e do envolvimento das suas Gentes. O desenvolvimento passa por uma forte participação cívica das populações”. (Figueiredo, 2005, Pg. 7).

Esta autarquia envolve também os seus funcionários nos seus projectos “(...) basta falar... nós podemos dizer “Eu gostava de participar nisto” e estamos lá e envolvem-nos completamente e sentimo-nos envolvidos logo nas coisas (...)” (Coordenador E).

O Coordenador A menciona mesmo que alguns Professores com quem trabalha referem que a Junta de Freguesia de Carnide parece uma Câmara Municipal, pela diversidade de

actividades que desenvolve, pelo modo como está organizada. Também o Coordenador C menciona que em Carnide a população “(...) sabe o que é uma Junta e sabe para o que é que esta Junta existe e o que é que esta Junta faz”.

Apesar das alterações que vão ocorrendo naturalmente em termos de directrizes políticas e funcionais que determinam o funcionamento da Junta, o Coordenador D refere que sempre existiu uma grande lealdade institucional e que esta tem crescido muito, a todos os níveis, com muitas capacidades e ambições o que faz com que, apesar das motivações pessoais de cada um “(...) não pode deixar de se sentir algum orgulho em estar nesta autarquia, em ser funcionário da autarquia”.

O Pré-escolar e o Primeiro Ciclo da Freguesia de Carnide

Na Junta de Freguesia de Carnide existem dois agrupamentos de escolas. O primeiro, de S.Vicente/Telheiras, integra escolas das freguesias do Lumiar, do Campo Grande e de Carnide. É constituído por quatro estabelecimentos: Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos de Telheiras n.º 2 (Escola-Sede); Escola Básica do 1.º Ciclo n.º 121 e Jardim de Infância Campo Grande n.º 1; *Escola Básica do 1.º Ciclo Prista Monteiro e Jardim de Infância Horta Nova*; e *Escola Básica do 1.º Ciclo Luz – Carnide e Jardim de Infância Largo da Luz*. O segundo agrupamento é o Padre Cruz e é constituído pela *Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pelo Jardim de Infância* e pela Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos, todas do Bairro Padre Cruz.

Assim, na rede pública, esta Freguesia abrange três Jardins de Infância e três escolas de Primeiro Ciclo, que possuem os serviços da Componente de Apoio à Família e as Actividades de Enriquecimento Curricular. No terreno, todo o trabalho é seguido diariamente pelos Coordenadores das mesmas e acompanhado pelas Técnicas de Educação da Junta (todos eles apresentados no próximo capítulo).

Às Sextas-feiras realizam-se reuniões de coordenação de CAF, de forma a fazer um balanço semanal. Nestes momentos existe um apoio mútuo, através da partilha constante de experiências. São feitas sugestões de estratégias de resolução dos conflitos que vão surgindo no dia-a-dia, com o objectivo de manter o serviço sempre com um elevado nível de qualidade, para uma constante satisfação de todos os seus intervenientes, não só os pais e as crianças, como todos os funcionários nele envolvidos.

Nos finais de período é feita ainda uma reunião de avaliação das AEC's, onde estão presentes as Técnicas de Educação da Junta, os Coordenadores das AEC's e os

Professores das mesmas, de forma a poder perceber os pontos positivos e os que devem ser melhorados, sempre com o intuito de fazer mais e melhor.

Além da rede pública, a Freguesia de Carnide conta ainda com creches semi-públicas, IPSS e de rede privada, bem como Jardins de Infância privados e IPSS, as quais decidi não abordar neste trabalho, uma vez que não tive grande contacto com as mesmas.

2.2.1 O pelouro da educação da Junta de Freguesia

Conselho Consultivo de Educação

Este Conselho foi criado em 1998 pela Junta de Freguesia de Carnide e é um órgão informal de consulta, que reúne mensalmente os responsáveis de todas as instituições locais, Técnicos e eleitos da autarquia, num espaço de cooperação e gestão articulada. Nestas reuniões são abordados assuntos de carácter pedagógico e de auxílio à intervenção dos profissionais, e da dinâmica da comunidade educativa, onde participam os representantes das escolas, das associações de pais, dos ATL's, das forças de segurança, da área da saúde, entre outros. Este Conselho tem como principais objectivos a partilha de informação na área da educação, promovendo actividades e projectos em parceria, discutir e encontrar soluções inovadoras e dar a conhecer os projectos desenvolvidos pela autarquia, de forma a articular o trabalho.

O Conselho Consultivo de Educação é responsável pelos Projectos Educativos e ainda pela escolha do tema que irá ser trabalhado ao longo do ano na área da educação, nomeadamente no Corso de Carnaval e na Feira de Expressões Artísticas.

Plano Anual de Actividades para 2010

Todos os anos é pensado e executado um Plano Anual de Actividades (o de 2010 pode ser consultado em <http://www.jf-carnide.pt/xms/files/Assembleia/PLANO2010.pdf>).

As Grandes Opções do Plano surgiram na sequência da adopção do Plano Oficial de Contabilidade das Autarquias Locais (POCAL), constituindo um dos documentos previsionais obrigatórios das autarquias locais.

Tendo em conta que o POCAL permite a elaboração de outros documentos além dos nele indicados como obrigatórios, desde que sejam considerados relevantes para a gestão da autarquia, a Junta de Freguesia de Carnide entendeu integrar o Plano Anual de Actividades como um dos capítulos das Grandes Opções do Plano.

Este Plano e o Orçamento para 2010 (abordado no tópico seguinte) surgem com base num profundo e amplo debate de ideias e de propostas, tendo em conta a realidade da Freguesia, as suas necessidades e prioridades. Para isto, houve um envolvimento dos Grupos Comunitários, do Conselho Consultivo de Educação, das instituições locais e da própria população, no âmbito do programa da Gestão Participada.

Para 2010 foi seguida uma linha de continuidade com o trabalho realizado anteriormente, tendo no entanto o objectivo de o melhorar, inovando e corrigindo algumas carências. O trabalho realizado pela Junta é pensado numa lógica de realização de projectos inter-institucionais, inter-disciplinares e inter-pelouros, desenvolvendo um trabalho em parceria com todas as instituições locais e entidades públicas.

Outra das prioridades desta junta de Freguesia é o relacionamento autarquia/população, numa lógica de participação cidadã, onde a população pode ser ouvida, através da própria participação democrática dos Carnidenses num debate permanente. Assim, aposta-se numa constante divulgação de informação, através do Boletim Informativo da Junta (publicado em papel e on-line) e do próprio site da Junta.

Dentro da área da educação, este Plano integra o Conselho Consultivo de Educação, a equipa de coordenação técnica, os órgãos de gestão das escolas, as creches, os Jardins de Infância, o Ensino Básico, os equipamentos e serviços socioeducativos, os programas, projectos, actividades e eventos socioeducativos, as cantinas escolares (geridas pela PROACT), os agentes educativos, as associações de pais e encarregados de educação, o ensino recorrente e as novas oportunidades e a segurança escolar.

Orçamento para 2010

A Figura 1 consiste no orçamento definido pela Junta de Freguesia de Carnide para o ano civil e financeiro de 2010. Para a sua realização foram definidas as necessidades e objectivos mais urgentes de intervenção, quer ao nível interno, quer ao nível externo. Assim, existiu uma ponderação acerca dos programas e acções a desenvolver, da experiência de trabalho dos últimos anos e dos meios financeiros de que irá dispor para este ano, numa procura da conciliação de ambos. No entanto, é necessário, antes de mais, ter em conta as despesas obrigatórias e de funcionamento e os recursos existentes de forma a chegar aos recursos financeiros para as despesas não obrigatórias.

Deste modo, pode notar-se um investimento na área da educação de 720.000,00 euros, que inclui o funcionamento de todos os Centros de Actividades de Tempos Livres, a

dinamização das Actividades de Enriquecimento Curricular no Primeiro Ciclo, os programas de animações de Natal, Páscoa e Verão, o apoio às visitas de estudo a todos os alunos do Primeiro Ciclo e do Jardim de Infância da rede pública, a organização de vários projectos educativos, entre muitas outras acções. Este valor não é comparável ao de nenhuma das outras áreas consideradas, sendo a educação, segundo a própria Junta de Freguesia de Carnide, uma aposta com mais de dez anos.



Figura 1 – Orçamento da Junta de Freguesia de Carnide para 2010

2.3 Principais Projectos e Actividades Educativas

2.3.1 Projecto Carnide Educa a Tempo Inteiro

Cada vez mais se verifica uma necessidade de adaptar os tempos de permanência dos alunos na escola às necessidades das famílias, garantindo que estes sejam pedagogicamente ricos e complementares das aprendizagens associadas á aquisição das competências básicas.

Neste sentido, a Junta de Freguesia de Carnide surge como entidade promotora do projecto Carnide Educa a Tempo Inteiro, sendo implementado e promovido num

contexto comunitário, permitindo dar resposta às famílias ao longo de todo o ano civil, tentando procurar estratégias e acções que promovam a melhoria da qualidade de vida, “(...) num verdadeiro espírito de Freguesia Educadora onde mais do que aprender a Fazer se Aprende a Ser! A Ser mais escola, mais Comunidade e mais Cidadão, num processo de Educação para a democracia!.” (X Congresso Internacional de Cidades Educadoras/São Paulo/24-26.4.2008, com a participação do Presidente da Junta Paulo Quaresma, da Vogal da Educação Teresa Martins e de dois Técnicos da Junta).

Com este projecto, serão asseguradas a todas as crianças a dinamização de actividades de Enriquecimento Curricular (AECs), a dinamização de actividades da Componente de Apoio à Família (CAF) e a ocupação dos tempos livres de interrupção lectiva do Jardim de Infância e Primeiro Ciclo, através de actividades lúdico-pedagógicas, as Animações de Natal, de Carnaval e de Páscoa.

Este é um trabalho coerente e contínuo, realizado com as instituições de educação da freguesia, objectivando uma proximidade e harmonização com a população heterogénea de Carnide, visando a interculturalidade e a justiça social, bem como a ocupação das crianças ao longo de todo o ano. Este projecto começou em 2006 e, em 2008, envolvia as 225 crianças dos Jardins de Infância e as 825 crianças do Primeiro Ciclo, sendo bastante apreciado pelos congressistas. Actualmente, ainda se mantém, ao longo de todo o ano civil, das 8h00 às 20h00.

De seguida, abordarei cada uma das actividades que integram este projecto. Contudo, aprofundarei a Componente de Apoio à Família, uma vez que foi aquela onde mais participei ao longo do estágio e na qual incide o meu projecto de investigação (último capítulo), abordando por isso algumas perspectivas mais directas dos seus intervenientes.

2.3.1.1 Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC`s)

Segundo a Junta de Freguesia de Carnide, a promoção das AEC`s contempla o direito de todas as pessoas à educação, em diversas vertentes, numa perspectiva ampla de justiça social, civismo democrático e promoção da qualidade de vida dos seus habitantes” (Ficha de inscrição ao X Congresso Internacional das Cidades Educadoras/São Paulo/24-26.4.2008, Pg. 2).

Tendo em conta a necessidade de as escolas disporem de oferta de actividades de complemento educativo, ocupação de tempos livres e apoio social e na sequência do Decreto-Lei N.º 144/2008, de 28 de Julho, procedeu-se a uma descentralização de

competências para os municípios em matéria de educação, com o intuito de obter avanços claros e sustentados na qualidade das aprendizagens dos alunos.

As Actividades de Enriquecimento Curricular foram delegadas pela Câmara Municipal de Lisboa à Junta de Freguesia de Carnide, sendo adaptadas as novas orientações do Ministério da Educação à realidade desta Freguesia.

Para que este projecto se tornasse efectivamente exequível, foi necessário contar com o envolvimento de toda a comunidade local, tendo ainda o apoio financeiro do Ministério da Educação e a parceria com os dois Agrupamentos de Escolas da Freguesia.

O Despacho n.º 14460/2008 (2.ª série) de 26 de Maio estabelece que a supervisão pedagógica e o acompanhamento da execução das AEC's compete aos Professores titulares de turma, em conjunto com os Professores das mesmas, devendo ser previstas horas para trabalho conjunto, com o objectivo de garantir a sua qualidade e articulação com as actividades curriculares.

O trabalho que tem sido desenvolvido pela autarquia nas escolas, tem promovido o diálogo e o trabalho conjunto entre os Professores titulares de turma e os Professores das AEC's e outros agentes educativos, tal como as Associações de Pais.

Estas actividades são gratuitas e vão muito além da mera ocupação de tempos livres. A sua frequência depende da inscrição por parte dos encarregados de educação, nunca se podendo sobrepor à componente curricular. As actividades ocorrem após o horário lectivo e até às 17h30. Após este horário, serão ainda asseguradas actividades de animação e de apoio à família.

Este tipo de educação deve ser estruturado de forma a facultar processos de desenvolvimento e de aprendizagem que estimulem e desafiem a criança a progredir e a alcançar níveis de desenvolvimento e de aprendizagem, que não atingiria sozinha.

As AEC's são seleccionadas de acordo com os objectivos definidos no Projecto Educativo do agrupamento de escolas e dos projectos curriculares de escola e de turma (ao nível da sua concepção, desenvolvimento e avaliação), devendo constar do Plano anual de Actividades e tendo por suporte as Orientações Programáticas para cada actividade, divulgadas no site da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (GDIDC) ou, na ausência destas, no Currículo Nacional de Ensino Básico.

Entre o Ministério da Educação, através da Direcção Regional de Educação competente e cada entidade promotora é celebrado um documento (contrato-programa) onde consta o

montante da comparticipação concedida, o objectivo a que se destina e as obrigações específicas a que cada entidade fica sujeita.

Nas escolas e Jardins de Infância abrangidos pela Junta de Freguesia de Carnide as AEC's ministradas são as seguintes: apoio ao estudo, ensino do inglês, actividade física e desportiva, exploração rítmica e musical e expressão dramática e movimento.

Para a consecução destas actividades a Junta (entidade promotora) estabeleceu parcerias com várias Instituições (designadas por entidades parceiras).

O Grupo de Teatro de Carnide e a Associação Tenda são, em conjunto, responsáveis pelo ensino da expressão dramática e movimento; O Clube Atlético e Cultural (C.A.C) é a entidade parceira na prática de actividade física e desportiva; O ensino do inglês é realizado através da parceria com a associação Know-HOW e, por último, a Associação Tenda responsabiliza-se (além da partilha de responsabilidade na expressão dramática e movimento com o Grupo de Teatro de Carnide) pela actividade de expressão musical.

A cada uma destas associações parceiras cabe a concepção de um programa e o recrutamento de um corpo de profissionais qualificados e habilitados na condição de Professor do Primeiro Ciclo, tendo assim autonomia para a gestão das mesmas. A Junta só intervém quando se verifica alguma situação que o justifique e na articulação do trabalho realizado entre os Professores titulares de turma e os Professores das AEC's.

2.3.1.2 Componente de Apoio à Família (CAF)

Esta Componente surge sobretudo devido à evolução do quadro social e familiar que tem influenciado as medidas de orientação política, sobretudo na educação pré-escolar. Pai e mãe trabalham fora de casa, as famílias são cada vez mais pequenas e limitadas ao casal e aos filhos, e os avós, cada vez com mais frequência, ou ainda estão empregados ou vivem longe, o que leva a uma constante reorganização da educação pré-escolar.

As actividades de apoio à família consistem em actividades educativas e integram todos os períodos para além das 25 horas lectivas e que, de acordo com a lei, sejam definidos com os pais no início do ano lectivo por necessitarem que os seus filhos permaneçam no estabelecimento. Aqui estão incluídas, sempre que tal se justifique, as entradas, os tempos após as actividades curriculares e/ou pedagógicas, os períodos de interrupções curriculares e os próprios almoços.

Deste modo, este serviço não consiste numa resposta apenas para os pais, mas para as próprias crianças, devido à importância que tem para o seu desenvolvimento.

Os Coordenadores D e E referem a existência de alguma indefinição acerca do que é a CAF, do que se deve ou não fazer, uma vez que é um conceito relativamente recente, com o intuito de substituir o antigo ATL e, segundo os mesmos, ainda não existe muita informação documentada neste sentido.

Conforme o Despacho N.º 14460/2008 (2.ª série) de 26 de Maio, a CAF pode ocorrer no Primeiro Ciclo sempre que as necessidades das famílias assim o justificarem. Em Carnide este é integrado por crianças tanto do Primeiro Ciclo como do Pré-Escolar. Contudo, uma vez que os primeiros têm ainda as Actividades de Enriquecimento Curricular, acabam por frequentá-lo durante menos tempo. Apesar das orientações serem iguais, são adaptadas aos dois tipos de ensino, ocorrendo em espaços diferentes, com actividades distintas

Ainda segundo o mesmo Despacho, a supervisão pedagógica e o acompanhamento destas actividades são da competência dos Educadores titulares de grupo, devendo existir horas para trabalho conjunto, de modo a garantir a qualidade das mesmas, considerando os objectivos do projecto Educativo do Agrupamento, o Plano de Actividades e Projecto do Jardim-de-Infância, os Projectos Curriculares de sala e os Planos de Actividades da Junta de Freguesia de Carnide.

Contudo, estas decisões não são tomadas apenas pelos Educadores, implicam todo o estabelecimento ou vários estabelecimentos educativos sendo, por isso, de natureza organizacional. A própria instituição deve encontrar as soluções mais pertinentes para a sua população, tendo em conta as características da comunidade em que está inserida.

O conceito de CAF é associado à brincadeira livre, contudo, procura-se também instrumentos para o desenvolvimento global da criança, estimulando a criatividade, a autonomia, a socialização, a capacidade de observação e a descoberta, o gosto pela expressão e espírito de iniciativa.

Apesar de consistir num processo educativo informal, uma vez que a criança tem a liberdade de escolher o que quer fazer, este tempo deve ter uma forte preocupação educativa, sem ser uma repetição ou prolongamento do tempo curricular.

Pretende-se garantir o enriquecimento de experiências de vida de todas as crianças, devendo estas ser intervenientes e com opções de escolha na forma como retiram prazer dos seus tempos livres, desempenhando um papel activo na construção do seu desenvolvimento e de todo o processo educativo.

Segundo o Coordenador D o CAF deve ser um espaço lúdico, de brincadeira, proporcionando bons momentos às crianças, para que sejam o mais felizes possíveis e “(...) que se calhar aliviem um bocado do dia intenso que já tiveram até ali”.

O Coordenador E refere ainda que “(...) o que continua a ser importante é que eles tenham espaço para dizer “Eu quero deitar-me e ficar de papo para o ar”, para se organizarem, para pensarem, para relaxarem, para descomprimirem. Ou então que eles possam dizer “Eu hoje só quero brincar””.

De manhã, o serviço de CAF funciona das 8h00 às 9h00, horário no qual as crianças vão para as aulas de Primeiro Ciclo ou para o Jardim de Infância. No primeiro caso as aulas terminam às 15h00 e das 15h15 às 17h30 decorrem as AEC's, funcionando a CAF posteriormente até às 19h00, 19h30 ou 20h00, consoante as necessidades detectadas em cada bairro. No segundo caso, a CAF é muito mais alargada.

As crianças que frequentam o serviço da CAF são provenientes das escolas de ensino público da Freguesia de Carnide, consistindo num público-alvo muito heterogéneo.

Num dos núcleos de CAF da Horta Nova o Coordenador refere que a maior parte das crianças que fazem prolongamento são de classe média. Ainda no mesmo bairro (mas noutro serviço de CAF) e num dos do Bairro Padre Cruz, dois Coordenadores referem que a situação é mista, uma vez que se por um lado as crianças que beneficiam são aquelas cujos pais trabalham e não as conseguem ir buscar antes, por outro, como os preços são adaptados às condições socioeconómicas das famílias, alguns pais que não têm grande necessidade de usufruir deste serviço acabam por beneficiar dele “(...) até para passarem um bocadinho mais tempo no café, porque se calhar algumas delas até não estão empregadas, ou até saiem mais cedo dos trabalhos do que isso”.

Os Coordenadores A e E referem mesmo que este serviço, para alguns pais, consiste num “depósito de crianças”, onde as “depositam” logo de manhã e “levantam” quando não têm mais nenhuma opção.

Já em Carnide Centro a situação é diferente e o seu Coordenador refere que o público-alvo são filhos de pais que precisam mesmo, por terem horários muito alargados “E mesmo assim há pais que têm folgas e nesses dias de folga os meninos por exemplo não vêm, ficam com o pai, ou ficam com a mãe”.

No Bairro da Horta Nova existe ainda a sala TEACCH (*Treatment and Education of autistic and communication handicapped children*). Este é um método americano e consiste numa abordagem comportamental que tem como objectivo facilitar a

aprendizagem do indivíduo com autismo a partir do arranjo ambiental, ensino estruturado e comunicação alternativa. No entanto, como ainda não existe valência para uma integração destas crianças com o restante grupo nas actividades de enriquecimento curricular, as duas crianças autistas são acompanhadas na sala TEACCH por um Monitor, funcionando esta CAF em paralelo às AEC's.

Relativamente à escolha e planificação das actividades, são as Técnicas de Educação da Junta que, no início do ano, as adaptam consoante as orientações nacionais. Contudo, os Coordenadores têm autonomia para, juntamente com a sua equipa de Monitores, as adaptar ao seu público-alvo e definir a melhor forma de as trabalhar. Existem pequenos trabalhos diários que nem sempre decorrem de uma planificação rígida, mas de uma orientação geral do trabalho. Assim, “Há Monitores que têm autonomia para dinamizarem uma actividade naquele dia, no outro fazerem outra coisa ou preparem outra coisa, não é estanque” (Coordenador D).

Segundo o mesmo Coordenador os dias são mais ou menos estruturados. No entanto, se surgir uma outra actividade pode-se fazer, uma vez que “(...) já têm o seu tempo demasiado estruturado, nós tentamos não seguir bastantes regras, deixarmos um bocado ao...pronto, deixá-los escolher o que é que querem fazer, mas de uma forma orientada, digamos assim...Brincam connosco, mas de uma forma orientada”.

O Coordenador A afirma mesmo que “Eles têm uma carga lectiva muito preenchida (...) eles precisam de brincar, estão numa idade em que precisam de brincar”.

Apesar da escolha e da planificação das actividades ser feita no início do ano lectivo, existem actividades pontuais que vão sendo programadas consoante as necessidades.

Na Componente de Apoio à Família são criados espaços de convívio, de brincadeira e de formação, onde as crianças podem realizar actividades plásticas ou de expressão dramática, colagens, jogos, desenhos, decorações, tendo à sua disposição brinquedos, livros e materiais diversos para que possam brincar, jogar, criar, de forma variada, pedagógica e com um carácter lúdico. No entanto, são também organizadas actividades em dias específicos, como o Carnaval, a Páscoa, o Dia do Pai ou da Mãe e outros dias internacionais de comemoração.

Segundo o Coordenador E “(...) a forma como nós os motivamos para fazer, entre aspas, os tais trabalhos, faz com que muitos deles, não são todos (...) nos pedem ou que nos dizem que querem trabalhar, querem fazer alguma coisa, querem ser orientados a fazer alguma coisa, o tal trabalho plástico, aquelas coisas”.

Apesar das inúmeras vantagens deste serviço existem também alguns aspectos menos positivos. A precariedade de trabalho existente faz com que, segundo o Coordenador E, as equipas não estabilizem. Alguns Monitores só trabalham três ou quatro horas por dia e, muitas vezes, nem chegam a terminar o ano lectivo porque arranjam algo a tempo inteiro, o que se torna muito prejudicial para o serviço de CAF, que perde bons profissionais e para as crianças, que deixam de ter aqueles adultos como referência e sentem por vezes que foram abandonados. Também os pais deixam de ter um determinado elemento como referência. Deste modo, “(...) o papel educativo fica muito aquém do que seriam as potencialidades, porque não há condições”.

Segundo o documento de Organização da Componente de Apoio à Família, este serviço apesar de responder às necessidades sobretudo dos pais, destina-se às crianças, devendo por isso ter em conta o seu bem-estar.

No entanto, “Acontece que, organizada por adultos, as crianças, os seus interesses e desejos ficam por vezes esquecidos. Cabe-lhes também ter uma palavra na organização deste tempo”. (Pg. 70). Esta é também uma preocupação do Coordenador E “a verdade é que nós fingimos que eles escolhem. E isso preocupa-me, porque continuamos a organizar-lhes a vida e depois ficamos muito admirados porque eles não sabem crescer e não se sabem organizar”.

Os Coordenadores A e C consideram que, apesar de nem sempre se verificarem as condições desejáveis, tem sido feito um excelente trabalho, opinião partilhada pelo Coordenador D: “Penso que efectivamente prestamos um bom serviço, normalmente as famílias estão-nos reconhecidas”.

Este serviço consegue, de facto, modificar a vida de algumas famílias, proporcionando às crianças actividades que, fora dele, não teriam a possibilidade de ter, correndo até o risco, algumas delas, de ficarem ao abandono: “No fim-de-semana vemos que os meninos estão na rua, passam imenso tempo na rua, sem uma actividade. E eu acho que a CAF lhes proporciona uma actividade que se não houvesse CAF eles não teriam esse tipo de actividades, estariam ao abandono (...)” (Coordenador B).

Para algumas famílias desestruturadas a equipa de Monitores e Coordenadores constitui mais um elemento de educação do que a própria família, no sentido de criar laços de afecto, uma vez que, segundo o Coordenador E “(...) muitas crianças não tinham mais nenhuma referência em termos emocionais, eram de tal forma negligenciadas que aquela era a ligação emocional que eles tinham permanente”.

Deste modo, e apesar da precariedade de trabalho atrás referida, os Coordenadores são unânimes em afirmar que as crianças os têm (e aos Monitores) como referências, como amigos, como heróis, sabem que podem contar com eles para o primeiro problema que surja, que podem confiar neles, o que lhes transmite uma enorme segurança.

Quando questionados acerca dos aspectos que poderiam melhorar neste serviço, o Coordenador C referiu a formação de alguns Monitores, uma vez que apesar de a Junta fazer formações, nem sempre estes se mostram disponíveis. Há uma grande aposta em Monitores de bairro e “(...) falta-lhes muita coisa, muito o saber estar, muito o ter o que eu chamo o jogo de cintura, que é o saber dizer as coisas de uma forma...às vezes a rirmo-nos e na brincadeira e falarmos com os pais, há maneiras de falar. E eu acho que lhes faz muita falta isso, é uma das lacunas” (Coordenador C).

Todos os Coordenadores foram unânimes em afirmar que, de um modo geral, tem sido feito um excelente trabalho e que os pais, no dia-a-dia, se mostram bastante satisfeitos..

2.3.1.3 Animações de Natal, Verão e Páscoa

Estas animações estão também inseridas no Projecto “Carnide Educa a tempo Inteiro”. O seu principal objectivo consiste em proporcionar às famílias uma resposta de qualidade nestes períodos do ano em que as férias das crianças são mais alargadas e os pais se encontram impossibilitados, em muitos casos, de ficar com elas.

A concretização deste programa só é possível com um enorme esforço quer a nível humano, quer a nível financeiro, que permite que o conceito de educação a tempo inteiro seja, de facto, uma realidade nesta Freguesia.

Deste modo, é feita pelas Técnicas de Educação da Junta uma escolha de actividades e locais diversificados, sempre de acordo com os interesses das crianças, subdividindo-se, sempre que necessário, em programas específicos para o pré-escolar e para o Primeiro Ciclo. Estas actividades são o mais diversificadas possível, podendo ser de interesse cultural, desportivo, onde se integram idas à praia, ao cinema, parques, museus, piscina, teatros, actividades desportivas, concertos e diferentes ateliers em várias áreas.

Em cada interrupção, e de ano para ano, existe sempre a preocupação de garantir às crianças programas que primem pela variedade e que garantam diferentes experiências e aprendizagens de vida, através de actividades lúdicas, pedagógicas, enriquecedoras e, simultaneamente, divertidas, que vão ao encontro dos interesses das crianças e respectivas famílias, de modo a proporcionar um desenvolvimento global saudável.

Esta planificação é um processo demorado e complexo. É necessário ter uma ideia da totalidade das crianças inscritas e do orçamento disponibilizado pela Junta, de forma a posteriormente se poderem contactar os locais de interesse.

Contudo, existem muitos aspectos a considerar, tais como a marcação dos dias para que todas as crianças possam visitar os mesmos locais, a programação do dia completo e das suas diferentes actividades, a gestão dos autocarros, dos Monitores e dos Coordenadores, o que só é executável com muito trabalho e boa vontade.

Para a concretização deste projecto, a autarquia conta com a colaboração dos Coordenadores e de cerca de 200 Monitores e voluntários, que proporcionam momentos únicos de convívio e partilha. A própria Junta assegura a formação dos seus colaboradores, através da apresentação e discussão de situações comuns à realidade das animações e respectivas dramatizações para reflexão acerca da melhor forma de agir. Antes das animações decorrerem, são proporcionados momentos de convívio entre todos, para que se possam conhecer e criar uma maior cumplicidade, com vista a formar equipas de trabalho sólidas. Esta formação passa ainda pelas crianças com Necessidades Educativas Especiais e pela sua integração nos diversos grupos.

2.3.1.4 Feira de Expressões

Como já foi referido, a educação é uma das grandes prioridades da Junta de Freguesia de Carnide e a expressão artística é um domínio de aprendizagem nesse sentido.

A Feira de Expressões surge pela primeira vez em 1999, com o objectivo de reunir toda a Freguesia à volta da educação e das artes. Todos os anos é feito um trabalho com a mesma base, mas diferente e único. O tema da Feira de Expressões está sempre associado à temática decidida em Conselho Consultivo de Educação para esse ano lectivo, a qual será desenvolvida ao longo do mesmo em todas as instituições locais de educação, sendo uma iniciativa ímpar na cidade de Lisboa.

Este evento é a maior e a mais importante iniciativa da área de educação na Freguesia, contando com a participação de instituições de diversas áreas, como a acção social e a cultura, numa mostra de trabalho desenvolvido pelas mesmas e pelas escolas, ao longo do ano lectivo, na promoção de ateliers, stands ou animações, promovendo a sua colaboração e trabalho conjunto, com o objectivo de proporcionar às crianças diferentes actividades, animações e surpresas.

Esta feira pretende levar a todas as crianças as áreas das expressões artísticas: o teatro, a música, o movimento, contando com actividades lúdico-pedagógicas que pretendem a diversão de todos os que a visitam, ao longo de quatro dias especiais e mágicos, que transformam o Jardim da Luz num espaço de diversão e aprendizagem.

A sua preparação e dinamização consiste num processo complexo, devido à quantidade de actividades que abrange, à quantidade de parceiros que agrega e à quantidade de público que a visita. Assim, é fundamental a execução de um bom trabalho em nome de Carnide, sempre numa perspectiva de uma Freguesia dinâmica e educadora, que se preocupa com a educação não só das suas crianças, como de toda a sua população.

Este ano a Feira transformou o Jardim da Luz numa Aldeia dos Heróis (“Super Cidadãos, Heróis em Acção”), no seguimento da temática trabalhada nas escolas ao longo deste ano lectivo “Sem Limites...Fazer a Diferença” (o Programa da Feira de Expressões 2010 pode ser consultado no anexo 6)

O principal objectivo consistia em que cada criança percebesse o conceito do que é ser herói no dia-a-dia, enquanto ser humano. Desde o início do ano lectivo as crianças trabalharam com a finalidade de desenvolver poderes, ou seja, pequenos gestos e comportamentos que melhorem a vida de outras pessoas e do planeta, transformando-se em Super Cidadãos, em Heróis em Acção.

Antes da feira foi-lhes atribuído um cartão que levaria várias vinhetas de cores diferentes e a sua participação em alguns desafios proporcionava-lhes a aquisição de uma vinheta. Na Feira de Expressões, através da sua participação nos ateliers, deveriam adquirir as restantes, de modo a poderem tornar-se em heróis, em super cidadãos.

Durante a semana todas as turmas da Freguesia são convidadas a visitar esta aldeia de Heróis (instituições) que contribuem diariamente para melhorar a vida de todos nós. O Sábado foi o dia em que as famílias eram convidadas para visitarem este espaço com os seus filhos, aprendendo e brincando em conjunto.

Ao longo destes dias, à excepção de Sábado, foram sempre passando vários autocarros, contratados pela Junta, com vários percursos, de forma a cobrir as escolas da freguesia, para que todas as escolas tivessem acesso a esta iniciativa.

No anexo 6 é possível consultar o Programa da Feira, de onde constam os diversos stands, ateliers e actuações decorridas ao longo da mesma.

2.3.1.5 Corso de Carnaval

Os objectivos do Corso consistem em proporcionar aos cerca de 1500 participantes dos Jardins de Infância e das escolas de 1.º, 2.º e 3.º Ciclos da Freguesia, assim como às instituições educativas e de acção social, um dia especial, repleto de alegria, animação e surpresas num desfile pelas ruas de Carnide. Assim, todos os anos o Jardim da Luz enche-se de alegria e sorrisos, transformando-se num espaço de encontro, festa e de muita animação e diversão, proporcionando um dia de cor e magia.

Esta iniciativa tem ainda o objectivo promover a colaboração e o trabalho em conjunto entre as várias entidades locais de educação, e de outras áreas de intervenção, dando-lhes a oportunidade de apresentar os seus trabalhos relacionados com a época festiva.

Para que isto seja possível, é necessária uma grande mobilização e envolvimento de toda a comunidade educativa, nomeadamente Professores e Educadores, instituições locais, Professores das AEC's, pais e associações de pais e ainda uma disponibilização de recursos humanos da Junta de Freguesia de Carnide, na preparação do evento e no auxílio às escolas na confecção de fatos e na disponibilização de materiais necessários.

Sempre que as crianças estão presentes, estes intervenientes trabalham com elas e não apenas para elas, tendo estas um papel fundamental na confecção dos próprios fatos e de todos os acessórios necessários. Este ano a temática consistiu em “Heróis em Acção – Com o planeta no coração”, onde cada criança se transformaria num super cidadão e os seus poderes transformariam a Terra num mundo melhor e mais solidário.

O Corso foi planeado com 3 desfiles diferentes, em simultâneo, terminando todos no Jardim da Luz, onde a animação ficaria a cargo das instituições da Freguesia, das áreas da educação, cultura, acção social e juventude, o que não se concretizou devido à chuva (situação que abordarei no próximo capítulo, nas actividades desenvolvidas no estágio).

2.3.2 Outros Projectos Educativos

A preparação dos projectos educativos é iniciada no final de cada ano lectivo. É feita uma avaliação da Junta de Freguesia e dos seus parceiros dos projectos desenvolvidos ao longo desse ano e são feitas sugestões de melhoria dos projectos já existentes ou propostas para novos. Posteriormente, os mesmos são apresentados aos Carnidenses e às instituições educativas, em reunião de Conselho Consultivo de Educação. Além dos projectos atrás referidos, existentes em todos os anos, outros vão sendo pensados e executados. Eis uma breve descrição de alguns inseridos no último ano lectivo...

Exposição de Rua “Um Desejo no Sapatinho”

Esta iniciativa surgiu de um desafio lançado às instituições locais e a toda a população local, no âmbito da Gestão Participada, recuperando a tradição de Natal da prenda no sapatinho. Todas as crianças das escolas da Freguesia, assim como idosos, instituições e dirigentes locais foram convidados a entregarem um sapato que poderia ser novo ou usado, simples ou decorado. A condição era apenas a de que no sapatinho deveria vir um desejo colectivo e concretizável para a Freguesia de Carnide, que poderia consistir num projecto, numa obra, numa acção, no que gostassem de ver realizado e que de algum modo contribuísse para uma freguesia melhor. Assim, esta iniciativa constituiu-se numa outra forma de ouvir a população carnidense e de lhe dar voz.

Alguns dos sapatos, os mais sensíveis, foram plastificados, para que não se danificassem e todos eles foram expostos em frente à Junta de Freguesia de Carnide, no Largo das Pimenteiras. Esta exposição foi inaugurada no dia 9 de Dezembro e decorreu até dia 6 de Janeiro de 2010, contando com cerca de 300 sapatos.

Projecto Brincar com a ciência a sério

Este projecto foi lançado oficialmente em 2009, no Dia Mundial da Ciência e surgiu devido à lacuna sentida na falta de experimentação científica nas salas de aula. O seu principal objectivo consiste em fomentar o interesse pela ciência, de forma lúdica, criativa, mas informal, despertando a curiosidade, criatividade e imaginação através de experiências científicas.

Neste projecto estão envolvidas 52 turmas do Jardim de Infância e de Primeiro Ciclo, que podem não só experimentar diferentes experiências, mas também mostrar o seu trabalho aos colegas, transmitindo conteúdos de forma lúdica e divertida.

Todos os meses as turmas recebem um desafio, podendo estar relacionado com o som, a luz, o ar e a água, para que percebam que a ciência está em tudo o que vemos e fazemos. Todas as experiências devem ser documentadas num portefólio, feito por cada uma das turmas participantes. No final do ano lectivo todos os portefólios serão vistos por um júri, sendo no final o mais original e inovador premiado com o Galardão "Pipeta de Ouro".

Projecto À Descoberta de Carnide

O seu objectivo consiste em promover o património histórico, cultural e institucional da Freguesia. Os destinatários deste projecto são as crianças de Jardim de Infância e

Primeiro Ciclo, num total de 25 turmas. Cada turma escolhe entre si 2 parceiros da freguesia que queiram visitar, nas áreas de serviços, saúde e segurança, património e cultura, de acordo com o seu plano curricular. Estas entidades podem ser por exemplo Regimento de Sapadores de Bombeiros, PSP Escola segura, Panificadora de Carnide, CTT, CERCI, Confraria S. Vicente Paulo, Metropolitano, entre outros. Muitas têm sido as instituições que têm aberto portas, promovendo o conhecimento do património histórico, cultural e institucional da Freguesia de Carnide.

Esta é uma forma das crianças terem um contacto mais directo com os serviços da Freguesia e poderem aprender de uma forma mais dinâmica.

Partida, Largada...

Este projecto tem como objectivo facilitar a transição dos alunos do Jardim de Infância para o Primeiro Ciclo e do 4.º para o 5.º ano. Estes têm a oportunidade de visitar a nova escola que irão frequentar, promovendo uma melhor adaptação ao seu futuro meio escolar, de forma a colmatar as suas inseguranças e a que o seu nervosismo e ansiedade possam dar lugar a sentimentos positivos, a uma maior vontade de mudança e de crescimento.

Segredos e Saberes de Pequenos e Graúdos

A Junta de Freguesia de Carnide preocupa-se em proporcionar uma constante partilha de saberes entre as várias gerações, principalmente entre idosos e crianças.

Neste sentido, surge este projecto, em que cada uma das gerações deve preparar actividades para a outra, de modo a partilhar experiências e vivências, mostrando o que cada uma das faixas etárias tem para aprender e para ensinar, promovendo a intergeracionalidade.

O projecto Segredos e Saberes de Pequenos e Graúdos tem a colaboração do Gabinete do Idoso e do Grupo Solidariedade de Gerações, assim como das escolas da Freguesia.

Cartão do Super Cidadão – Herói em Acção

O Cartão do Super Cidadão surgiu através da temática decidida em Conselho Consultivo para ser trabalhada ao longo deste ano lectivo “Sem Limites...Fazer a Diferença” e consiste num projecto de educação para a cidadania. Deste modo, os alunos devem

perceber a importância das acções que realizamos no dia-a-dia e da importância de cada um na sociedade.

Todas as crianças do Jardim de Infância e das escolas de Primeiro Ciclo da Freguesia foram convidadas a transformarem-se em super heróis, através do lema lançado pela Junta “Cada pequeno gesto que faça a diferença na vida de outros provoca um crescimento de super poderes em cada um de nós. Quanto maiores as boas práticas, maiores os super poderes desenvolvidos” (Boletim Informativo, Número 94, Pg. 06).

Assim, os cerca de 900 alunos trabalharam com os Professores no Jornal do Herói ou em desafios lançados pela própria Junta, como recolha de tampinhas, de roupas, alimentos e brinquedos, sensibilização sobre limpeza de espaço público e importância e regras de reciclagem, com o objectivo de se tornarem super heróis, culminando esta iniciativa na Feira de Expressões Artísticas de Carnide onde todos serão super cidadãos.

Projecto Cocós...Não!

Este projecto surge de algumas propostas dos moradores para a sensibilização do problema dos dejectos caninos na via pública, junto dos donos e de toda a população de um modo geral, por uma questão de saúde e de limpeza e para que os jardins da freguesia possam ser utilizados para brincar e passear de forma higiénica.

Esta campanha teve como objectivo educar os donos de todos os cães para que passem a trazer consigo um saco adequado para apanhar os dejectos caninos, devendo colocá-los nos equipamentos apropriados ou nos contentores do lixo.

Em primeiro lugar foram enviadas cartas aos donos de todos os cães registados, sendo também distribuídos cartazes e folhetos de sensibilização.

No entanto, a Junta decidiu levar esta acção junto dos mais novos, para que percebam que existem regras que devemos seguir quando temos um animal e para que, em casa, pudessem também abordar este assunto e, de um algum modo, transmitir a mensagem.

Assim, a Junta lançou um novo desafio a todas as escolas, apelando à imaginação, através da construção de um Espanta Cocós com uma frase de sensibilização, ou seja, um Espantalho para espantar os donos dos cães que não apanham os dejectos caninos, sensibilizando-os e educando-os para este problema.

Este desafio foi lançado com a ida do Sou às escolas (a mascote da Junta de Freguesia de Carnide, de qual todas as crianças gostam) que lhes explicou de forma divertida e pedagógica a importância deste problema.

Todas as escolas que aderiram a este desafio colocaram os seus espanta cocós nos jardins dos seus respectivos bairros, com a participação dos elementos da Junta de Freguesia responsáveis por esta iniciativa. Posteriormente, os mesmos foram levados para a Feira de Expressões para uma exposição final ao longo do recinto da feira, onde constavam também os das restantes instituições sensibilizadas para a temática.

2.4 As Organizações e Instituições de Carnide

Nesta freguesia são muitas as instituições existentes, que se preocupam em desenvolver trabalho para a sua população, promovendo o desporto, a educação, a cultura, as artes, a empregabilidade, a saúde mental, entre outras.

De carácter social, recreativo e cultural, muitas delas não têm fins lucrativos e destinam-se a diversos públicos. De forma directa ou indirecta todas elas são abrangidas pela Junta de Freguesia de Carnide, através de parcerias ou do seu apoio, consistindo num bom exemplo de como o Poder Local se relaciona, de forma autêntica e participativa, com o Movimento Associativo Local. As formas de apoio da Junta a estas instituições podem ser várias, através do trabalho conjunto, de verbas ou até da cedência de espaços.

Enquanto algumas destas instituições têm sede própria, outras encontram-se sediadas no edifício sede da Junta de Freguesia de Carnide (algumas apenas provisoriamente). Existem ainda instituições em espaços camarários cedidos à Junta e que esta lhes cede, através de protocolos, uma vez que realizam os seus projectos, na maior parte das vezes, dentro dos bairros com as escolas e as populações. No anexo 5 é possível consultar um esquema com esta divisão e uma descrição das mesmas.

2.5 O que distingue a Junta de Freguesia de Carnide de outras Juntas de Freguesia

O que distingue esta de muitas outras é o trabalho efectuado em cada uma das suas áreas, em quantidade e em qualidade e o investimento que é feito nas mesmas, uma vez que, segundo as Técnicas de Educação “Não só cumpre as suas responsabilidades, como chama a si descentralizações de competências que não lhe pertencem à partida (...)”, conseguidas através de protocolos realizados com a Câmara Municipal de Lisboa.

Esta descentralização surge principalmente para que exista uma maior proximidade com a sua população, para uma possibilidade de resposta mais imediata e profícua no terreno e de satisfação das suas necessidades, envolvendo os seus habitantes neste processo, trabalhando para eles, mas sobretudo com eles.

Esta Junta consegue garantir um acompanhamento às crianças da freguesia durante todo o ano, o que, segundo as Técnicas de Educação desta autarquia, não acontece com a maior parte das outras. É também uma Junta que cria parcerias nas actividades que desenvolve com o objectivo de envolver as instituições de Carnide nos seus projectos.

Quando questionados sobre os motivos que levam a que esta Junta se distinga de outras, os Coordenadores da CAF referem vários aspectos, como o facto de ser uma Junta muito activa: “é projectos atrás de projectos, iniciativas atrás de iniciativas (...), onde todos se empenham para que tenham o melhor resultado possível” (Coordenadora C), a sua envolvimento com a população e as dinâmicas existentes entre as equipas de trabalho, bem como o espírito de equipa existente, fundamental para um bom trabalho.

O Coordenador E, que já desenvolveu funções noutra autarquia refere mesmo que “(...) aqui as coisas realmente fazem-se e avançam, enquanto que na outra sentia que não se fazia grande coisa, que a oferta existia, mas as coisas paravam e estagnavam”.

Segundo o Coordenador D, outro aspecto que distingue esta Junta é o facto de receber muitos estagiários, o que tem a ver não só com a sua própria política, mas também com o reconhecimento que o exterior tem da intensidade e qualidade do trabalho realizado, num “nível mais elevado, mais ambicioso, mais exigente”. Uma das estagiárias do Coordenador E referiu-lhe mesmo “Já corri outras Juntas de Freguesia e só tinham trabalho administrativo para me dar. E aqui não, fazem-se coisas”.

O Coordenador acrescenta ainda o facto de ter a trabalhar consigo uma equipa muito jovem, efectivamente jovens ou de espírito jovem, mesmo a nível dos seus dirigentes “(...) que encarnam muito bem a ideia futurista de projectos, de trabalho directo com as pessoas, de estar nas instituições, de estar nas colectividades, de estar na rua”.

Capítulo 3

Um estágio na Junta de Freguesia de Carnide

Após a realização de alguns contactos para encontrar estágio, recebi uma resposta positiva da Junta de Freguesia de Carnide, o que me deixou muito contente, uma vez que era uma autarquia da qual já tinha ouvido falar, pela quantidade e qualidade de actividades desenvolvidas com todas as faixas etárias da sua população e em todos os sectores, sobretudo no educativo.

Além da realização de um projecto de investigação e de me integrar nas tarefas diárias de um Técnico Superior de Educação, um dos objectivos deste estágio seria também o de observar, conhecer e perceber como funciona uma instituição desta natureza de um modo geral e, sobretudo, na área educativa.

Inicialmente houve alguma dificuldade, de ambas as partes, em perceber que tarefas poderia integrar. Apesar de ser feito um trabalho de grande exigência referente ao planeamento das actividades do sector educativo, este é concebido no início do ano lectivo, pelo que as de 2010 já haviam sido definidas no início de Setembro de 2009.

Era fundamental perceber de que modo é que este estágio poderia ser relevante para mim e para a própria autarquia. Assim, inicialmente fui lendo alguns textos, de modo a poder conhecer melhor as actividades que desenvolvem.

Após alguma indecisão, ficou decidido que integraria o Curso de Carnaval, as Animações da Páscoa e a Feira de Expressões como actividades principais e ajudaria no que fosse surgindo ao longo do estágio. Quanto ao projecto de investigação, apesar de ficar combinado que abordaria as AEC's, o mesmo foi alterado por solicitação minha, uma vez que posteriormente decidi integrar o Projecto de Avaliação da CAF.

As Técnicas de Educação forneceram-me o material existente sobre estas actividades, de forma a começar a conhecer as temáticas nas quais iria trabalhar e para que pudesse começar a planificar o meu projecto de investigação e o meu projecto de estágio (ver anexo 1), solicitado pelo meu orientador. É de salientar que este projecto foi sofrendo algumas alterações consoante as necessidades que se foram verificando.

Assim, esta fase foi fundamental, uma vez que não só ia adquirindo conhecimentos, como percepcionando o que se ia passando à minha volta e a dinâmica da própria Junta. Logo de início fui convidada a participar nas reuniões de coordenação do CAF, que aconteciam sempre, salvo alguma rara excepção, nas manhãs de Sexta-feira. Ao longo deste capítulo pretendo explicar a forma como decorreu o meu estágio, as actividades em que me inseri, a percepção que tive do que é ser Técnico de Educação numa Junta de Freguesia e também no que consiste ser Coordenador de CAF, uma vez que têm aqui um papel muito importante, e ainda de todas as minhas aprendizagens.

3.1 Ser Técnico de Educação numa Freguesia

As duas Técnicas de Educação desta autarquia têm formações e percursos distintos.

A Técnica A é licenciada em Psicologia Educacional, enquanto que a B começou por fazer um curso de Animação Local “(...) e foi o que me criou o bichinho do que é isto da animação e do que é isto de trabalhar com diferentes públicos-alvo”, o que a fez tirar posteriormente uma licenciatura em Animação Sociocultural.

No seu último ano de curso a Técnica A fez um estágio curricular numa turma onde o Presidente da Junta (que é Professor de Primeiro Ciclo) leccionava. Quando o terminou foi por ele convidada a ser Monitora e Coordenadora de um centro de actividades de tempos livres, da Associação Juvenil Renascer (da qual ele era Presidente).

Posteriormente, foi Coordenadora do Jardim de Infância e de Primeiro Ciclo. Em 2003 a Junta abriu concurso para Técnico Superior de Educação e foi quando ficou ligada a esta autarquia, estando há dois anos a coordenar a cultura e a educação.

A Técnica B teve um percurso diferente. Foi desempenhando várias funções fora da Junta, enquanto estudava à noite. Em 1998 a Junta de Freguesia abriu o ATL da Escola da Luz e foi convidada por uma das Professoras a integrar a equipa, onde esteve cinco anos. Posteriormente, foi Monitora no Bairro Padre Cruz durante três anos.

Com a implementação das AEC's foi reduzido o número de horas de ATL e houve uma reestruturação da equipa, sendo convidada para abrir o Gabinete do Idoso, um projecto que a Junta tinha na altura, onde permaneceu um ano. Depois passou para a coordenação da educação e actualmente, de há dois anos para cá, tem à sua responsabilidade os pelouros da educação e do desporto.

Ambas as Técnicas partilham o pelouro da educação. Contudo, a Técnica A partilha ainda o pelouro da cultura e a Técnica B o do desporto com outros Técnicos.

Por uma questão de organização e gestão de tempo na educação, verificou-se uma necessidade de dividir tarefas, ficando cada uma das Técnicas mais responsável por uma determinada área “(...) senão temos tudo à nossa responsabilidade nas duas áreas (...)”.. Esta divisão acontece, segundo as mesmas, porque “(...) a educação tem um volume de trabalho assim (...) inexplicável”.

A Técnica A fica responsável pela coordenação da equipa no terreno, uma vez que possuía experiência na coordenação de ATL, dando assim resposta aos Coordenadores de CAF e a toda a equipa e também às equipas das AEC`s.

A Técnica B está mais ligada à implementação e desenvolvimento dos projectos educativos no terreno e por todas as questões a serem resolvidas pelas escolas e pelos agrupamentos. Assim, encontra-se responsável por projectos como o Curso de Carnaval e pela Feira de Expressões, duas grandes iniciativas desta Junta “(...) que envolvem toda a comunidade educativa e que a mancha de preparação são meses”. No entanto, estas tarefas não são estanques, não sendo por vezes possível fazer uma divisória assim tão objectiva, o que faz com que ambas estejam ao corrente de tudo o que se passa e partilhem todas as informações.

As tarefas que as Técnicas de Educação desempenham são inúmeras, pelo que as irei enunciar o mais brevemente e sintetizadamente possível, baseando-me nas entrevistas realizadas, nas reuniões de coordenação e em toda a experiência adquirida neste estágio.

Tudo o que esteja relacionado com os projectos das AEC`s e da CAF está à sua responsabilidade. Contudo, no primeiro caso, a Junta só intervém em situações mais específicos, como marcações de actividades, conflitos que possam surgir, faltas constantes de Professores. Em todos os finais de período é feita uma reunião, com o objectivo de reflectir em conjunto acerca do desempenho de todos, destacando os aspectos positivos e tentando encontrar soluções para problemas existentes.

As questões do dia-a-dia são geridas pelas entidades parceiras.

Quanto à CAF, uma vez que é assegurada directamente por esta autarquia, fica tudo à responsabilidade das Técnicas de Educação. Os Monitores são coordenados pelos Coordenadores de CAF, que fazem a ponte entre o terreno e a Junta.

Contudo, é da responsabilidade destas Técnicas acompanhar todo o seu trabalho e intervir sempre que necessário, pelo que é da sua competência a gestão de toda a equipa.

Relativamente aos Monitores existem vários aspectos a assegurar, as suas faltas, substituições sempre que necessário, a adaptação e integração na equipa, preenchimento de folha de horas, as férias, pagamentos, etc.

Quanto aos Coordenadores é necessário sobretudo supervisionar se estão, de facto, a desempenhar um bom trabalho e a cumprir todos os objectivos que lhes são solicitados.

Todas as actividades educativas realizadas ao longo do ano são também função das Técnicas de Educação, desde o planeamento à sua execução, passando pelo respectivo acompanhamento das mesmas nas mais diversas fases.

Por exemplo na Feira de Expressões é necessário definir os objectivos, a temática, o programa, as marcações dos stands, dos ateliers, das actividades a desenvolver, bem como assegurar a segurança das crianças, entre outras coisas que vão surgindo.

Nas Animações de Natal, Páscoa e Verão (Praia-Campo) é da sua competência gerir a inscrição das crianças, dos autocarros por bairros, quantos Monitores, voluntários e Coordenadores por criança e em que autocarro vai cada grupo, considerando ainda as crianças com NEE's que necessitam de um acompanhamento redobrado.

Existe ainda a celebração de dias especiais, (da Mãe, do Pai, da árvore, da criança, dos namorados, festas de Natal, de Carnaval, de finais de período, etc) sendo acompanhada a sua programação das mesmas, desenvolvimento, bem como o resultado final.

Além das actividades mais comuns, e de outras que vão surgindo relacionadas com estas (como o Dia do Inglês ou a Maratona do teatro, no âmbito das AEC's) existem outras que vão acontecendo, mesmo que nem sempre sejam directamente da responsabilidade da Junta, como o Torneio Inter-Escolas ou as provas de aferição, que também necessitam da colaboração da Junta, sendo feito um acompanhamento de todo o ano lectivo às escolas e representando a Junta de Freguesia de Carnide sempre que possível.

Esta é outra das suas funções, irem ao campo sempre que possível, aos equipamentos, assistirem a actividades que decorram, podendo beneficiar de um maior contacto e podendo acompanhar mais de perto todo o trabalho desenvolvido. Contudo, e apesar de o fazerem, isto não acontece com a frequência que gostariam, uma vez que, como é notório, o volume de trabalho que têm não lhes permite.

Sempre que se fala de projectos e actividades existem dois aspectos essenciais a gerir. Em primeiro lugar, as verbas disponibilizadas pela Junta para cada um deles, conseguindo assim com as mesmas que tudo se consiga realizar e da melhor forma possível. Por outro lado, é fundamental ter ainda em consideração a questão pedagógica,

a forma como as coisas são pensadas e planeadas, em prol de um trabalho educativo de qualidade. Apesar de em Conselho Consultivo ser decidida a temática para o ano lectivo, é necessário depois pensar cada actividade nesse sentido.

Todas as questões relacionadas com estágios são também da responsabilidade das Técnicas de Educação, a sua definição e acompanhamento. No dia-a-dia existem sempre coisas a tratar, textos para o boletim mensal da Junta, marcações de visitas a equipamentos, de idas a exposições, do SOU a escolas (mascote da Junta), entregas de cartazes a afixar, crianças mais problemáticas ou que se magoam, pais que não pagam as mensalidades atempadamente, assuntos relacionados com greves.

Outra das questões fundamentais é a articulação que deveria ser feita entre as AEC's e o período de horário lectivo, e ainda entre Educadoras e equipa de CAF, o que não acontece em nenhum dos dois casos da forma pretendida, uma vez que existe alguma dificuldade por parte de Professores titulares e das Educadoras em considerar o trabalho que é desenvolvido em ambas as actividades, bem como dos profissionais envolvidos nas mesmas, criando-se por vezes situações de algumas rivalidades.

No entanto, esta situação está a melhorar e começa a verificar-se uma crescente articulação das AEC's com as aulas curriculares, verificando-se uma maior comparência por parte dos Professores titulares nas reuniões realizadas para esse efeito. Contudo, no caso da articulação da CAF com o Jardim de Infância, do que tive oportunidade de perceber, existe ainda alguma resistência por parte das Educadoras nesse sentido.

Numa pesquisa que fiz acerca das Juntas de Freguesia do município de Lisboa, pude constatar que, na sua maioria, é o mesmo Técnico que assegura o trabalho de vários pelouros, sendo por vezes até o/a Presidente da Junta o/a responsável pelo pelouro da educação. A Junta de Freguesia de Carnide tem duas Técnicas a desenvolver funções nesta área e, mesmo assim, o seu volume de trabalho é quase inexplicável.

Apesar de tentar descrever o seu trabalho o melhor possível, penso que só passando directamente por esta Junta é que conseguimos ter a verdadeira noção da abrangência e do fluxo destas tarefas, o que me parece bastante indicativo do seu bom funcionamento e da importância que atribuem à componente educativa.

As crianças desta Freguesia têm assim ao seu dispor um leque muito abrangente de actividades de extrema relevância do ponto de vista lúdico e pedagógico, o que é uma enorme ajuda para os pais nos dias de hoje, podendo tê-las não apenas ocupadas, mas a crescer e a aprender de forma enriquecedora.

Gostava de terminar apenas mencionando que, apesar destas serem as suas funções, o seu trabalho, as Técnicas trabalham com uma enorme dedicação, com aquilo que se chama amor à camisola, em prol de toda a comunidade. É notório que gostam do que fazem e, na minha opinião, é fundamentalmente isso que faz com que as coisas aconteçam, o empenho que é colocado em cada actividade.

3.2 Ser Coordenador de CAF numa Freguesia

Tal como as Técnicas de Educação, também os Coordenadores da CAF apresentam habilitações académicas e percursos profissionais muito distintos. Dois deles têm o 12º ano, outro tem algumas formações relacionadas com a educação, inclusive com o método TEACCH, outro tem frequência universitária em Psicologia Educacional e um curso profissional de animação sociocultural. O Coordenador com mais habilitações académicas tem formação como Educador de Infância, que tirou já depois de trabalhar nesta autarquia, pela necessidade que sentiu de aprofundar a teoria, de forma a poder conjugá-la com a prática que já tinha.

O Coordenador A trabalhou num supermercado durante dez anos, começando como Caixa e terminando nos serviços administrativos. Posteriormente, surgiu-lhe a oportunidade de trabalhar na Junta como Monitor de ATL de Jardim de Infância nas animações de Verão e, de seguida, como Monitor de Primeiro Ciclo, acabando por ser convidado para coordenar um dos equipamentos da freguesia. Actualmente coordena também as actividades de enriquecimento Curricular do Primeiro Ciclo. Apesar de trabalhar para a Junta há onze anos, é Coordenador do CAF apenas há dois.

O Coordenador B começou como Monitor nas Animações de Verão, onde colaborou durante dois anos. De seguida, foi convidado para ser Monitor de ATL de Primeiro Ciclo num dos bairros e, no final desse ano, foi-lhe proposto coordenar o Jardim de Infância de outro bairro, que aceitou e onde está desde o início do ano lectivo.

Também o Coordenador C começou a desempenhar funções nesta autarquia em trabalhos de ocupação de tempos livres e acabou por ficar após terminar o 12.º ano. Foi Monitor de Jardim de Infância num dos bairros da freguesia durante vinte e tal anos, coordenando-o no ano seguinte. Posteriormente foi Coordenador de CAF ainda no Jardim de Infância, mas noutro bairro. Apesar de já ter trabalhado nos três bairros, este é o primeiro ano que coordena em simultâneo Primeiro Ciclo e Jardim de Infância. É o segundo elemento mais

velho no mapa de pessoal da Junta de Freguesia de Carnide, onde desempenha funções há vinte e sete anos.

Quando ao Coordenador D, colabora com a Junta há cerca de dezassete anos. Envolveu-se com ela quando foi dirigente de uma associação de estudantes no ensino secundário. Assim, começou a desenvolver pequenos trabalhos e foi ficando e integrando outros projectos, primeiro em ocupação de tempos livres e, posteriormente, como Coordenador da juventude, do desporto e responsável pelos meios audiovisuais. Este é o segundo ano que é Coordenador da CAF. Apesar de já ter desenvolvido outros trabalhos não relacionados com a autarquia, considera que o seu percurso até chegar aqui “(...) não existiu em termos profissionais, este foi o primeiro trabalho a sério e qualquer outro que tenha feito em paralelo ou não com este, manteve sempre este como o principal”.

Por último, o Coordenador E teve outros percursos, mas praticamente sempre ligados à área educativa. Foi Monitor de ATL numa IPSS e num externato e abriu um ATL também numa IPSS com outras pessoas, ficando à frente de uma cooperativa de ensino de animação cultural, onde trabalhava como Coordenador e Animador. No entanto, como não sentia o seu trabalho a evoluir, decidiu vir para esta autarquia, onde está há mais de dez anos. Começou por trabalhar a nível dos grupos comunitários, onde pôde conhecer melhor o trabalho desenvolvido a nível de bairro. Posteriormente, passou para Monitor de ATL, sendo depois convidado a integrar a equipa de coordenação, tendo já passado por dois dos três bairros da freguesia. Apesar de trabalhar quase sempre fora do edifício, continua ligado às áreas social e da cultura e participa em alguns dos seus projectos. Além das suas funções representa ainda um grupo comunitário.

Um Coordenador de CAF tem que coordenar todo o trabalho de um modo geral, o que se divide em inúmeras funções, desde o trabalho administrativo, mais solitário e burocrático, ao trabalho directo com as crianças. No entanto, algumas das suas funções mudam consoante os equipamentos, uma vez que o seu funcionamento não é igual.

À sua responsabilidade têm as tarefas administrativas, financeiras e burocráticas, que consistem em controlar as horas da sua equipa, a entrega de recibos verdes e respectivos pagamentos, o recebimento de mensalidades por parte dos pais e a gestão de facturas (o que não acontece em todos os equipamentos) e fazer essa ponte com a Junta. Por exemplo no caso do CAF da Horta Nova é ainda necessário gerir a relação institucional entre a Junta e a própria escola, a direcção da mesma e os próprios Professores, uma vez que estão a trabalhar directamente nas instalações da escola Prista Monteiro.

Têm também que gerir a relação mais directa com os seus parceiros, com os pais, no seu atendimento, esclarecimento de dúvidas (por vezes também efectuada pelos próprios Monitores) e na resolução diária dos conflitos que vão surgindo.

É ainda necessário gerir toda a equipa de Monitores, nas suas relações, na sua orientação e na resolução de problemas “Temos várias opiniões, temos que nos saber respeitar e é impor um bocadinho aquilo...a coesão da equipa (...) é manter esta coesão e trabalharmos todos para o mesmo”. (Coordenador C).

Consoante sejam Coordenadores de Primeiro Ciclo ou de Jardim de Infância, é ainda necessário gerir a relação e a articulação com os Educadores e com os Professores.

No entanto, existe ainda o trabalho realizado directamente com as crianças, que nem sempre conseguem assegurar devido ao elevado número de funções que desempenham. Deste modo, acabam por ficar mais na retaguarda, tentando também facilitar ao máximo a vida dos Monitores, para que estes se possam dedicar a cem por cento às crianças.

Além de tudo isto, um Coordenador de CAF tem ainda responsabilidades pedagógicas “(...) nós somos Educadores, independentemente da formação académica, somos Educadores”, (Coordenador D), uma vez que são responsáveis pela orientação do serviço, em termos do que se espera do serviço, do que a equipa desenvolve e da forma como põem em prática as orientações fornecidas pela Junta.

Relativamente às equipas, estas variam entre três a oito Monitores, consoante as necessidades de cada equipamento, havendo ainda na Horta Nova uma Monitora apenas para a sala Teachh. Apesar de nem todos terem formação na área, os Coordenadores foram unânimes em afirmar que têm a trabalhar consigo equipas muito boas “(...) é uma equipa muito boa, muito heterogénea e muito dinâmica” (Coordenador E) e que, de um modo geral, todos se dão muito bem, tanto no terreno, como com a equipa da Junta

Quando questionados acerca das dificuldades com que se deparam no dia-a-dia, três Coordenadores mencionaram que não existe qualquer tipo de dificuldades, apenas dúvidas e desafios que surgem no dia-a-dia e que são normais em qualquer tipo de trabalho. Os outros dois Coordenadores enumeram algumas dificuldades.

Um deles refere a própria conjuntura económico-social, uma vez que gostaria de fazer muito mais com as crianças, se houvesse recursos para isso e também o facto de haver várias funções em simultâneo: “Às vezes é difícil, estou a tentar desenvolver um jogo, uma actividade com as crianças e chegam pais que naquela altura têm que falar comigo ou têm que fazer um pagamento e lá está, interrompem (...)”. (Coordenador D).

Outro dos Coordenadores refere ainda a falta de autonomia para tomar decisões e o facto do feedback dado em relação a certas situações ser um pouco lento, o que faz com que se perca alguma qualidade no trabalho directo “(...) porque há coisas que tenho que tomar decisões no momento e se nós estamos lá e se nós somos os Técnicos devíamos ter autonomia para decidir (...)”. Deste modo, refere ainda que não só não pode tomar algumas decisões necessárias num determinado momento, como ainda tem que esperar que alguém a tome “(...) não temos autonomia para decidir muitas das vezes, mas quando telefonamos para a Junta para nos ser dada uma resposta em relação a uma decisão que temos que tomar, estarmos meia hora a tentar ligar para a Junta e não conseguirmos falar com ninguém, é desesperante”. (Coordenador E). O mesmo Coordenador refere ainda que existe pouca preocupação em lhes proporcionar bons instrumentos de trabalho, como o facto de ser necessário ir à Junta fazer impressões e tirar cópias ou ter que comprar computador próprio para poder trabalhar, considerando ainda existir pouco feedback da Junta em relação ao trabalho de cada um.

Apesar de os questionar acerca das diferenças entre ser Coordenador de CAF numa Junta de Freguesia ou numa Câmara Municipal, nenhum soube responder, uma vez que nunca passaram pela experiência.

3.3 Actividades desenvolvidas no estágio

Ao longo do meu estágio foram várias as actividades em que fui participando ou “apenas” assistindo. Vou aqui apresentar todas nas quais me envolvi, directa ou indirectamente. Começarei por me focar nas coisas do dia-a-dia, sem uma ordem específica temporal e terminarei a abordar as Animações de Páscoa, a Feira de Expressões e as Reuniões de Coordenação, uma vez que foram aquelas onde despendi a maior parte do meu tempo.

Logo nos primeiros dias estive a dar apoio na preparação da Exposição “Um Desejo no Sapatinho”. Como ia decorrer na rua e estava a chover, foi necessário ajudar a plastificar todos os sapatos para que não se deteriorassem, mesmo os pormenores personalizados mais pequenos. Fui ajudando ainda na organização geral da mesma, identificando o número do desejo e fazendo-o corresponder ao número do sapato.

Apesar de esta ser a primeira tarefa onde me inseri, logo aqui comecei a ter noção da abrangência das tarefas de um Técnico de Educação, uma vez que as associava a tratar de assuntos internos, em reuniões, mas não a plastificar sapatos para uma exposição e com o

tempo fui percebendo a necessidade de adaptação às situações e de moldar o seu trabalho às circunstâncias, algo que fui presenciando ao longo de todo o estágio.

Num dos dias de estágio, fui visitar a feira dos doces e salgados que estava a decorrer no espaço Bento Martins, um espaço da Junta de Freguesia de Carnide, junto ao seu edifício sede. Esta feira foi organizada pela Academia Sénior, com o objectivo de angariar fundos para a sua viagem de finalistas, sendo todos os doces e salgados confeccionados por alunos e formadores. Esta iniciativa foi divulgada pelos carnidenses e foi pedido às escolas da freguesia que a visitassem, trazendo as crianças, se possível, um euro para adquirirem algo e poderem contribuir. Existe aqui uma componente pedagógica, não só no sentido de as crianças perceberem que estão a contribuir para algo, como também com o objectivo de dar a conhecer a todas as faixas etárias o trabalho das outras, numa partilha de aprendizagens, sobretudo entre jovens e idosos. Ainda no espaço Bento Martins, mas noutro dia distinto, fui convidada a assistir a uma apresentação de uma turma de terceiro ano de Carnide Centro. A turma foi dividida em grupos e cada um teve de fazer um trabalho de pesquisa sobre Carnide, abordando vários aspectos como a sua história, o comércio ou as instituições que tem. Deste modo, entrevistaram o Presidente da Junta e foram aos locais fazer entrevistas, de forma a perceber o grau de satisfação da população com cada um dos serviços. Cada grupo tinha um microfone só para si de forma a que todos pudessem ouvir e, apesar de um elemento ou outro menos à vontade, estavam muito bem preparados. Fizeram uma excelente pesquisa (que me deixou quase incrédula) e uma óptima apresentação, vendo-se que estavam dentro do que falavam, à vontade e com determinação.

A turma apresentou o seu trabalho (um grupo de cada vez) aos seus colegas de escola, que se deslocaram a este espaço para vir assistir. No Sábado voltaram a apresentar o seu trabalho, mas para os pais e familiares.

Pela postura que tiveram e por todo o processo, foi notável o excelente trabalho e a dedicação da sua Professora de turma, caso contrário, penso que isto não seria possível.

Além das apresentações, cada grupo fez um cartaz com toda a informação recolhida e trabalhada, criando assim uma exposição, no mesmo espaço, com todos os seus trabalhos, à qual estive a assistir com toda a atenção.

Também as Técnicas de Educação assistiram a esta apresentação e penso que aqui a sua presença é essencial. É notória a satisfação que elas sentem em poderem estar presentes nestas actividades, e penso que o fazem não só por ser sua função representar a Junta,

mas sobretudo por todo o carinho que sentem por estas crianças e por as poderem ver brilhar, talvez também por já terem trabalhado directamente no terreno.

Noutro dos dias fui convidada a ir às instalações de Carnide Centro assistir a uma apresentação de teatro, no âmbito das Actividades de Enriquecimento Curricular.

Do primeiro ao quarto ano todos foram divididos por grupos, dentro do mesmo ano e todos tinham uma determinada temática, que ia aumentando de complexidade. Após a sua apresentação, os grupos sentavam-se para poder assistir às dos colegas.

Gostei muito desta actividade, pela oportunidade de estar directamente no campo. Assim, pude conhecer as instalações deste equipamento, os Monitores e ver de perto as relações que se estabelecem entre todos, ou seja, tudo o que vou ouvindo falar no dia-a-dia e nas reuniões de coordenação. Foi muito positivo poder assistir ao trabalho destas crianças e, apesar de o mais importante ser o seu empenho, deu para perceber que alguns deles têm mesmo o bichinho do teatro e têm muito jeito e muito gosto em fazê-lo. Penso que a representação é uma forma de aprendizagem fantástica, tal como muitas outras artes, que nos pode transmitir aprendizagens fundamentais e ferramentas para a vida que nem sempre adquirimos com outras disciplinas mais usuais.

O espaço é muito agradável, as crianças estavam, sem qualquer tipo de dúvida, muito bem ensaiadas e percebeu-se o profissionalismo do Professor que os ensaiou e, mais uma vez, o seu empenho e, sobretudo, o gosto com que o faz.

Esta foi uma actividade que me deu uma satisfação particular e, mais uma vez, fiquei contente por ter a possibilidade de acompanhar uma das Técnicas a este evento, de forma a poder perceber a forma como se movem em situações distintas, não só na retaguarda, mas também directamente no terreno.

Fui também convidada a ir à Escola Prista Monteiro juntamente com uma das Técnicas e com a mascote da Junta de Freguesia de Carnide: o SOU. Geralmente, quando é lançado um determinado desafio às escolas, é o SOU que dá a cara e que vai falar com os meninos, que o adoram. Os mais pequenos ainda não o distinguem como uma pessoa, os maiores começam a perceber que está alguém por trás dele, mas continuam a querer brincar e a estar com ele. O projecto “Cocós...Não!” foi lançado às escolas, como forma de envolver as crianças e de as sensibilizar, desde cedo, para este problema, com a esperança que possam também passar a mensagem junto das famílias (sobretudo as que têm cães em casa). Para isso o SOU foi às escolas explicar-lhes a importância de apanhar

os dejectos caninos para que possam brincar e andar à vontade nos jardins da freguesia e foi-lhes lançado o desafio de fazer um Espanta-Cocós para colocar nestes.

Estavam nove turmas juntas, pelo que foi complicado manter o silêncio. A Técnica de Educação falou também um pouco com os meninos, que pareceram aderir bem. Contudo, houve sempre barulho e os Professores que os acompanhavam limitaram-se a sentar as crianças e a assistir também, em vez de continuarem a realizar o seu trabalho, mantendo-os em silêncio, de forma a evitar alguns comportamentos indisciplinados que ocorreram. Com esta visita pude perceber algumas coisas que vão sendo faladas nas reuniões de Sexta-feira e percepcionar algumas interacções que se estabelecem directamente no terreno, dos Coordenadores com as crianças, dos Professores com os Coordenadores e com as crianças e ainda o modo como a Técnica e o SOU abordaram as crianças. Considero que esta mascote foi muito bem pensada pedagogicamente, sendo a imagem desta autarquia junto dos mais novos, envolvendo-os, de forma lúdica, nos seus projectos e nos desafios que lhes são lançados. As crianças têm muito carinho por ele e a verdade é que esse sentimento é mútuo, sendo bonita a relação entre ambos.

De seguida, fomos à Cooperativa Horas de Sonho lançar o mesmo desafio, à sala dos 2 anos. Algumas crianças começaram por se assustar mas, apesar do medo inicial, acabaram por ir dar beijinhos e abraços ao SOU. Contudo, como são muito pequenos ainda não conseguem ter noção da mensagem transmitida, pelo que foram deixados com a Educadora folhetos de sensibilização para os pais e o SOU acabou por ter aqui um papel mais de entretenimento.

Ainda neste seguimento, fui também às escolas aquando da colocação dos Espanta-Cocós nos jardins dos respectivos bairros.

Em Carnide Centro estes foram colocados no Jardim da Junta. Em cada bairro as crianças mostraram aos colegas o que fizeram. Havia ideias muito originais, com mensagens muito apelativas. Assim, as crianças colocaram cada um dos seus trabalhos (feitos por turma, uma vez que apenas no Jardim de Infância do Bairro da Horta Nova decidiram fazer um por equipamento) nos locais que quiseram dentro do jardim escolhido do bairro. Tive assim a oportunidade de ir ao Bairro Padre Cruz, onde ainda não tinha ido, e gostei muito de ver a interacção de todos, sobretudo da Maria e do Pedro, os Coordenadores, pelos quais se nota um grande carinho e respeito por parte das crianças. Neste bairro esteve presente ainda o Presidente da Junta, uma das Técnicas de Educação e outros dois Técnicos também responsáveis por este projecto.

Esta foi uma actividade muito animada em todos os bairros, uma vez que as crianças também sentem orgulho nos seus trabalhos e mostram satisfação com isso.

Todas estas idas ao campo foram fundamentais, uma vez que, apesar de nem sempre ter tido um papel participativo em algumas actividades, tive a possibilidade de acompanhar o seu desenvolvimento e, em alguns casos, a sua finalização, dando-me uma perspectiva muito real do que fui ouvindo no estágio, da forma como as coisas realmente acontecem no terreno e das relações que se estabelecem e ainda, e mais uma vez, de conhecer todas as funções de um Técnico Superior de Educação numa autarquia desta natureza.

Num dos dias do estágio foi-me solicitado que pegasse nuns questionários dumas avaliações que foram aplicados e convertesse a sua escala, uma vez que esta foi alterada pela Junta de um a cinco para de um a quatro, pelo que era fundamental alterar as classificações dadas a cada item consoante a nova escala, pelo que estive algum tempo até conseguir fazer esta conversão e a alterar todos os questionários.

Outra das minhas tarefas neste estágio, já numa fase final, consistiu na organização dos questionários de avaliação do CAF, organizando-os por grupos, de modo a que estivesse tudo já pronto e adiantado para distribuir pelos Coordenadores.

As Técnicas responsabilizaram-me pela sua recepção, controle e inserção.

Deste modo, construí uma grelha onde pudesse ir inserindo todos os questionários entregues e fui-os codificando, de forma a que não fosse possível perder nenhum deles. Como de facto eram muitos e não havia na altura outras tarefas onde me pudesse inserir, esta inserção dos dados foi feita no decorrer do estágio (explicarei melhor este processo no capítulo “Projecto de Estágio”).

Relativamente ao Curso de Carnaval, esta era uma actividade que as Técnicas mencionaram, logo no início do estágio, que me poderia inserir, ajudando na sua planificação e preparação. Contudo, por motivos pessoais, tive que faltar uns dias nessa altura e, quando regressei, as mesmas já estavam bastante adiantadas. Apesar de ter acompanhado nas reuniões de coordenação toda a sua preparação, desde a confecção dos fatos, a temática, a articulação dos Professores das AEC`s com os Professores titulares e todo o desenvolvimento desta iniciativa, acabei por não ter uma participação directa, a não ser no próprio dia do Curso.

Neste dia, foi combinado que ficaria na coordenação, dando apoio em tudo o que fosse necessário, sempre junto das Técnicas de Educação, com a respectiva fita de identificação da Junta de Freguesia de Carnide.

Cheguei por volta das 8h da manhã, hora combinada e, aos poucos foram chegando Coordenadores e Monitores. Contudo, o tempo não estava a nosso favor. Fomos esperando, mas não havia meio de a chuva parar e foi necessário cancelar o Corso. Assim, foi necessário recorrer a uma espécie de plano B, que já estava definido para esta situação, embora eu não tivesse conhecimento do mesmo.

Deste modo, para que todas as crianças pudessem à mesma ter um dia especial repleto de cor, alegria e diversão e para que as instituições não perdessem todo o trabalho já realizado, foram reencaminhadas para as respectivas escolas as instituições que iam participar no Corso, de forma a fazerem algumas animações.

Deste modo, pude perceber um bocadinho melhor como estas coisas funcionam e a forma como são encontradas soluções para os problemas com que nos vamos deparando no terreno. Como é óbvio, gostava que o Corso se tivesse realizado, para maior alegria das crianças e de todos os que o preparam e também porque gostava de ter visto como as coisas funcionavam no terreno, o percurso, o resultado final de todo o trabalho realizado, entre outras situações que iriam surgir, com toda a certeza. Contudo, este percalço deu-me também noção de uma outra realidade, e da forma como apesar dos imprevistos conseguiram fazer dele um dia diferente e especial para todos os envolvidos.

No espaço Bento Martins foi montado um grande plasma, foi colocada música de Carnaval e oferecido, pela Junta, um almoço convívio a todos os intervenientes neste dia. Assim, fui ajudando em tudo o que foi surgindo, na montagem do espaço, na ajuda com materiais necessários e também na preparação do almoço: a cortar pão, a repor comida e bebidas que fossem faltando.

À medida que os Coordenadores iam chegando foram trazendo fotografias tiradas em cada um dos equipamentos durante a manhã, que foram passadas no plasma, de forma a que todos pudessem ver o que tinha sido feito e a forma como as crianças aproveitaram este dia, fazendo dele um dia à mesma com cor e magia como inicialmente se propunha.

Foi agradável para mim poder estar presente em todos os momentos ao longo da manhã, acompanhando cada um dos passos das Técnicas, e foi também muito positivo estar pessoalmente com muitos dos elementos das equipas e das entidades parceiras e poder conhecer algumas caras que estão por trás destes projectos.

Mais uma vez, e como já referi ao longo deste capítulo, foi fundamental ver a forma como as Técnicas se movem em diferentes contextos, estando à frente e apoiando tudo o que seja necessário.

Apesar de ser notória alguma preocupação e desilusão de alguns elementos da Junta logo no início da manhã, sobretudo das Técnicas, penso que este sentimento acabou por se transformar em alegria e diversão.

Ainda no âmbito desta iniciativa de Carnaval, foi-me pedido posteriormente que ajudasse na organização dos diplomas que foram entregues aos intervenientes que trabalharam para que este dia fosse possível, apesar de não da forma prevista, confirmando não só que os mesmos tinham participado, mas que tinham sido fundamentais para que tudo corresse da melhor forma possível. Assim, havia várias listas, de instituições diferentes, com todos os nomes das pessoas que participaram e foi necessário pô-los por ordem e confirmar se realmente foram feitos todos os diplomas.

Apesar de me ter custado o facto de ter que faltar e não ter ajudado a planear o Curso de Carnaval, uma vez que era fundamental para mim ter tido aqui a percepção de como é que as coisas funcionam a nível mais burocrático, de orçamentos e mesmo de contactos, tive a oportunidade de perceber estas questões nas Animações de Páscoa e na Feira de Expressões (que apresentarei de seguida). Claro que são situações distintas, mas penso que, de certo modo, deu para compensar um bocadinho.

Animações de Páscoa

As animações de Natal, de Páscoa e de Verão garantem um acompanhamento às crianças durante os períodos de férias. A sua preparação começa com muita antecedência, porque é um processo lento e complexo.

Esta foi uma das actividades em que despendi mais tempo. As Técnicas começaram por me explicar como decorria todo o processo, as idades, o tamanho dos grupos e as datas, de 29 de Março a 9 de Abril, estando já contratados dois autocarros para cada bairro.

Das dezoito actividades previstas, onze já estavam mais ou menos pensadas, que consistiam em duas idas à piscina, duas idas ao cinema, duas actividades realizadas em ATL, duas em pavilhão, duas idas a parques e um atelier de hip hop (para o qual me foi logo dado o orçamento total).

Deste modo, ficava a faltar encontrar mais sete distintas. Foram-me fornecidas todas as informações referentes às animações do ano passado e do Natal, de forma a ter uma ideia mais abrangente da sua planificação e para que não existisse repetição de actividades. As Técnicas deram-me ainda algumas sugestões e a agenda cultural de Lisboa do mês de Março, e total autonomia para efectuar todos os contactos que considerasse pertinentes.

Quanto ao orçamento disponível foi-me explicado o do ano passado, não podendo o mesmo ser excedido neste ano. Contudo, desse total, há um x que vai para a logística (autocarros, pagamentos a Monitores, bonés, t-shirts e todo o material necessário para a realização das mesmas). Apesar deste na altura até me parecer bastante aliciante, foi-me dito que não era assim tão linear e que deveria tentar encontrar algumas actividades gratuitas, para compensar o valor das outras, o que percebi melhor posteriormente.

Comecei por organizar uma lista pessoal onde constavam actividades que me pareciam diferentes e relevantes nesta faixa etária, como uma ida ao teatro, um atelier de yoga, uma actividade relacionada com introdução à filosofia (pensando por exemplo numa temática e respectivo debate), ou numa ida a uma biblioteca com respectiva animação (ou dramatização de uma história, como sugeriram as Técnicas) e ainda algo relacionado com a poesia, as quais comecei a pesquisar na Internet. De seguida, assinalei na agenda cultural tudo o que me pareceu interessante, tendo sempre em conta as faixas etárias a que se destinavam, as temáticas e respectivos conteúdos e fui criando uma listagem, consoante a minha experiência pessoal, do que considerava pertinente. Comecei assim a realizar contactos (onde ia aprofundando estas questões e pedindo mais informação adicional) e começaram as dificuldades.

Encontrei muitas actividades interessantes para as quais já não havia vaga e, por outro lado, e apesar de parecer contraditório, muitas outras onde só era possível fazer o agendamento mais perto da data, ou que já estavam preenchidas. Outros sítios não tinham capacidade ou disponibilidade de recursos humanos para tantas crianças, ou para grupos tão grandes. Além disso, tendo em conta que os autocarros não poderiam passar de uma determinada área, uma vez que os almoços tinham que ser sempre assegurados nas cantinas dos respectivos equipamentos, alguns locais ficavam distantes.

A ideia seria que todas as crianças frequentassem os mesmos sítios, apesar de poder ser em horários rotativos. Contudo, encontrei preços caríssimos e, se no início o orçamento disponibilizado me pareceu mais que suficiente, foi com facilidade que percebi que afinal seria uma tarefa difícil conseguir marcar sete actividades com o valor que ainda havia disponível, sendo por isso necessário ter que investir em algumas visitas gratuitas. Por tudo isto, comecei a perceber a complexidade desta tarefa, só sendo conseguida com uma boa gestão e com algum tempo.

Organizei uma lista de todos os contactos efectuados, para me orientar e para fazer agendamentos e fui apresentando e discutindo com as Técnicas os que ia fazendo. Assim,

em todos eles escrevi o nome e o contacto da pessoa responsável, o local, a oferta disponibilizada, quantos grupos, o preço por criança, possíveis horários, o tempo de cada actividade, ou seja, tudo o que ia falando telefonicamente. Algumas entidades solicitaram toda a informação por fax, que foi enviada pelas Técnicas. Contudo, as respostas eram sempre muito lentas. Deste modo, não foi logo tomada nenhuma decisão, foi ficando tudo em stand-by, de forma a podermos ver posteriormente todas as opções e na esperança de encontrar algo mais em conta..

Estes contactos proporcionaram-me algumas aprendizagens a nível pessoal, uma vez que, enquanto ia fazendo as minhas pesquisas, pude ter conhecimento da existência de eventos muito bons, dos quais não tinha conhecimento. Além disso, fui percebendo a dinâmica destas actividades que incluía sempre ateliers, dinamização de jogos (muitas vezes interactivos), possibilitando às crianças uma forma de aprendizagem muito lúdica.

Este foi um procedimento lento da minha parte, por vários motivos. O factor experiência é um deles, mas esse é um processo normal que faz parte de qualquer estágio e de qualquer coisa que realizamos pela primeira vez. Contudo, como precisava de Internet e não tinha um sítio disponível onde trabalhar tinha que aproveitar quando alguma das Técnicas se deslocava para poder fazer pesquisas (além das que fui fazendo também em casa). Além disso, o meu objectivo era conseguir realizar algo diferente, através de actividades distintas, principalmente dentro da música, da poesia e da filosofia, o que acabou por não ser possível, ou porque não encontrei o que pretendia, ou porque os valores eram muito elevados para o orçamento disponível.

Uma das actividades que achei interessantes era na Casa Fernando Pessoa, com ateliers relacionados com a sua obra, mas eram dispendiosos. Também contactei com o museu da poesia por várias vezes, mas ficaram sempre de ligar e nunca retornaram a chamada.

Assim, chegando a uma determinada altura, fiz uma filtragem dos contactos já efectuados (incluindo alguns que as Técnicas também me foram dando), ficando só com aqueles que pudessem ser exequíveis.

No final as actividades marcadas, além das onze já definidas inicialmente foram o atelier de expressão plástica, uma aula de yoga, uma ida ao pavilhão do conhecimento, uma ida à Culturgest (visita guiada a uma exposição e realização de um jogo lúdico relacionado com a mesma), uma ida ao Museu da electricidade (visita a uma exposição, onde as crianças podem realizar várias experiências no âmbito da electricidade), uma ida à biblioteca nacional, uma actividade realizada pelas estagiárias e uma ida à peça de teatro

“O Corcunda de Notre Dame”. Já tinha feito contactos para esta peça, uma vez que a nível de teatro, do que estava em cena, era a que me parecia de maior valor pedagógico, mas o valor era avultado. Contudo, as Técnicas conseguiram uma redução de preço, o que me fez ficar contente. Quanto à ida à biblioteca e à aula da yoga também foram por mim pensadas, o que me fez sentir útil pela aceitação das minhas propostas.

Com esta tarefa pude ter uma noção muito mais real do trabalho que é feito na retaguarda para que uma determinada actividade aconteça, das dificuldades que se encontram e da forma como as mesmas são geridas.

Além da marcação das actividades (que não tive oportunidade de acompanhar directamente) e da sua gestão por dias e por grupos, foi ainda necessário gerir toda a equipa que iria acompanhar as crianças, o número de Monitores e de Coordenadores por criança e por autocarro e ainda a gestão das crianças com Necessidades Educativas Especiais, de forma a que fossem acompanhados e pudessem também beneficiar o melhor possível deste processo.

Gostaria de ter estado mais tempo na Junta (o que não me foi possível por questões profissionais e pessoais) e de ter podido acompanhar ainda mais, uma vez que, não estando presente, era necessário avançar à mesma. Contudo, as Técnicas tiveram sempre a preocupação de me ir explicando todo o processo, de forma a ficar ao corrente de tudo, para que pudesse continuar o meu trabalho e atingir um dos objectivos deste estágio, o conhecimento das funções de um Técnico Superior numa autarquia.

Feira de Expressões

Para a Feira de Expressões foi-me pedido que comesse a fazer contactos para bancos, solicitando a oferta de brindes para o jogo final deste evento. Assim, o objectivo seria conseguir o nome das pessoas responsáveis por estes departamentos e os contactos mais directos possíveis para que depois fosse só formalizar os pedidos, da forma que cada instituição achasse melhor, para que o processo fosse o mais rápido possível.

De alguns bancos já havia alguns contactos, utilizados anteriormente para outros eventos. Assim, comecei por fazer uma pesquisa na Internet dos bancos existentes, para os quais liguei. Comecei por explicar o objectivo do meu contacto e, à excepção de um que explicou logo que não tinham brindes disponíveis para estes eventos, consegui a obtenção dos dados solicitados, que organizei numa folha, para transmitir às Técnicas. Após a realização desta tarefa, que demorou algum tempo, devido ao tempo de espera de

cada vez que a chamada é passada para um departamento diferente, foi-me dada uma listagem de instituições (já não bancárias) a quem também já foi feito este pedido, de forma a que tentasse encontrar empresas diferentes destas e continuar com este trabalho.

Assim, comecei por pensar em marcas mais relacionadas com coisas que as crianças consumam e que me parecessem pertinentes e fui fazendo uma listagem, acrescentando-a sempre que me lembrava de algo. Quando reuni um elevado número de contactos, foi imprimida a folha modelo de fax e eu fui tirando cópias e preenchendo à mão o nome da instituição, da pessoa responsável e o telefone, ficando as Técnicas responsáveis pelos que teriam que ser formalizados por e-mail ou correio.

De seguida, foi-me fornecida uma lista com algumas das instituições que gostariam de convidar para estarem presentes na Feira de Expressões, na parte dos ateliers, mas das quais não tinham o contacto, pedindo-me que os tentasse encontrar, para que elas pudessem ligar. Contudo, posteriormente foi-me pedido que eu mesma ligasse (indicando-me alguns que tinham que ser elas próprias a efectuar, por já conhecerem as pessoas responsáveis).

Dei assim início a este processo e, quando conseguia chegar à pessoa responsável começava por explicar, em primeiro lugar, no que consistia o evento de um modo geral, os seus objectivos e público-alvo, e, de seguida, a sua temática e o facto de considerarmos que determinada instituição poderia ser percepcionada como um mundo de heróis. Por último, dei alguns exemplos de como poderiam participar, através de jogos, dinamizações, etc. Como é compreensível, não consegui nenhum feedback imediato e todas as pessoas com quem falei me solicitaram que formalizasse o convite (umas por fax, outras por e-mail), para que pudesse ser analisado com mais tempo. Assim, fiz uma listagem das instituições com quem falei, onde constavam todas as informações (inclusive com o conteúdo das nossas conversas), de forma a facilitar ao máximo o trabalho das Técnicas.

Enquanto ia realizando estes contactos, ia também tentando recordar-me de associações diferentes, mas que pudesse ser importante estarem representadas e fiz alguns contactos nesse sentido (conseguindo que estivesse presente na feira uma associação de animais abandonados, o que me fez ficar muito contente).

À medida que iam chegando respostas ia sendo informada de tudo e é muito agradável ser-nos dado um feedback no nosso trabalho. Mais uma vez ao longo desta actividade

fui-me apercebendo da forma como as coisas são geridas na retaguarda para que um determinado evento possa ocorrer.

A Feira de Expressões é uma actividade muito complexa, no sentido em que há muita coisa para tratar. É necessário gerir equipas para participar, montagem e desmontagem, luz, som, segurança da mesma, encontrar ateliers distintos e adequados, conseguir as marcações de mostra de actividades e de outras actuações, é preciso uma grande disponibilidade de tempo e de recursos humanos.

Os brindes foram chegando e a adesão foi muito maior do que aquilo que tinha imaginado, o que me fez ficar mesmo muito satisfeita. Contudo, foi necessário pensar na melhor forma de os organizar, uma vez que havia brindes maiores (peluches por exemplo) e brindes mais pequenos (como lápis). Além disto, havia brindes mais adequados a umas idades do que outros e portanto foi necessário pensar na melhor forma de fazer esta gestão. Assim, ficou decidido que, em sacos da Junta seriam postos vários brindes, e seriam feitos dois tipo de sacos diferentes, um para o Jardim de Infância e outro para o Primeiro Ciclo e, juntamente com alguns Monitores ajudei a fazer todos os sacos para depois serem dados às crianças.

A Feira decorreu de 26 a 29 de Maio (de Quarta a Sábado) e eu fiquei com duas Coordenadoras de CAF na entrada da feira, onde tínhamos a nossa recepção às turmas. Uma das Coordenadoras recebia as turmas e os respectivos Professores, dando-lhes o destacável da Feira, com o programa geral da mesma, o mapa e a descrição dos ateliers, contendo ainda o desafio lançado às crianças (quebrar o feitiço do SOU) e uma carta aos Professores a explicar o jogo da feira. Eu fui sempre mantendo tudo o mais operacional possível, os destacáveis, as fitas (porta-chaves da Junta dados a cada criança), os brindes, para que sempre que chegassem turmas em simultâneo não houvesse muita confusão e tudo decorresse da melhor forma possível.

Foi-me também pedido que passasse por todos os stands, questionando se eram necessárias etiquetas ou elásticos (e repondo, sempre que necessário) e fui aproveitando para perguntar se tinham alguma dúvida, se estava tudo a correr bem, ajudando a resolver algum assunto, sempre que solicitado.

Como a Feira decorreu no Jardim da Luz (muito perto da Junta) sempre que era necessário ia lá buscar algum material ou dar algum recado.

Aproveitei para visitar a Feira, todo o espaço, a exposição dos Espanta-Cocós, os stands, os ateliers e fui vendo a forma como as crianças se divertiam e como as coisas iam decorrendo e, sempre que possível fui assistindo às actuações.

No último dia da feira, o Sábado, a Feira terminou às 15h00 e, de seguida, procedemos à desmontagem da mesma, o que foi extremamente cansativo

Esta iniciativa proporcionou-me inúmeras aprendizagens, uma vez que tive a possibilidade de passar por muitas das suas diversas fases, pelos pedidos de brindes, pela realização de contactos para os stands e depois ver no terreno como todo o processo decorreu. No entanto, existem inúmeras tarefas (como marcar escolas, organizar os ateliers, fazer o programa, o mapa, etc) em que não participei directamente por terem que ser as Técnicas a actuar directamente neste sentido, mas que também fui acompanhando, dando-me a conhecer a forma como é planificado e acompanhado um projecto educativo desta natureza.

Reuniões de Coordenação

As reuniões de coordenação consistem na ponte que é feita, às Sextas-feiras, entre o trabalho realizado no campo, através da equipa de cinco Coordenadores e a Junta de Freguesia, pelas Técnicas de Educação. Apesar de estarem em contacto permanente, é aqui que é feito um ponto da situação e que são abordadas as situações decorridas ao longo da semana, consistindo num momento de partilha e de troca de experiências.

Estas reuniões servem também para esclarecer assuntos que, não estando directamente relacionadas com a Junta lhes interessam para um bom funcionamento de todos os serviços, como questões relacionadas com os Professores titulares e com as Educadoras, a articulação que deve ser feita e situações que vão surgindo no normal período de aulas, como faltas dos mesmos, a forma como eles se relacionam com as crianças quando os acompanham em actividades da Junta ou a forma como participam (ou não) nelas.

Logo no início fui apresentada a todos os Coordenadores que também se apresentaram e me explicaram em que equipamentos (nome dado ao espaço onde estão inseridos) desenvolvem as suas funções e o que coordenam.

Nestas reuniões as Técnicas de Educação vão tomando notas do que é dito, de datas importantes e de questões que têm de ser posteriormente resolvidas.

Além destas habituais reuniões estive ainda presente noutra de avaliação das AEC's do 2.º período, onde participaram alguns Professores das mesmas que me foram

apresentados e vice-versa, tendo a oportunidade de os conhecer e de ouvir outras perspectivas. A dinâmica da reunião foi exactamente a mesma e o balanço que foi feito de todo o trabalho foi bastante positivo.

Em cada um destes momentos optei por adoptar o comportamento das Técnicas, uma vez que era isso que se esperava de mim e que eu queria, anotando tudo o que se ia passando e fazendo um sumários das mesmas, de forma a poder registar tudo o que era abordado. Foi engraçado que algumas vezes quando havia alguma dúvida era-me perguntado se eu tinha anotado por exemplo uma determinada data.

Para não quebrar a leitura deste capítulo optei por colocar estes sumários em anexo (ver anexo 7). Assim, é possível percepçionar todas as questões abordadas e a forma como alguns conflitos foram resolvidos, apesar de nem sempre ser possível fazer um acompanhamento directo dos mesmos, ou porque as Técnicas não têm autonomia para os tratar ou porque, quando têm, podem não ser de resolução imediata, por ser necessário fazer um outro tipo de contactos, ou falar com alguém a nível mais superior. Estas sessões começam normalmente pelas Técnicas a transmitirem algum tipo de informação que seja necessário, ou a entregar algum tipo de material e, posteriormente, cada Coordenador fala acerca do seu equipamento, fazendo um ponto de situação da forma como correu a semana e a gestão da equipa, colocando aqui todas as dúvidas e questões que possam ter.

Ao longo da realização destas reuniões foi sempre tudo falado à minha frente, mesmo questões mais delicadas referentes a pagamentos de Monitores ou relacionados com assuntos internos da Junta, nunca existindo qualquer tipo de receio de falar o que quer que fosse à minha frente, notando-se uma enorme transparência e sendo sempre tratada como parte integrante da equipa.

Todos os assuntos abordados dos quais eu não tivesse já um conhecimento prévio me foram sempre explicados pelas Técnicas, com o intuito de me pôr sempre ao corrente de tudo o que era falado e para que me sentisse o mais integrada possível.

Com o tempo, fui sentindo que começava a conhecer bem o serviço. Desde o início fui posta à vontade pelas Técnicas para intervir sempre que achasse pertinente, fosse para esclarecer dúvidas ou para dar sugestões ou mesmo a minha opinião pessoal acerca de alguma questão, de forma a colaborar na reunião. No entanto, essa foi de facto uma dificuldade que tive e que não consegui ultrapassar. É óbvio que várias vezes tive de dizer o que pensava em relação a determinado assunto. No entanto, sentia-me sempre

demasiado “pequena”, tendo algum receio de que as minhas ideias pudessem não ser aceites ou que de algum modo pensassem que não tinha nenhum conhecimento para o fazer. Por duas vezes tentei ultrapassar esta dificuldade, dando a minha perspectiva. Contudo, senti que a mesma não foi bem aceite por parte dos Coordenadores (nunca das Técnicas) e não voltei a fazê-lo, a não ser para esclarecer dúvidas.

Contudo, e apesar disto, estas reuniões foram de extrema importância para mim, dando-me uma noção muito mais real das situações vividas e desenvolver múltiplas aprendizagens, de extrema relevância a nível pessoal, para o meu estágio e enquanto futura Técnica Superior de Educação. Assim, pude conhecer a complexidade e a abrangência das funções desempenhadas por um Técnico Superior de Educação numa autarquia, sobretudo nesta com um nível tão exigente e tão dinâmico, captando a forma como se movem na sua área de trabalho e como conseguem chegar a todos.

Possibilitaram-me ainda um contacto mais directo com os Coordenadores, podendo ouvir a perspectiva de quem está todos os dias no terreno e passa por situações tão distintas, de forma a perceber todo o trabalho que é feito na retaguarda para que o bom nome desta autarquia permaneça sempre.

Penso que se não tivesse participado nas mesmas, por mais que as coisas me fossem ditas e explicadas nunca teria a mesma percepção e a mesma capacidade de absorção do que realmente acontece, uma vez que estive sempre atenta e interessada em captar cada pormenor, cada situação e a forma como todas as questões são resolvidas.

Quando abrimos o boletim da Junta de Freguesia de Carnide podemos perceber o tipo de trabalho desenvolvido, podemos perceber que é uma Junta que se esforça para chegar a toda a sua população, mas penso que, mesmo para quem está na área, é difícil ter noção de todo o trabalho que está por trás de cada actividade, por mais simples que seja, a forma como a mesma é pensada a nível pedagógico, como é planificada, como decorre e como é alterada consoante as necessidades que se verifiquem.

Apesar de todas as aprendizagens adquiridas em cada dia de estágio, em cada actividade, penso que foram sobretudo estas reuniões que me deram um conhecimento mais amplo da realidade do que é o sector educativo numa Junta de Freguesia.

3.4 Análise Crítica das Actividades e da Junta

A realização deste estágio deu-me a possibilidade de conhecer como funciona uma autarquia, sobretudo a sua componente educativa e quais são realmente as funções de um

Técnico Superior de Educação, podendo fazer assim uma ponte entre o meu mestrado em Administração Educacional e o terreno.

Foram muitas as aprendizagens adquiridas ao nível da gestão de relações, do que acontece no dia-a-dia num serviço desta natureza e ainda ao nível da planificação de projectos educativos de um modo geral e das actividades que se desenvolvem dentro dos mesmos, mais especificamente.

Penso que tive imensa sorte por ter a possibilidade de realizar este estágio na Junta de Freguesia de Carnide, pela quantidade (e qualidade) de projectos educativos que desenvolve, pela sua dinâmica, pela sua preocupação com toda a população, mas sobretudo, pela forma como as pessoas se envolvem para que isto seja de facto possível.

Não posso deixar de destacar a forma como fui recebida pela equipa, como fui integrada e, principalmente, toda a transparência existente. Em momento algum senti que havia algo que não pudesse ouvir, que me fosse ocultado, o que até compreenderia se acontecesse. Houve sempre uma preocupação por parte das Técnicas para que eu percepcionasse tudo o que acontecia à minha volta, esclarecendo-me todas as dúvidas que surgissem e fazendo-me sentir parte da equipa. Ao longo de todo este percurso nunca me foi solicitada a realização de nenhuma tarefa que não estivesse relacionada com a minha área, como aconteceu em tantos outros estágios, na minha área e em outras distintas, tendo sido o meu trabalho sempre respeitado.

Apesar de já ambicionar a realização deste estágio há algum tempo, este decorreu numa altura complicada a nível pessoal e profissional, o que por vezes não foi fácil de gerir, havendo alguns altos e baixos, algumas ausências até. Considero que fiz o máximo que me foi possível, compensando sempre os dias que tinha que faltar com outros em que, à partida, houvesse alguma actividade em que me pudesse inserir, de forma a adaptar a minha disponibilidade à da Junta, pelo que consegui, apesar de tudo, estar presente mais horas do que as previstas inicialmente. Contudo, isto só foi possível com a compreensão das Técnicas que se mostraram sempre disponíveis em continuar a assegurar o meu estágio, dando-me esta flexibilidade de gerir o meu horário.

Apesar de todos os aspectos positivos já referidos e que foram muitos, existiram também alguns menos bons, que impossibilitaram que as coisas corressem ainda melhor.

Em primeiro lugar, houve de facto uma enorme indecisão inicial acerca do meu estágio e das tarefas em que me podia inserir. Apesar desta Junta receber anualmente muitos estagiários, estes costumam estar mais direccionados para outras áreas, como Educação

de Infância ou Animação Sociocultural, desenvolvendo as suas funções directamente no terreno e penso que não havia uma preparação da instituição para acompanhar um estágio desta natureza. Contudo, espero que isto tenha sido um abrir de portas nesse sentido para futuros alunos de Ciências de Educação e para a própria autarquia

Também a falta de um local onde trabalhar foi um aspecto menos positivo. Infelizmente, como não tinha computador portátil (e talvez devesse ter abordado esta questão com as Técnicas, logo no início, o que não fiz) o meu trabalho foi por vezes prejudicado. Sempre que era necessário fazer algum contacto ou pesquisa, tinha que esperar que alguém saísse do seu local de trabalho, tendo que realizar algumas destas tarefas em casa, o que me impediu por vezes uma melhor rentabilização do meu tempo.

Gostava ainda de ter tido mais actividades para desenvolver. Contudo, e como já referi, a planificação das mesmas foi feita antes do início do meu estágio e houve dias em que não havia nada onde me pudesse inserir, o que me causava alguma frustração.

Além destes aspectos, penso que seria importante ter-me sido dada mais autonomia. Contudo, compreendo que são tarefas de grande responsabilidade e que há coisas que não me podem ser passadas directamente, que têm que ser da sua responsabilidade. No entanto, quanto à questão da falta de autonomia, questiono-me também se esta não será resultado de algumas ausências minhas, uma vez que sei que actividades desta natureza têm que ser feitas e tratadas de imediato e não podem ser adiadas.

Apesar destes aspectos, considero que tentei sempre adquirir o máximo de aprendizagens possíveis e penso que, de facto, o consegui. Se não havia um computador onde trabalhar fazia as minhas pesquisas em casa. E apesar, apenas em alguns períodos, da falta de actividades onde me inserir, estive sempre com imensa atenção a tudo o que me rodeava, podendo aprender com cada momento e aproveitar a possibilidade de estar no espaço de uma Junta de Freguesia como a de Carnide, estando atenta ao que me rodeava, às conversas, aos problemas que iam surgindo, à forma como eram solucionados, questionando sempre as Técnicas e abrangendo o máximo de informação possível e penso que isso foi fundamental para a toda a aprendizagem.

A ideia que tinha de uma Junta de Freguesia a nível de educação era bastante redutora e todo este processo deu-me a conhecer uma outra realidade, a de uma instituição que trabalha com a população, para a população, que se preocupa com as suas crianças e que pensa numa educação a tempo inteiro.

Este estágio foi assim fundamental no conhecimento de uma autarquia e na compreensão do que é ser realmente um Técnico de Educação, da sua multiplicidade e abrangência de funções, da forma como trabalha na retaguarda e como se move no terreno, como está presente em todas as situações, podendo estar a planificar uma actividade, a servir um almoço, a montar uma feira, a assistir a uma apresentação das crianças ou numa reunião importante (entre tantas outras possibilidades).

Possibilitou-me ainda conhecer o trabalho que é feito para todas as crianças, com vista a uma educação de qualidade e proporcionando-lhes, em muito casos, uma ocupação pedagógica e lúdica que não lhes seria possível estando em casa com os pais. Portanto mais do que os ocupar nos tempos livres, a Junta luta por educá-los a tempo inteiro, para lhes proporcionar aprendizagens que, estando com as famílias (algumas delas carenciadas ou problemáticas) não lhes seria possível.

A realização deste estágio deu-me ainda a possibilidade de perceber que era aqui que gostaria de me inserir a nível profissional, num local dinâmico, que me permita alcançar constantemente novos desafios, que me dê muito trabalho, mas que me deixe assistir a cada instante ao resultado final de mais um projecto, de mais um obstáculo ultrapassado, de mais uma meta atingida.

Capítulo 4

Projecto de Investigação: Avaliação da Componente de Apoio à Família

Segundo Howard e Sharp (1983, cit. in Bell, 2004) a pesquisa poderá ser considerada uma “busca com vista ao enriquecimento do conjunto de conhecimentos de cada um e, possivelmente, de outros indivíduos, recorrendo a processos metódicos que conduzam à descoberta de factos e ideias não triviais” (Pg. 14).

Assim, neste capítulo irei apresentar o meu projecto de investigação, não esperando que ele seja portador de novas descobertas científicas, mas que contribua para um melhor conhecimento do serviço da Componente de Apoio à Família, da forma como é percebido pelos seus diferentes intervenientes e de que modo responde ao que se pretende, ou seja, à satisfação das necessidades das famílias na sociedade moderna.

Apesar deste projecto já ter sido planificado pela Junta de Freguesia de Carnide, devido ao seu elevado volume de trabalho, ainda não tinha surgido a possibilidade de o implementar. Neste sentido, a minha colaboração surge sobretudo ao nível da recepção dos questionários, inserção, tratamento e análise dos resultados (ver anexo 9)

Apesar de não ser possível abstrair-me do que já havia sido feito, tentei adoptar uma postura de investigadora, procedendo como se estivesse a iniciar o projecto, de forma a adquirir maiores competências neste sentido, a conhecer mais aprofundadamente o serviço educativo e para que pudesse sugerir alterações, se se verificassem pertinentes.

Para isso, foram realizadas seis entrevistas (aprofundadas na metodologia), uma às Técnicas de Educação desta autarquia e uma a cada um dos cinco Coordenadores da CAF. Para garantir a confidencialidade dos dados, optei por codificar todos os nomes (Técnicas A e Técnica B e Coordenadores de A a E).

4.1 Justificação do Projecto

Entre alguns possíveis projectos que me foram apresentados inicialmente, o da avaliação da Componente de Apoio à Família foi o que mereceu a minha melhor atenção, pela sua

pertinência e pelo facto de estar relacionado com o meu estágio, também ele maioritariamente acerca deste serviço educativo.

Apesar deste projecto já ter sido pensado há algum tempo, a sua implementação ainda não tinha sido oportuna devido ao elevado volume de trabalho da Junta.

Segundo Bell, os estudos em educação constituem uma «ciência prática», uma vez que o propósito do investigador não consiste apenas em conhecer factos e adquirir conhecimentos, mas sobretudo “(...) conhecer e compreender com o objectivo de sermos capazes de agir «melhor» que anteriormente”. (1997, Pg. 36).

É neste sentido que surge este projecto. Embora pretenda também adquirir e desenvolver conhecimentos no âmbito desta temática e no domínio investigativo, os meus objectivos vão sobretudo no sentido de ajudar a Junta de Freguesia de Carnide a proporcionar à sua população um serviço ainda mais qualitativo, que vá, com toda a certeza, ao encontro das suas necessidades. Neste sentido, é necessário que este projecto de avaliação fique bem estruturado, para que possa ser exequível nos próximos anos.

O presente projecto surge com o propósito de mudança, de forma a poder dotar o serviço prestado de maior qualidade e eficácia, para que sejam reforçados os seus aspectos positivos e percepcionadas as suas possíveis fragilidades para que, caso se verifiquem, possam ser transformadas em potencialidades.

Neste sentido, deverão ser identificados os instrumentos e os caminhos que os seus intervenientes (Monitores e Coordenadores) deverão seguir: “ (...) se este não está correcto então vamos procurar novos instrumentos para trabalhar e para ter um bom desempenho (...)” (Coordenador E).

Apesar de existir um feedback extremamente positivo por parte de todos os intervenientes e beneficiários deste serviço, havia uma necessidade de avaliação por parte de toda a equipa da Junta de Freguesia de Carnide: “Há anos que pedimos isto, pedimos para que as coisas sejam avaliadas” (Coordenador E).

Segundo o Coordenador A “(...) se não houver uma avaliação nós nunca vamos saber o que é que podíamos melhorar ou o que podemos continuar a trabalhar”.

A implementação deste projecto é também uma forma de reciclagem de conhecimentos e de formas de actuação, na tentativa de adequar o trabalho realizado à actualidade, de aprender a modificar hábitos criados: “(...) aquilo que eu fazia há trinta anos atrás, ou aquilo que eu via fazer há trinta anos atrás, estava a aprender, não corresponde àquilo que são as necessidades de hoje em dia” (Coordenador E).

Segundo as Técnicas de Educação da Junta, esta é sobretudo uma forma de reflexão de todos os interessados neste serviço, tanto para os pais que podem pensar no que realmente está a ser feito, como para a própria equipa, à qual é dada a possibilidade de reflectir acerca do seu desempenho, de parar para pensar “Será que eu estou a agir da melhor maneira? Será que é assim que devo fazer”?

Assim, de acordo com este projecto de investigação, os meus objectivos dividem-se em duas vertentes. Por um lado pretendo criar condições que permitam a implementação e exequibilidade deste projecto em anos futuros.

Por outro lado, percepcionar as mais valias deste serviço, reforçando-as; e identificar as suas principais fragilidades, sugerindo possíveis sugestões de melhoria (ou de formação dos Monitores) para que as mesmas se transformem em potencialidades.

Neste sentido, pretendo perceber se, na realidade este serviço está de facto a responder às necessidades das famílias, bem como às de todos os seus intervenientes de um modo geral, para que este serviço possa continuar a assegurar a sua qualidade e garantir que o trabalho desenvolvido nesta autarquia se continua a manifestar num orgulho para todos.

Apesar da Componente de Apoio à Família se destinar tanto ao Ensino Pré-escolar, como ao Primeiro ciclo, como já tivemos a oportunidade de verificar no primeiro capítulo, este projecto não faz qualquer distinção nesse sentido.

Na realidade, existem diferenças entre estes públicos, ao nível do tempo, do tipo de actividades desenvolvidas e até das expectativas que se criam relativamente a cada uma das faixas etárias, e até da própria coordenação. Contudo, não se revelou pertinente fazer esta distinção, por dois principais motivos. Em primeiro lugar, porque a avaliação é baseada em pontos comuns às equipas e as directrizes são as mesmas: “(...) o que se pretende de um Monitor de Jardim de Infância é o que se pretende de um Monitor de Primeiro Ciclo, porque estamos a falar de abordagem (...)” (Técnica B); e, em segundo lugar, porque existem encarregados de educação com filhos em ambas as faixas etárias e a aplicação de dois questionários tornar-se-ia demasiado confusa.

4.2 Necessidades/Itens de Avaliação

A definição das necessidades de avaliação foi efectuada antes do início do meu estágio. Foi solicitado a cada Coordenador que, em conjunto com a sua equipa, fizesse um levantamento de quais seriam os aspectos mais importantes a avaliar neste projecto. Contudo, uma vez que já tinha passado algum tempo e de forma a que não faltasse nada

que se viesse a verificar realmente importante, nas entrevistas que fiz a cada Coordenador voltei a questioná-los sobre este assunto.

O Coordenador E referiu que o mais importante a ser avaliado são as relações que se estabelecem: com os pais, com os parceiros, com a equipa e com as crianças, uma vez que, na sua perspectiva, são as relações que mexem tudo. Para ele, o mais importante é que se criem laços, que as pessoas consigam trabalhar em parcerias, desenvolvendo projectos e modificando coisas na Freguesia.

Relativamente aos espaços, referiu que, em alguns casos são equipamentos padrão para uma escola ou para um Jardim de Infância, não passíveis de grandes alterações.

Para o Coordenador D devem ser avaliados aspectos tanto de trabalho, da dinâmica, formação, o espírito de equipa, a ligação com as crianças, a ligação com os pais, a adequação dos materiais e a limpeza dos espaços.

O Coordenador C referiu a avaliação da responsabilidade, da postura e da assiduidade.

Segundo o Coordenador A o mais importante é avaliar a relação entre a criança e o Monitor, uma vez que esta é a base de todo o trabalho e o essencial para que os pais se sintam satisfeitos.

Todos estes itens foram contemplados nos questionários e, após uma análise final, não verifiquei a necessidade de acrescentar nenhum item a esta avaliação, uma vez que fazendo um bom trabalho em todas estas áreas as necessidades das famílias estariam, à partida, bem asseguradas.

4.3 Rede de avaliação

Antes da formulação do questionário e da sua aplicação, todos os Coordenadores foram questionados acerca de como deveria ser formulada a rede de avaliação, sendo unânimes ao afirmar que tanto eles como os Monitores deveriam avaliar e ser avaliados.

Segundo o Coordenador D “(...) as próprias colegas, as Técnicas da Junta, de educação, que também contribuam para avaliar o meu trabalho”.

O Coordenador A vai ainda mais longe, referindo que quem deve avaliar são as crianças, porque são elas que estão com os Monitores e com os Coordenadores no dia-a-dia e são elas que podem dizer o que mais e menos gostam e se a criança se sentir bem com o Monitor é mais fácil trabalhar.

Para as Técnicas da Junta de Freguesia de Carnide, nesta rede de avaliação todos são avaliadores e todos são avaliados. No entanto, “(...) os pólos para os quais nós prestamos

serviço serão apenas avaliadores e não avaliados. Nomeadamente as Educadoras que estão connosco, Educadoras, Professoras que lidam diariamente com as nossas equipas, as famílias e as crianças” (Técnica B).

Inicialmente ficou decidido que a rede de avaliação consistia nas Técnicas da Junta (que avaliavam apenas os Coordenadores), nos Monitores, nos Coordenadores e nos pais (que, como é óbvio, apenas avaliam). Posteriormente, foi definido que as Educadoras do Jardim de Infância também avaliariam o trabalho dos Monitores.

Contudo, devido à falta de preenchimento de uma amostra significativa dos questionários, as Educadoras não foram consideradas neste estudo.

Também as Técnicas de Educação, devido ao seu elevado volume de trabalho, não conseguiram preencher a avaliação dos Coordenadores (assim como a maioria dos Coordenadores também não avaliaram as Técnicas), pelo que também não foram consideradas neste estudo. Assim, conforme o quadro 1, considerei a seguinte rede de avaliação: os Coordenadores são avaliados pelos encarregados de educação, pelos Monitores e auto-avaliam-se. Os Monitores são avaliados pelos encarregados de educação, pelos colegas, pelos Coordenadores e também se auto-avaliam. Monitores, Coordenadores e encarregados de educação avaliam o serviço em geral

Avaliados \ Avaliadores	Encarregados de Educação	Coordenadores	Monitores
Serviço em geral	X	X	X
Coordenadores	X	X	X
Monitores	X	X	X

Quadro 1 – Rede de Avaliação do Projecto de Avaliação da Componente de Apoio à Família da Junta de Freguesia de Carnide.

4.4 Modelo de Análise

4.4.1 Apresentação da problemática e do campo de estudo

Este projecto de investigação insere-se na área da Administração Educacional, tendo em conta os conceitos de territorialização das políticas educativas e a descentralização do sistema educativo, já abordados, aprofundadamente, no primeiro capítulo deste trabalho.

Segundo o artigo 6.º da Constituição da República Portuguesa, o Estado Português respeita os princípios da autonomia das autarquias locais e da descentralização democrática da administração pública, tendo o objectivo de “(...) proporcionar uma correcta adaptação às realidades, um elevado sentido de participação das populações, uma adequada inserção no meio comunitário e níveis de decisão eficientes.” (artigo 3.º da Lei de Bases do Sistema Educativo).

Apesar de estes conceitos terem sido implementados há muitos anos na nossa sociedade, não só continuam a vigorar, como estão a ser cada vez mais postos em práticos, através da legislação que vai sendo aprovada nesse sentido. Verifica-se assim uma vontade crescente por parte do Estado em transferir para as autarquias atribuições e competências com o objectivo de chegar o mais perto possível de todas as populações, incentivando-as a tornarem-se cidadãos activos no seu próprio processo educativo.

Neste sentido, pretende-se não só satisfazer as necessidades individuais de cada indivíduo, como todas as necessidades colectivas de uma determinada população, tendo em conta o meio em que se inserem.

Com a implementação do Projecto Carnide Educa a Tempo Inteiro, a Junta de Freguesia procura satisfazer as necessidades cada vez mais emergentes de uma população que, no seu dia-a-dia, tem que lidar com uma conjuntura político-social que a faz trabalhar cada vez mais horas fora de casa e, por vezes, demitir-se de algumas das suas funções de Educadores (embora alguns pais também o façam apenas por vontade própria).

Assim, esta Junta preocupa-se com o bem-estar de toda a população, proporcionando a estas crianças tempos pedagogicamente ricos, ocupando-as, deixando-as brincar de forma livre, mas também educando-as, formando-as como futuros cidadãos, de modo a que não caiam na delinquência e na facilidade, como alguns cidadãos dos seus bairros.

Contudo, surgiu a necessidade de avaliar este projecto, não por nenhuma falha detectada, mas como uma forma de mudança, de perceber o que pode ser melhorado: “Não houve nada assim que correu mal que de repente pensássemos: vamos ter que reestruturar tudo isto. Não, de todo. Foi um processo normal de melhoria do serviço” (Técnica A).

Cada vez é mais notória na sociedade actual uma consciencialização da importância e da necessidade da avaliação, numa perspectiva construtivista, como um meio de mudança, com o objectivo de uma melhoria constante, imprescindível para um melhor sistema educativo. Enquanto processo permanente, é fundamental que a avaliação se torne parte

do quotidiano de qualquer instituição, sobretudo quando se fala de uma área tão complexa e importante para o desenvolvimento de qualquer sociedade, como a educação. Esta não é uma problemática fácil, uma vez que existe uma rede de avaliação e, dentro da mesma, vários itens de avaliação, ou seja, uma série de variáveis. Assim, fazer uma inferência com base nos resultados obtidos pode traduzir-se numa grande dificuldade.

4.4.2 A amostra

Qualquer investigação pressupõe uma recolha de dados, que são informações sob a forma de observações ou medidas dos valores de uma ou mais variáveis normalmente fornecidos por um conjunto de entidades ou casos da investigação.

Os casos são qualquer tipo de entidade sobre a qual o investigador pretende retirar conclusões a partir da informação obtida, que se denominam por População ou Universo. Neste estudo a Junta de Freguesia de Carnide decidiu abranger toda a população, ou seja, todos os pais com filhos a frequentar a Componente de Apoio à Família (tanto no Primeiro Ciclo, como no Jardim de Infância), todos os Monitores que trabalham nesta iniciativa, bem como todos os Coordenadores.

A distribuição dos questionários ficou a cargo dos Coordenadores. Contudo, não foi feito nenhum controlo dos questionários entregues e recebidos.

À minha responsabilidade ficaram a recepção, inserção e análise dos questionários. Foram por mim recepcionados 940 questionários (200 no Bairro Padre Cruz, 505 em Carnide Centro e 235 no Bairro da Horta Nova). Apesar de, como era desejado, nem todos os intervenientes terem devolvido os questionários, considero o número de respostas obtidas muito representativo da população.

4.4.3 Pergunta de partida

Aquando do início deste projecto foi de imediato formulada uma questão de investigação que me foi acompanhando ao longo de todo o processo, ajudando-me a definir o rumo desta investigação: “Estará o serviço da Componente de Apoio à Família a corresponder às expectativas dos seus intervenientes”?

Aqui foram definidos como intervenientes os pais, os Monitores, os Coordenadores e as Técnicas de educação da Junta, enquanto representantes desta instituição.

Contudo, duas dúvidas se levantaram. Em primeiro lugar, seria complicado aferir isto para todos os intervenientes, sendo ainda mais difícil devido à não inclusão dos questionários das Técnicas da Junta neste estudo.

Por outro lado, o conceito de expectativa é bastante ambíguo, uma vez que não pode ser generalizado, nem conceptualizado. Neste sentido, para conseguir responder a esta questão seria necessário perceber antecipadamente no que consistem as expectativas de cada um, sendo para isso crucial a aplicação de entrevistas a uma amostra significativa de encarregados de educação.

Ao desenvolver um projecto desta natureza, a minha vontade inicial consistia em conhecer tudo o que se passava nesta Junta de Freguesia, todas as relações que se estabeleciam, absorver o máximo de informação possível. Contudo, ao longo da realização deste trabalho e através de algumas leituras efectuadas e de algumas conversas com outras pessoas, fui-me apercebendo da necessidade de ser mais sintética e de orientar o meu estudo num outro sentido, de forma a tornar-se exequível.

Ao longo de todo este projecto, sempre foram pensadas as necessidades das famílias, sendo este o principal objectivo do serviço da Componente de Apoio à Família.

Segundo Bell (1997) “Serão necessárias várias tentativas para formular as questões, não só para eliminar o factor ambiguidade, como também para obter o grau de precisão necessário (...)” (Pg. 118). Na realidade foi isto que me sucedeu e, após alguma análise e reflexão (e algumas tentativas noutros sentidos) decidi reformular a minha questão para a que me parece de facto ser exequível com a realização deste estudo e que, na realidade, é o mais importante:

“Estará o serviço da Componente de Apoio à Família a responder às necessidades das famílias”?

É certo que também o conceito de necessidade pode ser objecto de alguma subjectividade, uma vez que as necessidades são sempre mutáveis, podendo variar de pessoa para pessoa, de contexto para contexto, até de momento para momento, consoante a situação de vida e a sua própria perspectiva do mundo que a rodeia.

Contudo, este projecto visa satisfazer a necessidade de todas as famílias ou, não sendo possível, do máximo possível. E aqui defino como necessidade manter as crianças

ocupadas durante o tempo em que os pais estão a trabalhar, tentando, da melhor forma possível, colmatar a sua falta em termos educativos e em termos afectivos.

Assim, pretende-se que sejam orientados nas suas brincadeiras livres, na realização de actividades lúdico-pedagógicas, de forma a que cresçam de forma saudável, divertida, mas também com valores que nem sempre são transmissíveis em casa, por falta de tempo, ou por outros motivos, tendo em conta algum do público alvo desta Freguesia.

Neste sentido, será necessário perceber a avaliação dada em cada um dos itens tanto aos Coordenadores, como aos Monitores, uma vez que quanto mais altas forem as avaliações atribuídas, maior será a satisfação das suas necessidades.

Por outro lado, é essencial também perceber a avaliação dada entre os Monitores e os Coordenadores, que constituem a equipa principal deste projecto, de forma a identificar os aspectos onde a avaliação é mais elevada ou vice-versa. Deste modo, percepcionando este conjunto de avaliações, penso que será possível responder a esta questão de investigação o mais fidedignamente possível.

4.4.4 Objectivos do Projecto

Após decidir a questão de investigação que orientaria este projecto, fiz algumas reformulações, de modo a perceber o que pretendia realmente conhecer e qual o caminho a seguir. Neste sentido, foram definidos os seguintes objectivos:

- Identificar os principais aspectos fortes em cada um dos bairros;
- Identificar os aspectos fracos em cada um dos bairros;
- Reconhecer aspectos onde Monitores, Coordenadores e o serviço em geral possam ter que melhorar;
- Comparar o serviço efectuado em cada um dos bairros;
- Identificar aspectos onde este projecto no seu conjunto possa ser melhorado, de forma a tornar-se exequível nos próximos anos;
- Conhecer a forma como Monitores e Coordenadores percepcionam o modo como o serviço de CAF está a decorrer;
- Aferir se o serviço de CAF necessita de alguma reestruturação ou reorganização, ou se deve manter a estrutura e organização adoptadas até ao presente.

4.5 Metodologia

Segundo Albarello (1997) “Qualquer metodologia deve ser escolhida em função dos objectivos da investigação, em função do tipo de resultados esperados, do tipo de análises que desejamos efectuar” (Pg. 50). A metodologia que vou apresentar de seguida considerou todos estes aspectos. Apesar de alguns instrumentos não terem escolhidos por mim, eu teria optado pelos mesmos, caso tivesse sido eu a pensar este projecto de raiz.

No entanto, é importante deixar claro que, no caso das entrevistas, apesar da sua relevância para este capítulo, foram transversais a todo o trabalho, uma vez que nas mesmas foram abordados conteúdos relevantes para a elaboração dos capítulos anteriores.

4.5.1 Leituras e análise documental

A análise documental consiste numa técnica de recolha de dados, que tem como objectivo seleccionar, tratar e interpretar informação relevante para a caracterização do objecto de estudo.

A minha primeira preocupação aquando da definição deste projecto de investigação foi adquirir o máximo de conhecimentos possíveis inerentes à Componente de Apoio à Família, de forma a conhecer e a perceber o que iria ser tratado e para me sentir mais à vontade nesta área, começando por ler todos os documentos existentes na Junta.

4.5.2 Guião de entrevista

O guião de entrevista é absolutamente necessário para estruturar a entrevista.

Após definir os assuntos que pretendia abordar na entrevista e o público-alvo a entrevistar, comecei por construir Blocos/Temas, através de objectivos que justificavam a sua pertinência. A cada objectivo corresponde uma ou mais questões. À frente de cada uma foi colocado um espaço para possíveis observações, onde foram incluídos alguns auxiliares de memória que me ajudaram na condução da entrevista.

Este guião contém os seguintes blocos (ver anexo 2): - A legitimação da entrevista, com o objectivo de explicar como vai decorrer a entrevista; - A Junta de Freguesia de Carnide, no intuito de conhecer a opinião dos entrevistados acerca da mesma (importante para o 2.º capítulo deste relatório); - A caracterização do bairro onde desenvolve ou já desenvolveu funções (também utilizado no 2.º capítulo), de modo a perceber as características e o público-alvo de cada bairro, (apenas para os Coordenadores de CAF, uma vez que, na entrevista das Técnicas foi-lhes questionado, de forma mais

generalizada, logo no primeiro bloco); - A Caracterização de um Coordenador de CAF ou de um Técnico Superior de Educação, que pretende identificar as funções de cada um destes profissionais no seu dia-a-dia e ao longo do seu percurso profissional; a Caracterização da Componente de Apoio à Família, com o objectivo de perceber melhor este serviço; - o Projecto de Avaliação da Componente de Apoio à Família, onde se pretende conhecer a importância que atribuem ao projecto e a forma como o percebem; - As necessidades de avaliação da Componente de Apoio à Família, com o objectivo de perceber a opinião dos entrevistados acerca do que deve ser avaliado e, por último, a conclusão da entrevista (os agradecimentos).

Apesar de alguns blocos terem sido mais usados noutros capítulos do meu relatório de estágio, todos eles foram fundamentais para a execução deste projecto de investigação, uma vez que me permitiram conhecer a dinâmica de toda esta realidade educativa.

Assim, para a construção deste guião centrei-me sobretudo na minha problemática, na minha questão de investigação e nos meus objectivos principais.

4.5.3 Entrevista

Com a realização destas entrevistas pretendia recolher informações reais, mas também de opinião, na linguagem do próprio sujeito, de modo a conhecer a sua perspectiva acerca de cada um dos assuntos abordados.

Optei por entrevistar as Técnicas de Educação da Junta de Freguesia de Carnide e os Coordenadores da CAF. Quanto às primeiras, penso que teria sido importante ouvir cada uma de forma isolada. Contudo, devido ao elevado volume de trabalho existente, não lhes foi possível, pelo que a entrevista foi realizada a ambas, em simultâneo.

Com a ajuda do guião da entrevista, fui dirigindo a mesma, tentando mantê-la numa linha de raciocínio coerente, mas dando a oportunidade a mim própria de incluir na conversa outro tipo de perguntas e, aos entrevistados, de se exprimirem e de abordarem outras questões que, não tendo sido questionadas, fossem pertinentes para a temática,

No entanto, tentei nunca influenciar a sua perspectiva na forma como colocava a questão, nem fazer questões que, de algum modo pudessem dirigir as respostas através de “sim ou não”, como se de um questionário se tratasse.

Comecei por explicar os objectivos do estudo e da entrevista, informando-os acerca da confidencialidade das suas respostas e da importância da sua contribuição.

Apesar do tempo de duração de cada entrevista ter sido muito distinto, o que pode ser justificado pela personalidade e experiência profissional de cada entrevistado, todas correram muito bem e cada uma, à sua maneira, possibilitou-me uma outra visão das coisas, a de quem está diariamente no campo e vive os problemas e as alegrias de perto. Em todas as entrevistas foi solicitada a sua gravação, uma vez que é a forma mais eficaz de registar integralmente toda a informação transmitida. Após a transcrição deste fonte tão fundamental de dados, procedi à transcrição das mesmas (ver anexo 3) e, de seguida, à sua respectiva análise de conteúdo, a qual passo a abordar, sucintamente, de seguida.

4.5.4 Análise de Conteúdo

Segundo Quivy, a análise de conteúdo é um método cada vez mais utilizado em investigação social, uma vez que “oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade” (Quivy, 2005, Pg. 227)

Este procedimento pode revelar-se lento e complexo, uma vez que exige um elevado grau de concentração e uma capacidade de objectivação, de forma a poder colocar numa determinada categoria informação que não se enquadre numa outra categoria, daí advindo inferências válidas. Quando bem definidas as categorias e bem trabalhada toda a informação, é fundamental para a compreensão e análise da informação recolhida.

Deste modo, comecei por definir categorias (mais gerais) e, dentro das mesmas, subcategorias (mais específicas), onde se enquadrassem todas as unidades de registo (frases ou fragmentos de texto), consideradas pertinentes (ver anexo 4)

O conteúdo final ficou bastante claro e fiel à informação recolhida junto dos entrevistados e consiste na base de todo este trabalho, facilitando a sua compreensão.

4.5.5 Questionário

A utilização de questionários para avaliar a Componente de Apoio à Família foi decidida pela Junta de Freguesia antes do início do meu estágio. Contudo, tendo em conta os objectivos que me propus com este projecto de investigação, a utilização deste instrumento continuou a revelar-se muito pertinente.

O seu principal objectivo consiste em recolher o máximo de perspectivas possíveis acerca da CAF, ouvindo para isso os principais intervenientes: pais, Monitores e

Coordenadores, de forma a poder assim inferir se este serviço está, de facto, a responder às necessidades das famílias.

Inicialmente, foi decidido que seria eu a criar os questionários. Contudo, tive que me ausentar alguns dias do estágio e, quando regresssei, já tinham sido elaborados pelas Técnicas da Junta. Esta situação deixou-me algo desmotivada, uma vez que, apesar de saber que havia alguma pressa, ninguém me tinha avisado desta urgência. Caso o tivessem feito ter-me-ia dedicado mais a eles ao invés de outras tarefas.

No entanto, aquando da realização das entrevistas, decidi abordar na mesma as questões relacionadas com as necessidades de avaliação e a rede de avaliação, de forma a poder fazer algumas alterações ao questionário, caso se verificasse pertinente. Todos os itens abordados pelos Coordenadores (e pelas Técnicas) já constavam no questionário.

Foram elaborados vários questionários, diferentes em cada uma das avaliações, mas com pontos comuns. A cada item de avaliação foi atribuída uma percentagem pela Junta de Freguesia de Carnide de acordo com o grau de relevância.

Estes itens foram avaliados numa escala de 1 (Muito mau) a 4 (Muito bom), também definida pela Junta de Freguesia de Carnide.

Após uma breve reflexão do que foi planeado e, por algum motivo, não foi concretizado, farei uma análise e discussão das questões fechadas. As questões abertas não serão aprofundadas, uma vez que não se verificaram sugestões de melhoria, apenas pequenos apontamentos e agradecimentos ou justificações de respostas.

4.6 Análise dos Resultados

Nesta parte do meu trabalho irei apresentar os resultados obtidos com este estudo.

Para facilitar a compreensão dos mesmos decidi inserir um gráfico para cada uma das avaliações. Segundo Bell (1997) “o texto (...) não deve limitar-se a reproduzir a informação contida em quadros e figuras; deve sim enfatizar os aspectos relevantes e chamar a atenção para o que for mais importante”. (Pg. 215).

Neste sentido, para cada gráfico optei por referir os itens melhor e pior cotados, bem como algumas considerações que possam ser relevantes.

Em cada bairro fiz uma separação entre Coordenadores e Monitores.

Todos os valores poderão ser confirmados nas tabelas que se encontram no anexo 8. Em cada uma delas pode ser percepcionado o item de avaliação, a percentagem que lhe foi

atribuída pela Junta, as médias finais atribuídas a cada item para cada um dos intervenientes, bem como a média ponderada (apresentada mais adiante).

Na maior parte dos casos todos os valores foram arredondados às décimas. Contudo, no caso dos encarregados de educação (o público que apresenta uma maior quantidade de questionários respondidos), o arredondamento foi feito às centésimas, uma vez que como existe um maior número de respostas os valores ficavam concentrados num valor médio, com uma variação reduzida, devido ao facto também de praticamente todas as respostas terem assinalado os níveis 3 ou com 4.

Assim, esta diferença de precisão permite mostrar melhor a real variação dos valores (das respostas dadas) possibilitando inferir um maior número de conclusões.

Nos gráficos referentes às avaliações do mesmo tipo de parâmetros, foram mantidos os mesmos eixos e as mesmas cores para facilitar a comparação dos resultados nos diferentes bairros.

Relativamente aos valores representados no gráfico estes foram obtidos da seguinte forma. Em primeiro lugar foi feita uma média simples, aritmética, para cada um dos campos avaliados nos questionários, referentes tanto aos Coordenadores como aos Monitores, como pode ser confirmado nas tabelas (Anexo 8). De modo a obtermos os valores da “classificação final” para cada Monitor e Coordenador foram usados os factores de ponderação, que podem ser vistos na segunda coluna de todas as tabelas e que tentam quantificar o peso relativo de cada um dos campos avaliados.

Finalmente, foi feita uma média ponderada para todas as questões de avaliação referentes tanto a Monitores como a Coordenadores usando os valores das médias aritméticas atrás referidas e o número de inquéritos preenchidos em cada caso. Isto implica que, como exemplo, as notas atribuídas a um Monitor que tenha sido avaliado por um maior número de Encarregados de Educação, terão um peso maior do que as notas finais obtidas por outro colega, avaliado por um menor número de Encarregados de Educação. São pois estes valores finais que podem ser consultados nos gráficos 1 a 18 e que correspondem à última coluna das tabelas do Anexo 8.

4.6.1 Bairro Padre Cruz

Avaliação aos Coordenadores

a) Avaliação atribuída pelos Encarregados de Educação

Ao analisar o gráfico 1, que representa as respostas de 62 encarregados de educação, podemos concluir que os valores se situam entre os 3,41 e os 3,68.

A gestão de conflitos é o item que mereceu uma pior avaliação por parte dos encarregados de educação, logo seguido da presença no equipamento e da disponibilidade para receber os encarregados de educação.

A responsabilidade foi o item que os pais classificaram como melhor, seguido da relação com o grupo de crianças.

Quanto à avaliação final, a média ponderada foi de 3,55.

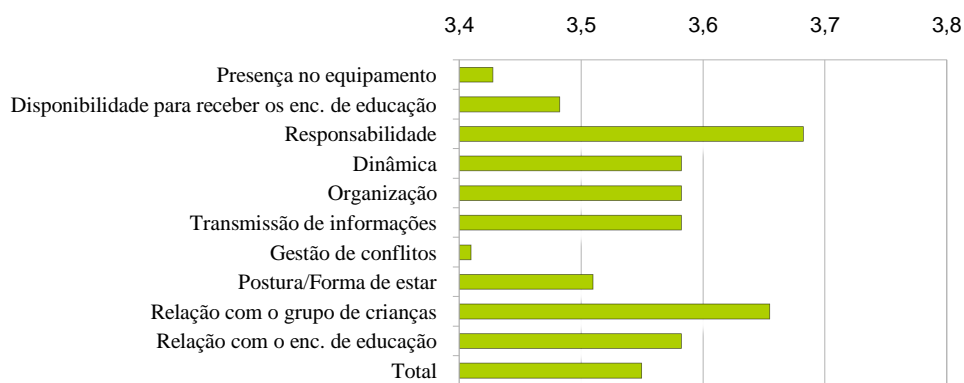


Gráfico 1 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Coordenadores

b) Avaliação atribuída pelos Monitores

Passando à avaliação dos Coordenadores pelos Monitores verificamos, com base no gráfico 2, que as avaliações mais elevadas foram atribuídas à presença no equipamento e ao empenho em outras tarefas e iniciativas da Junta.

O item presença no equipamento tinha obtido uma das avaliações mais baixas na avaliação dos encarregados de educação aos Coordenadores, existindo assim uma diferença no modo como este item é percepcionado pelos diferentes avaliadores. A relação com os encarregados de educação e com os Professores/Educadores obtiveram as cotações mais baixas, ficando os restantes tópicos nos 3,3 e nos 3,4.

A média ponderada atribuída aos Coordenadores foi de 3,4

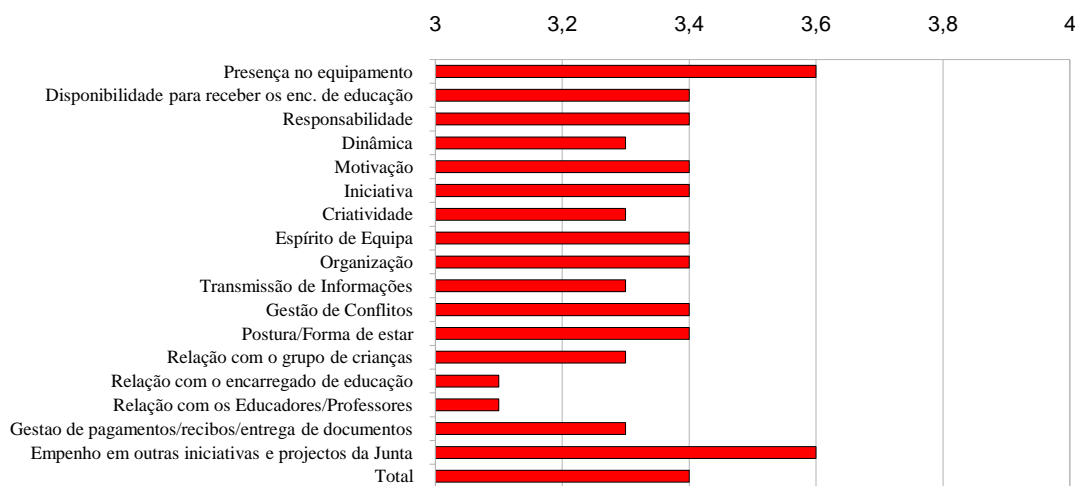


Gráfico 2 – Avaliação dos Monitores aos Coordenadores

Avaliação aos Monitores

a) Avaliação atribuída pelos Encarregados de Educação

Segundo o gráfico 3 podemos perceber que os 97 encarregados de educação que responderam a este questionário deram maior destaque à apreciação global da sala (3,63), logo seguido da relação com as crianças e do grau de satisfação da criança. Neste sentido, podemos verificar que a atenção que os Monitores dedicam às crianças parece ser bastante bem avaliada.

Os valores mais baixos referem-se à transmissão de informações (3,53).

A média ponderada dos encarregados de educação aos Monitores deste bairro é de 3,60

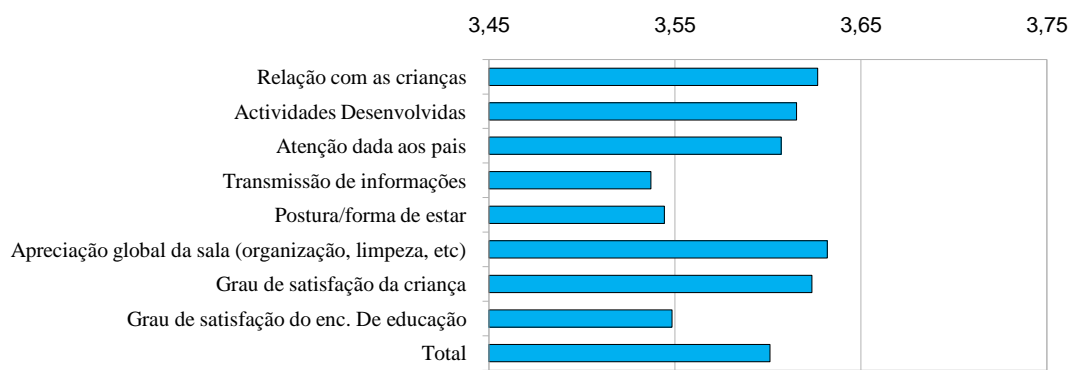


Gráfico 3 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Monitores

b) Avaliação atribuída pelos colegas Monitores

No gráfico 4, apesar dos valores numéricos estarem algo próximos, podemos ainda assim apontar algumas tendências. A responsabilidade, o espírito de equipa, o domínio do grupo, a postura, a relação com o grupo de crianças e a relação com os encarregados de educação receberam os valores mais elevados, enquanto que a assiduidade, a pontualidade, a motivação, o desenvolvimento de actividades e o empenho nos restantes projectos da Junta apresentam os valores mais baixos. Assim, é possível verificar que as avaliações mais baixas foram dadas a itens de natureza pessoal.

Enquanto a avaliação atribuída pelos colegas Monitores varia entre os 3,1 e os 3,3, a avaliação atribuída pelos Encarregados de Educação aos Monitores varia entre os 3,53 e os 3,63, consistindo numa diferença bastante considerável.

Assim, é possível concluir que o serviço da CAF no Bairro Padre Cruz é melhor percebido pelos Encarregados de Educação do que pela equipa de Monitores.

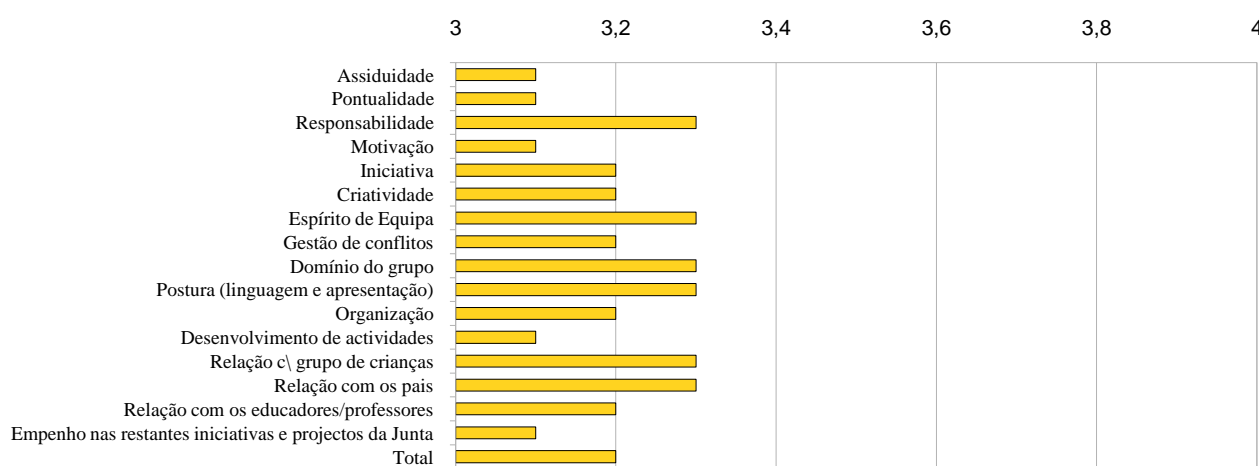


Gráfico 4 – Avaliação dos Monitores aos colegas

c) Auto-avaliação

Na auto-avaliação (gráfico 5) verifica-se uma maior variação dos valores (entre 3,0 e 3,6). De um modo geral, os Monitores consideraram que os itens onde melhor desenvolvem a sua actividade são a relação com o grupo de crianças e a relação com os Professores/Educadores. Quanto aos valores mais baixos são a criatividade e o desenvolvimento de actividades, o que pode estar relacionado com alguma falta de formação académica e de experiência profissional.

A média final da auto-avaliação é de 3,3

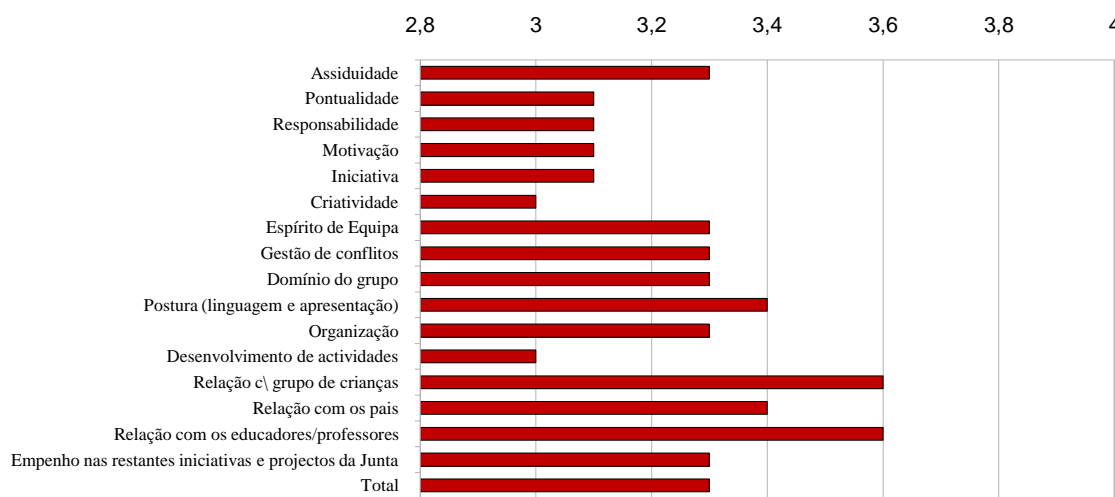


Gráfico 5 – Auto-Avaliação dos Monitores

Neste contexto, é interessante comparar os resultados da auto-avaliação com os obtidos na avaliação feita aos colegas, uma vez que os campos avaliados são precisamente os mesmos. Como exemplo, comparando os dois gráficos respectivos, podemos verificar que, em ambos os casos (tal como na avaliação dos Encarregados de Educação), a relação com as crianças surge sempre com a nota mais elevada.

O empenho nas restantes tarefas da Junta obteve por parte da equipa de Monitores e dos Coordenadores com as pontuações mais baixas (3,1 no primeiro e 2,7 no segundo). Contudo, quando questionados sobre este aspecto, os Monitores atribuíram uma média de 3,3 a si próprios. Assim, é curioso perceber que a equipa de Monitores considera este item mais baixo para os colegas do que para si próprios.

d) Avaliação atribuída pelos Coordenadores

Relativamente à avaliação levada a cabo pelos Coordenadores (Gráfico 6) estes consideraram que a sua equipa de Monitores é bastante responsável (3,9). Contudo, segundo os mesmos, verifica-se que o espírito de equipa é muito baixo (2,5), o que é fundamental neste tipo de projectos educativos. Também a criatividade é cotada com um valor baixo (2,6) quando comparado com os restantes.

A média final da avaliação dos Coordenadores à equipa com que trabalha é de 3,1, a mais baixa de todas as avaliações deste bairro. Esta é uma equipa jovem, com pouca experiência profissional e pouca formação académica, o que poderá condicionar esta avaliação (aprofundarei esta questão nas conclusões deste capítulo).

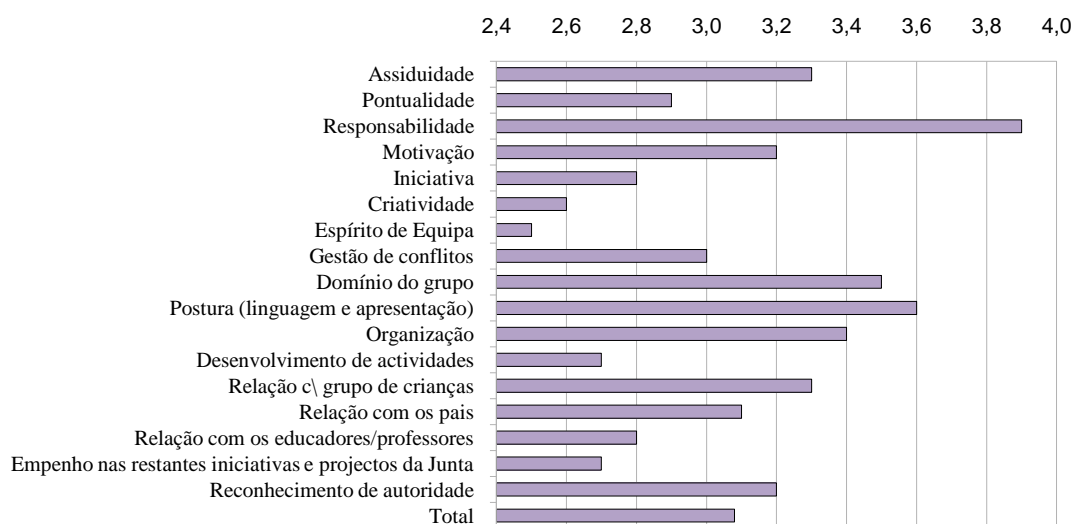


Gráfico 6 – Avaliação dos Coordenadores aos Monitores

4.6.2 Bairro da Horta Nova

Avaliação aos Coordenadores

a) Avaliação atribuída pelos Encarregados de Educação

Com base no gráfico 7, que descreve a avaliação feita por 59 encarregados de educação, podemos concluir que a cotação mais baixa foi atribuída à presença no equipamento (3,46). A relação com o grupo de crianças é o item melhor classificado (3,78), logo seguido da relação com os encarregados de educação (3,74), o que permite concluir que estes se encontram satisfeitos com a forma como os Coordenadores se relacionam com eles e com as crianças. A média da avaliação final é de 3,64.

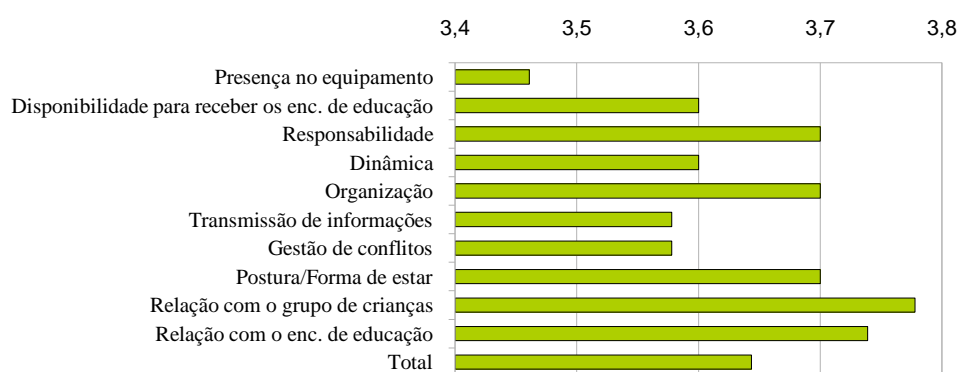


Gráfico 7 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Coordenadores

b) Avaliação atribuída pelos Monitores

No gráfico 8 podemos observar uma dispersão dos valores obtidos na avaliação aos Coordenadores bastante considerável, variando estes entre 3,1 e 3,9.

As avaliações mais elevadas foram atribuídas à responsabilidade, à relação com o encarregado de educação, a gestão de pagamentos e de recibos e ao empenho nas restantes actividades da Junta.

O item com menos cotação foi a organização que, enquanto obteve uma cotação de 3,7 pelos encarregados de educação, foi cotada pelos Monitores em apenas 3,1.

A média ponderada atribuída aos Coordenadores pelos Monitores foi de 3,6.

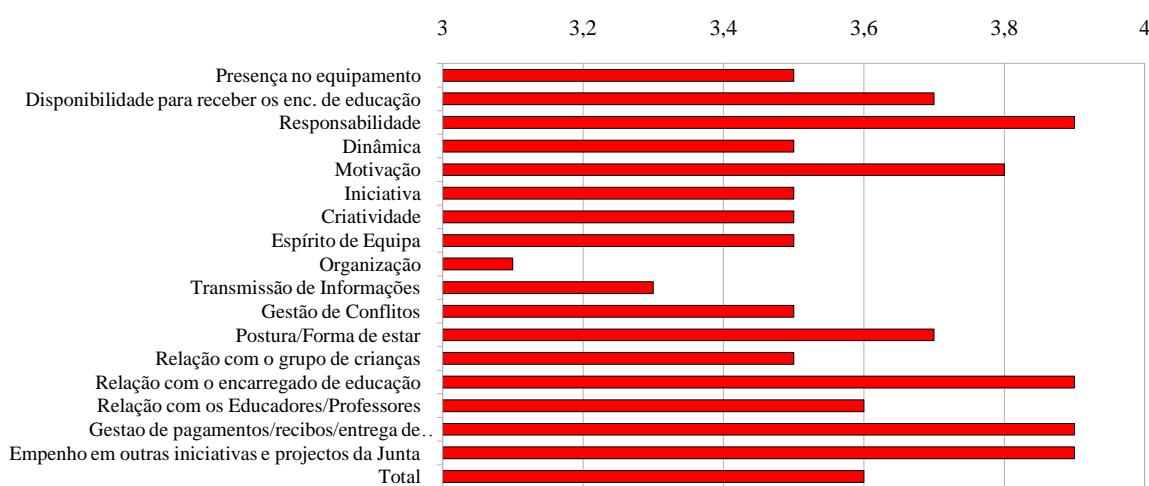


Gráfico 8 – Avaliação dos Monitores aos Coordenadores

c) Auto-avaliação

Quanto à auto-avaliação, apenas o Coordenador E a efectuou (como se pode ver no anexo 8.2), atribuindo 4 a todos os itens, à excepção da organização e da transmissão de informações (classificados com 3). Neste sentido, é interessante perceber que existe aqui uma certeza de que estes são os itens que apresentam uma maior lacuna.

Avaliação aos Monitores

a) Avaliação atribuída pelos encarregados de educação

O gráfico 9 descreve a avaliação de 126 encarregados de educação. Verifica-se aqui uma dispersão reduzida, entre os 3,49 e os 3,69. Contudo, é possível perceber que o grau de satisfação da criança é aquele que os encarregados de educação consideram mais satisfatório e as actividades desenvolvidas o menos satisfatório.

A média final do total de respostas dos encarregados de educação é de 3,58.

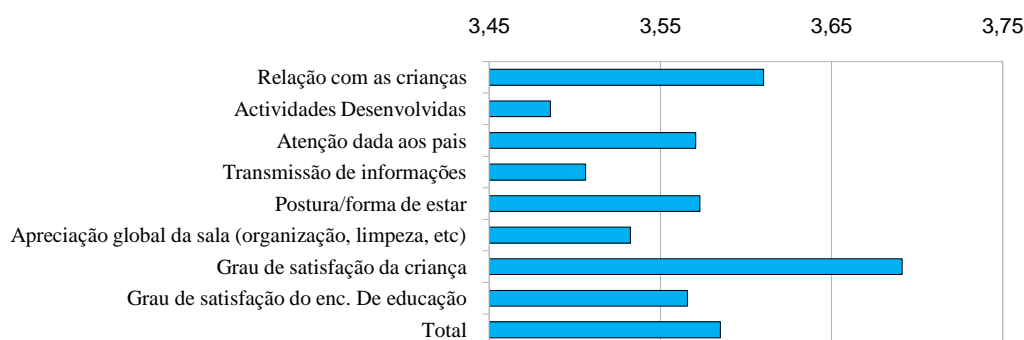


Gráfico 9 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Monitores

b) Avaliação atribuída pelos colegas Monitores

Na avaliação dos Monitores aos colegas (Gráfico 10) o espírito de equipa, a relação com o grupo de crianças, e a relação com os Educadores/Professores foram os aspectos melhor classificados (3,9).

A criatividade foi a que obteve a avaliação mais reduzida (3,4), seguida do empenho nas restantes iniciativas e projectos da Junta (3,5).

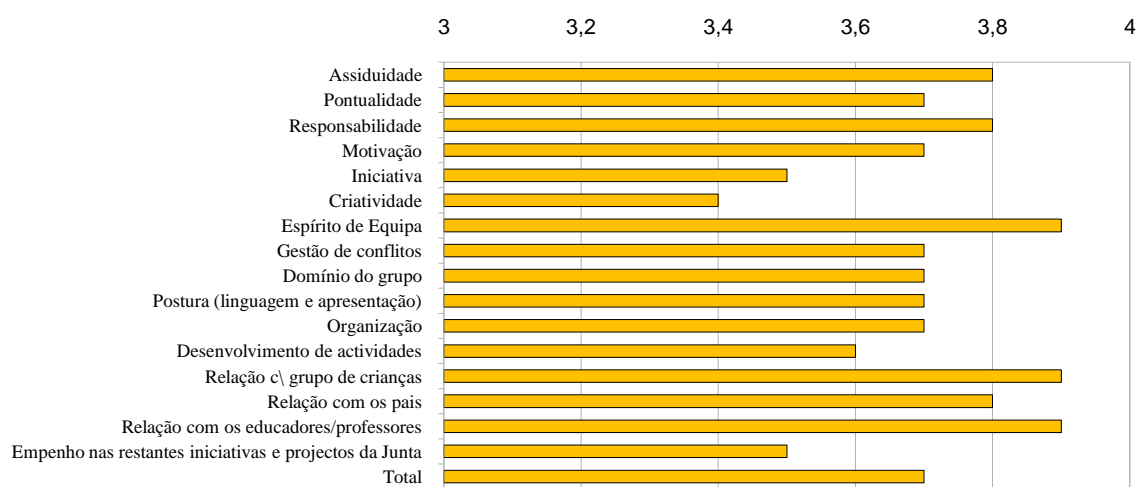


Gráfico 10 – Avaliação dos Monitores aos colegas

c) Auto-avaliação

É interessante verificar que o gráfico 11, referente à auto-avaliação dos Monitores, é talvez o que apresenta uma maior dispersão de resultados (entre o 2,9 e o 4,0).

O item onde, unanimemente, consideram que prestam um melhor trabalho é na organização, seguido da responsabilidade e da relação com o grupo de crianças.

Pelo contrário, o empenho nas restantes actividades da Junta é aquele em que têm uma pior percepção do seu desempenho.

Uma vez que os critérios de avaliação são exactamente iguais aos da avaliação dos Monitores aos colegas, é possível fazer aqui uma comparação. No empenho nas restantes actividades da Junta e na relação com o grupo de crianças a avaliação é totalmente coincidente. Nos restantes verifica-se também alguma semelhança.

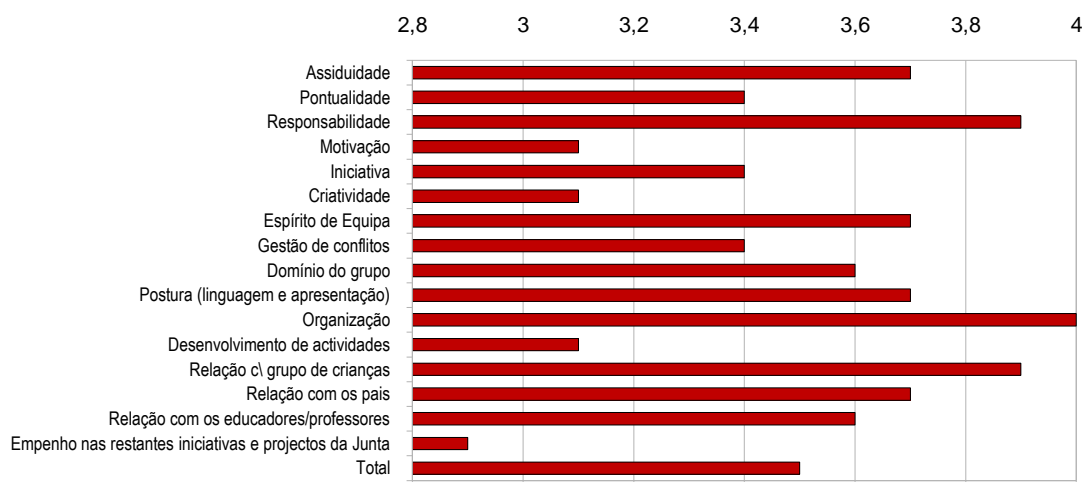


Gráfico 11 – Auto-avaliação dos Monitores

d) Avaliação atribuída pelos Coordenadores

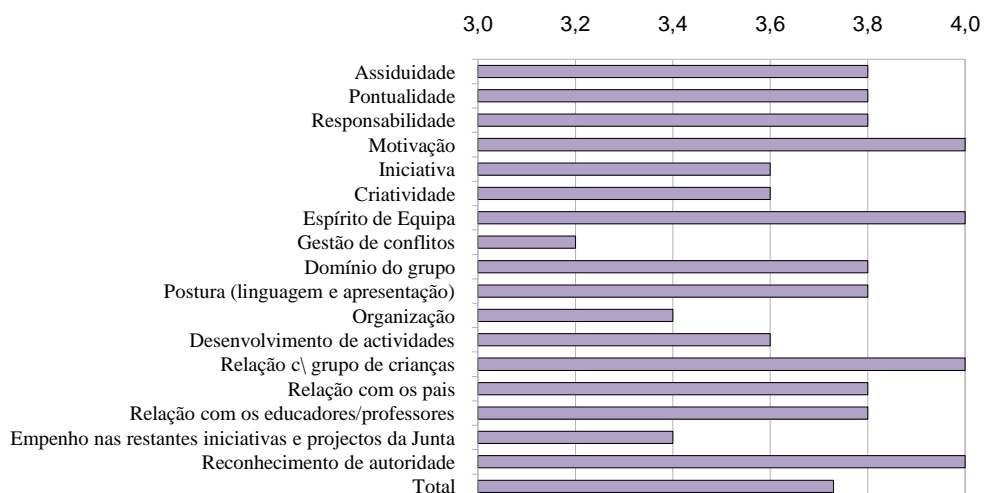


Gráfico 12 – Avaliação dos Coordenadores aos Monitores

Ao analisar o gráfico 12, podemos verificar que a gestão de conflitos é onde os Coordenadores atribuem uma classificação mais baixa à sua equipa de Monitores (3,2).

A motivação, o reconhecimento da autoridade, o espírito de equipa e a relação com o grupo de crianças, foram cotados com a escala máxima de 4 valores.

A média final da avaliação dos Coordenadores aos Monitores com os quais trabalham no dia-a-dia é de 3,7.

4.6.3 Carnide Centro

Avaliação aos Coordenadores

a) Avaliação atribuída pelos encarregados de educação

Após observarmos o gráfico 13 (referente à resposta ao questionário por parte de 98 encarregados de educação) podemos aferir que a transmissão de informações foi o que mereceu uma avaliação mais baixa (3,5).

A disponibilidade para receber os encarregados de educação, a responsabilidade, a relação com o grupo de crianças e a relação com os encarregados de educação foram os valores mais cotados (3,8), onde se incluem todos os itens ao nível das relações estabelecidas. A média final é de 3,68.

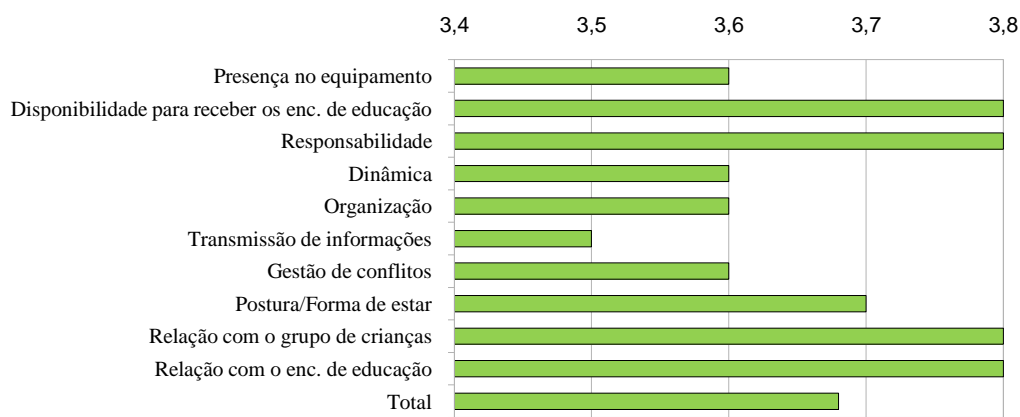


Gráfico 13 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Coordenadores

b) Avaliação atribuída pelos Monitores

A avaliação dos Monitores aos Coordenadores (gráfico 14) divide-se em três valores distintos. A cotação máxima foi atribuída à disponibilidade para receber os encarregados de educação, dinâmica, iniciativa, gestão de conflitos, postura/forma de estar, gestão de pagamentos e empenho em outras actividades da Junta. Os itens com a classificação mais

baixa foram a presença no equipamento e a transmissão de informações (3,5), todos os restantes obtiveram a classificação de 3,8.

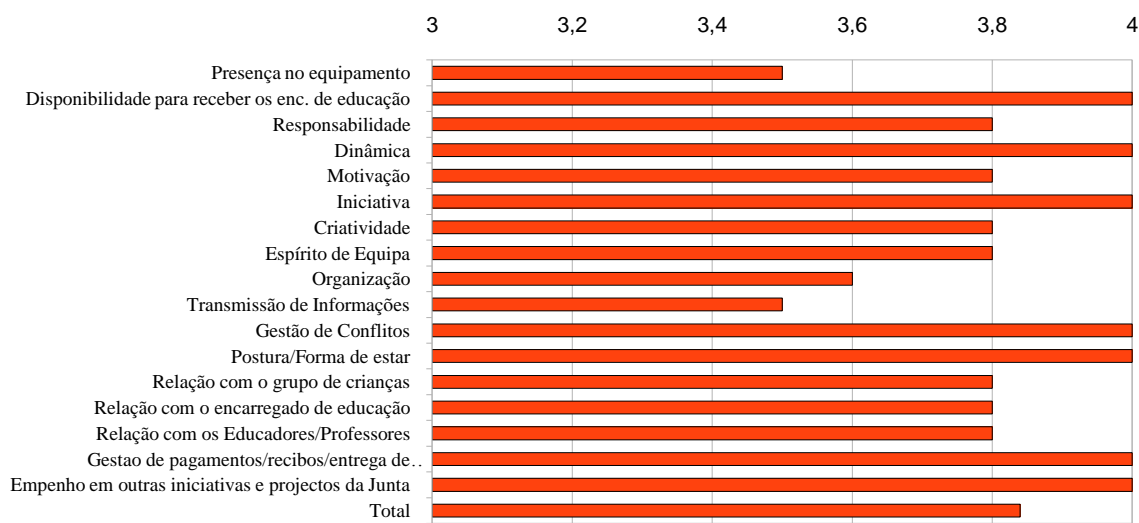


Gráfico 14 – Avaliação dos Monitores aos Coordenadores

c) Auto-avaliação

Quanto à auto-avaliação (ver tabela no anexo 8.3) é coincidente com esta avaliação dos Monitores, o que nos faz concluir que existe por parte de toda a equipa uma noção concordante dos aspectos mais fortes e mais fracos.

O item transmissão de informações foi o que mereceu uma pior avaliação tanto por parte dos encarregados de educação, como por parte dos Monitores, tendo sido auto-avaliado pelo Coordenador com um 3.

Neste sentido, podemos verificar que é um factor de insatisfação tanto para o exterior (na informação transmitida aos encarregados de educação), como para o interior da própria equipa, admitindo o Coordenador que poderia ser melhor.

Uma vez que este Coordenador está responsável pelo serviço de CAF no Primeiro Ciclo e no Jardim de Infância (único caso em que esta situação se verifica), decidiu auto-avaliar-se para cada um dos serviços. É por esta razão que podemos identificar casas decimais na tabela em anexo, uma vez que, em alguns casos, para o mesmo item atribuiu avaliações diferentes (por exemplo, na motivação atribuiu-se um 4 num serviço e 3 no outro, sendo a média final de 3,5).

Avaliação aos Monitores

a) Avaliação atribuída pelos encarregados de educação

No gráfico 15 podemos verificar a existência de uma dispersão reduzida dos valores (entre os 3,58 e os 3,79). Os 358 encarregados de educação que responderam aos questionários consideraram que a relação com as crianças e o grau de satisfação da criança são os itens onde o trabalho dos Monitores é melhor. Quanto à transmissão de informações foi aquele que os encarregados de educação atribuíram uma classificação mais baixa, como já vem sendo habitual em outras avaliações.

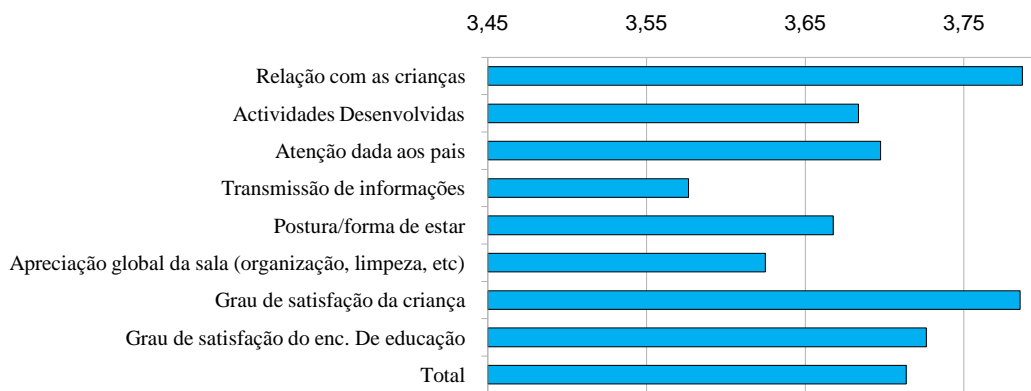


Gráfico 15 – Avaliação dos Encarregados de Educação aos Monitores

b) Avaliação atribuída pelos colegas Monitores

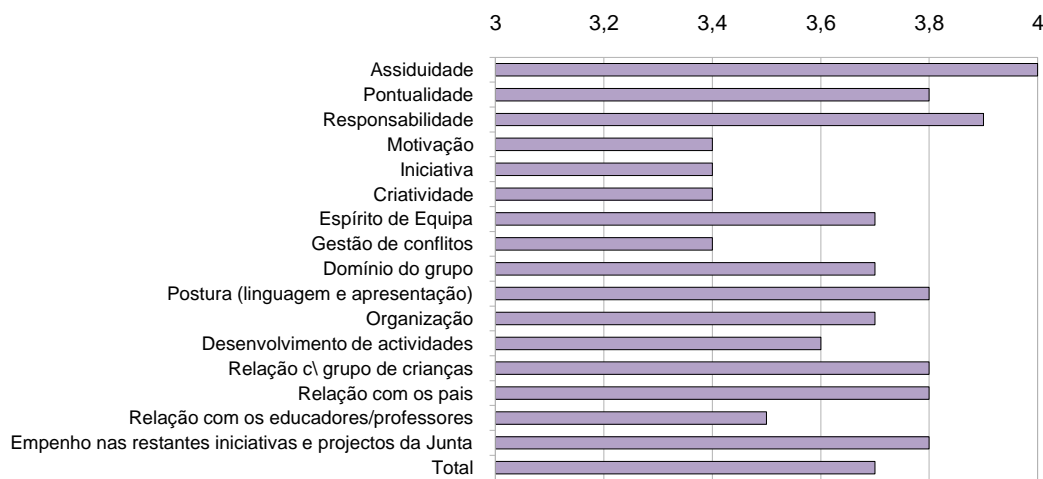


Gráfico 16 – Avaliação dos Monitores aos colegas

Através da análise ao gráfico 16, podemos verificar que os Monitores consideram que a equipa de Monitores é muito assídua (4,0) e também responsável (3,9).

Os valores menos bem cotados são a motivação, a iniciativa, a criatividade e a gestão de conflitos (todos com 3,4), logo seguido da relação com os Educadores/Professores (3,5). A média ponderada desta avaliação é de 3,7.

c) Auto-avaliação

Na sua auto-avaliação (gráfico 17), a assiduidade, relação com o grupo de crianças e relação com os pais foram classificadas com a escala máxima, estando a assiduidade em conformidade com a avaliação dada pelos colegas.

A iniciativa, a gestão de conflitos, o domínio do grupo e a relação com os Educadores/Professores ficaram tiveram as classificações mais baixas, mais precisamente 3,3.

No que se refere à gestão de conflitos foi também a avaliação mais reduzida atribuída pelos seus colegas.

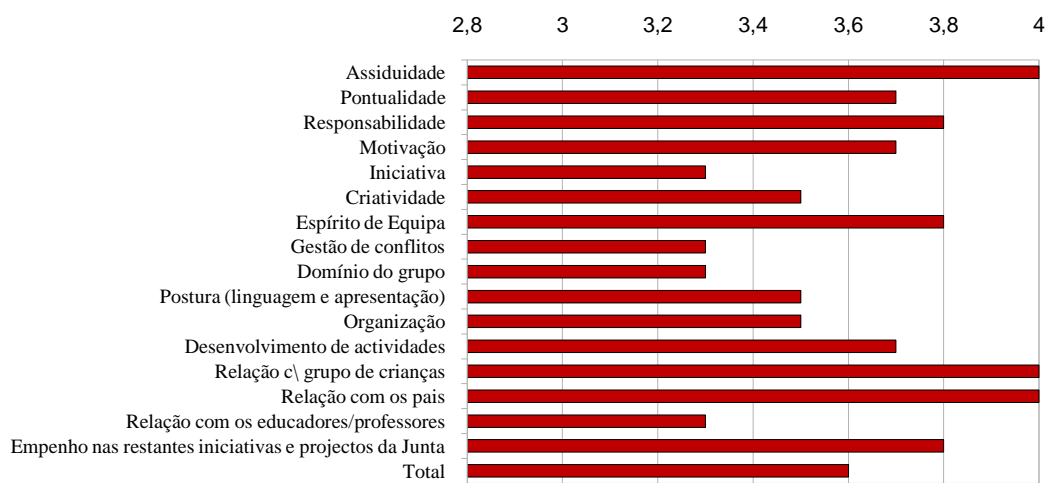


Gráfico 17 – Auto-avaliação dos Monitores

d) Avaliação atribuída pelos Coordenadores

O gráfico 18 é dos que apresenta uma maior dispersão (entre 2,8 e 4,0). A equipa de Monitores de Carnide Centro recebeu a cotação máxima na assiduidade, pontualidade, responsabilidade, relação com o grupo de crianças, relação com os pais e reconhecimento de autoridade. A gestão de conflitos foi onde se verificou o valor mais reduzido (de 2,8), o que me parece ser algo a reflectir.

A média ponderada desta avaliação é de 3,7.

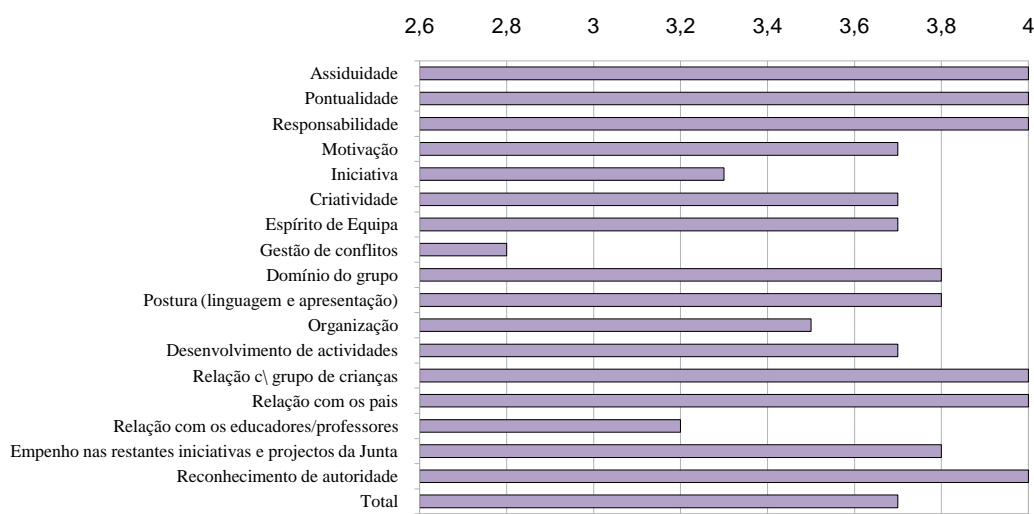


Gráfico 18 – Avaliação dos Coordenadores aos Monitores

4.7 Discussão dos Resultados

Antes de mais gostaria de mencionar que, para não estar sempre a referir o nome de cada um dos locais e de forma a não tornar esta análise demasiado cansativa, optei por ir fazendo algumas abreviaturas: CC (Carnide Centro), HN (Bairro da Horta Nova), BPC (Bairro Padre Cruz).

Começarei por fazer uma análise individual das diferentes avaliações e, de seguida, algumas referências bairro a bairro.

Ao analisar a avaliação final dos 3 bairros é possível identificar algumas semelhanças e diferenças. Relativamente à avaliação feita pelos encarregados de educação aos Coordenadores, podemos verificar que a média final é exactamente igual em CC e na HN (3,65), não sendo a diferença significativa no BPC (3,55). Penso que é de destacar o facto de a relação com o grupo de crianças ser o item mais bem cotado em todos os bairros e da relação com os encarregados de educação ser também muito positiva.

Quanto à presença no equipamento foi um dos itens menos cotado em todos os bairros, o que me parece merecer alguma atenção por parte dos intervenientes.

Apesar da necessidade de, enquanto investigadora, me abstrair do meu estágio, sei que os Coordenadores acumulam várias tarefas, o que faz com que nem sempre se consigam dedicar às crianças e até aos encarregados de educação como gostariam. No entanto, e

tendo em conta que este é um facto que desagrada aos encarregados de educação, penso que é necessário repensar a sua importância em cada um dos equipamentos.

No Bairro Padre Cruz a gestão de conflitos foi o que obteve um valor mais baixo e portanto penso que deverá haver aqui uma reflexão de toda a equipa, uma vez que é um valor isolado dos outros (3,41). Contudo, e tendo em conta a escala utilizada pela Junta de Freguesia de Carnide estamos a falar do 3, ou seja, Bom.

Relativamente à avaliação dos Monitores aos Coordenadores, a que obteve valores mais baixos foi no BPC, enquanto que os mais elevados se observaram na HN.

O item empenho em outros projectos da Junta foi o que teve uma melhor avaliação em todos os bairros. No Bairro Padre Cruz os itens relação com os encarregados de educação e relação com os Professores e Educadores foram os itens menos cotados, o que me parece preocupante por ser uma avaliação da própria equipa. Contudo, todos os itens de avaliação se situam na escala 3.

No que diz respeito à avaliação dos encarregados de educação aos Monitores o mais bem cotado foi Carnide Centro (3,71). De um modo geral, nos 3 bairros os itens com melhor avaliação foram o grau de satisfação das crianças e a relação com as crianças.

É de salientar ainda que os itens menos bem cotados foram a transmissão de informações no BPC e em CC, enquanto que na HN foram as actividades desenvolvidas. Contudo, e apesar de este valor estar distante dos restantes, mais uma vez é crucial referir que ele se encontra nos 3,49, o que apesar de poder ser melhorado, não me parece preocupante, apesar da importância deste item.

Quanto à avaliação dos colegas aos Monitores, CC e HN apresentam ambos uma avaliação final de 3,7, enquanto que o BPC se ficou pelos 3,2, verificando-se aqui uma grande variação.

Enquanto que nos primeiros bairros os valores têm um intervalo entre os 3,4 e os 4,0, no segundo os valores encontram-se entre os 3,1 e os 3,3. A responsabilidade foi um dos itens mais bem cotados em todos os bairros. A classificação mais elevada foi atribuída à responsabilidade dos colegas (em CC e no BPC) e ao espírito de equipa e à relação com o grupo de crianças (na HN e no BPC). Contudo, apesar de não ser o valor mais elevado, a

relação com o grupo de crianças acaba por ter uma melhor classificação (3,8) do que no BPC (3,3).

Alguns dos valores mais baixos são a criatividade (em CC e na HN), o empenho nos restante projectos da Junta (BPC e HN) e a motivação (CC e BPC). É importante aqui referir que a gestão de conflitos em CC é também um dos valores mais baixos, o que pode ser preocupante.

Relativamente ao seu próprio desempenho, em todos os bairros a relação com o grupo de crianças foi o item melhor considerado. Quanto aos aspectos em que o seu desempenho teve uma média mais baixa podemos mencionar a gestão de conflitos, domínio do grupo, relação com os Educadores/Professores no CC e o desenvolvimento de actividades.

Ao avaliarem a sua equipa de Monitores, os Coordenadores de CC e da HN avaliaram em comum o reconhecimento de autoridade e a relação com o grupo de crianças como aqueles em que o desempenho da sua equipa é melhor, atingindo a escala máxima (4,0). Também a motivação e o espírito de equipa atingiram os valores máximos na HN e a responsabilidade e a relação com os pais em CC.

Quanto aos valores mais baixos desta avaliação, referem-se à gestão de conflitos na HN e em CC e ao espírito de equipa no BPC. A média ponderada em CC e na HN foi, logo a seguir à avaliação dos Monitores aos Coordenadores em CC a que obteve uma média mais elevada (3,7). Contudo, foi a mais baixa de todas no BPC (3,1). Apesar da média final elevada em CC, a gestão de conflitos apresenta um valor baixo (apenas 2,8). No BPC verificam-se várias avaliações abaixo dos 3,0. Contudo, nenhuma delas fica abaixo dos 2,5, o que me permite concluir que, em todos os itens avaliados, nenhum deles teve uma avaliação negativa.

Bairro Padre Cruz

As avaliações atribuídas ao serviço da CAF do Bairro Padre Cruz situam-se entre os 2,5 e os 3,9, precisamente o intervalo da avaliação dos Coordenadores aos Monitores, que apresenta de todas as avaliações deste projecto, a maior dispersão de resultados e a cotação mais baixa (2,5), atribuída ao espírito de equipa. Além deste, existem ainda outros 7 itens com avaliações inferiores aos 3,0. Esta avaliação teve a média final mais baixa de todos os bairros (3,1)

Penso que esta dispersão se deve ao facto de haver uma equipa de CAF de Primeiro Ciclo e outra de Jardim de Infância, onde sei (através da minha participação nas reuniões de coordenação de CAF) que existem níveis de satisfações distintos.

Contudo, os encarregados de educação não parecem partilhar deste descontentamento e é exactamente nas suas duas avaliações (aos Coordenadores e aos Monitores) que se verificam as médias mais elevadas (precisamente 3,6 em ambos os casos).

A Junta de Freguesia de Carnide aposta em Monitores moradores no próprio bairro, de forma a reforçar alguns laços existentes. No Bairro Padre Cruz existe a equipa mais jovem, com menos formação académica e com menos experiência no serviço de CAF.

Os encarregados de educação deste bairro, como já referi, são os que apresentam menos habilitações académicas e mais problemas sociais. Neste sentido, penso poder afirmar que talvez seja o público menos exigente, uma vez que existe uma tendência para não questionar tanto certos valores.

Contudo, penso poder afirmar que os encarregados de educação se encontram satisfeitos com o trabalho realizado e que, tendo em conta a avaliação atribuída, este serviço parece corresponder às suas necessidades.

Horta Nova

No serviço de CAF no Bairro da Horta Nova as avaliações mais elevadas foram atribuídas à avaliação dos encarregados de educação aos Coordenadores, à avaliação dos Monitores aos colegas e à avaliação dos Coordenadores aos Monitores (todas com 3,7).

Os valores variam entre os 2,9 (único valor existente abaixo dos 3,0, atribuído na auto-avaliação dos Monitores, no item empenho em outros projectos da Junta) e os 4,0 (verificados na avaliação dos Coordenadores aos Monitores e na auto-avaliação dos Monitores).

Comparativamente ao Bairro Padre Cruz, podemos verificar uma clara mudança na satisfação dos seus intervenientes. Enquanto que no bairro anterior as cotações mais elevadas foram atribuídas pelos encarregados de educação, neste foram atribuídas aos Coordenadores e vice-versa, mostrando a satisfação existente ao nível da equipa.

Contudo, as avaliações dos encarregados de educação variam entre os 3,46 e os 3,78, o que me parece um bom indicador da sua satisfação e da forma como este serviço responde às suas necessidades.

Os encarregados de educação deste bairro, segundo o que fui aferindo ao longo do estágio, e o que me foi dito nas entrevistas, consistem num público mais preocupado e com mais formação académica do que o anterior. Neste sentido, penso que esta situação é transparente na avaliação que fazem, ou seja, estão satisfeitos, mas mostram-se mais exigentes.

Carnide Centro

Em Carnide Centro as médias das avaliações finais ao serviço da CAF encontram-se entre os 3,6 (auto-avaliação dos Monitores) e 3,83 (avaliação dos Monitores aos Coordenadores).

A avaliação dos Coordenadores aos Monitores é a que apresenta uma maior dispersão de valores, entre o 2,8 (o mais baixo de todo o bairro, atribuído à gestão de conflitos) e 4,0 (que se repete ao longo de outras avaliações).

Apesar de este bairro ser o que apresenta a população com mais formação académica e uma maior preocupação no acompanhamento prestado às crianças (quando comparados com os anteriores), é possível verificar que existe um grau de satisfação elevado.

Este é o bairro que apresenta uma equipa com mais experiência e formação académica e penso que isso se nota no trabalho prestado.

Apesar das diferenças entre os recursos humanos ao nível da equipa de cada bairro e das diferenças no tipo de população de cada bairro (o que não sei se é ou não propositado, mas acredito que não) penso poder afirmar que, na realidade, existe uma adaptação a cada público, o que acaba por funcionar, uma vez que apresentam um grau de satisfação bastante elevado.

No que se refere aos encarregados de educação de Carnide Centro, e comparativamente aos outros dois bairros, são considerados por um dos Coordenadores (abordado no próximo capítulo) da CAF como pessoas com mais informação, que se impõem mais e questionam mais o trabalho desenvolvido com os seus educandos, sabendo falar melhor e estar com as pessoas (Carnide Centro).

Penso que em alguns casos a percepção dos encarregados de educação é ainda melhor do que a da equipa de Monitores aos seus colegas e aos Coordenadores, o que se pode justificar com a instabilidade das equipas.

4.8 Sugestões de Melhoria

Alguns dos objectivos definidos para este trabalho relacionam-se com a identificação de sugestões de melhoria do projecto de avaliação, tanto para que Monitores e Coordenadores possam ter uma maior noção do seu desempenho e tornar ainda mais qualitativo o serviço de CAF, como para que este projecto possa ser melhorado e tornar-se exequível nos próximos anos.

Neste sentido, começarei por fazer uma referência ao que me parece fundamental melhorar em todo o processo de avaliação, com base na experiência que tive no decorrer no mesmo, justificando, sempre que possível, o motivo que me levou a essa percepção.

De seguida, em cada um dos bairros, com base na análise e discussão dos resultados, farei um levantamento dos itens que obtiveram cotações mais baixas e onde me parece que deve existir uma reflexão conjunta, por parte de cada equipa, de modo a discutirem o que pode ser feito para que estes aspectos possam ser mais qualitativos.

Sugestões de melhoria para o processo de avaliação:

Introdução ao questionário

Considero fundamental a construção de uma breve introdução ao questionário, que informe acerca dos seguintes aspectos: importância desta avaliação, confidencialidade das respostas, relevância da colaboração de cada interveniente e a da veracidade das suas respostas, atenção dada a cada item, importância das suas observações/sugestões de melhoria, com o objectivo de contribuírem para uma melhor qualidade deste serviço.

Esta introdução deve ser muito simples e o mais breve possível, para que se possa adaptar a todo o tipo de público-alvo que irá responder.

Contagem e controlo dos questionários

A entrega e controlo dos questionários ficou ao cargo dos Coordenadores, estando eu apenas responsável pela sua recepção, inserção e análise.

Apesar de terem sido contabilizados quantos questionários tinham que ser preenchidos, não foi nada assente e penso que, ao fim de algum tempo, já não havia uma percepção muito clara de quem faltava devolver.

No que diz respeito à equipa, ainda consegui fazer algum controlo dos questionários devolvidos e em falta. Contudo, no caso dos encarregados de educação não foi possível, uma vez que se chegou a um ponto em que eu penso que já não se sabia muito bem quem

Alguns pais com dois filhos, um no Jardim de Infância ou no Primeiro Ciclo, responderam duas vezes ao mesmo questionário, o que não deverá acontecer. O mesmo pai só deverá avaliar duas vezes se tiver o filho em ensinos diferentes, uma vez que aí os Coordenadores e Monitores mudam. Neste sentido, é fundamental que se construa uma tabela com a rede de avaliação existente em cada bairro e que se vá assinalando os questionários entregues e devolvidos para cada avaliador.

É ainda necessário definir uma data limite para a entrega dos questionários e ir pressionando todos os intervenientes que estejam em falta, o que acho que não se verificou. Penso que houve aqui uma grande desresponsabilização relativamente a este processo, o que considero que se tenha devido à época de grande volume de trabalho que existia aquando da implementação destes questionários.

Confidencialidade dos questionários

Alguns questionários foram entregues com nomes para depois serem apagados aquando da sua recepção. Alguns pais ficaram desconfiados da confidencialidade dos dados e da possibilidade de que quem os recebesse ver o que responderam.

Segundo Bell (1997) “se não pedir a identificação das pessoas, ou se não estabelecer um sistema qualquer de numeração, não terá maneira de saber quem respondeu e quem não respondeu”. (Pg. 131). Contudo, essa identificação poderá estar presente apenas na grelha referida anteriormente e ir sendo assinalados os questionários entregues e os devolvidos (pelo nome da criança, tendo em consideração os que são irmãos), mas sem identificação no questionário. Quando são entregues, devem ser juntos de imediato aos restantes para que não possam ser identificados nem causar desconfianças aos pais.

Alteração da escala

Há uns tempos atrás a escala da Junta de Freguesia era de 1 a 5. Contudo, foi decidido, a nível interno, alterá-la para de 1 a 4, sendo o 1 Muito Mau, o 2 Mau, o 3 Bom e o 4 Muito Bom.

Apesar de poder existir alguma tendência para cotar tudo com 3, penso que a escala deveria manter-se como estava inicialmente, uma vez que passamos do mau ao bom e de facto, por vezes uma situação pode ser apenas satisfatória, suficiente, o que não significa nem mau, nem necessariamente bom. Esta é a minha perspectiva, que foi também

comunicada pelos Coordenadores nas reuniões de Coordenação da CAF, por indicação de alguns encarregados de educação.

Apesar do número dos que se manifestaram directamente nos questionários não ser significativo para a quantidade dos que responderam, penso que seria necessário considerar o que disseram: “Falta um nível satisfatório” (Avaliação dos encarregados de educação aos Coordenadores do BPC); “Falta o item suficiente (2,5)” (Avaliação dos encarregados de educação aos Monitores do BPC); “Falta um nível satisfatório na escala de avaliação” (avaliação dos encarregados de educação aos monitores do BPC). É de referir que cerca de 3 questionários foram anulados por terem sido cotados numa escala quantitativa de 2,5 ou numa escala qualitativa a dizer “Suficiente”.

A existência de outro nível de avaliação permitirá uma melhor análise dos dados e da diferenciação de item para item e de pessoa para pessoa. Se não tivesse feito uma análise com arredondamentos às décimas e às centésimas dificilmente poderia ter identificado grandes diferenças neste estudo.

Considerar a perspectivas das crianças

Em alguns questionários é clara a participação das crianças (e aqui não me parece necessário identificar nomes ou bairros: “Excelente (Opinião da criança)”); “Porque brinca connosco, conversa, joga futebol”; “Tu és muito amiga”; “Algumas informações foram dadas com base no que [a criança] fala”.

Contudo, penso que é fundamental que as crianças sejam ainda mais ouvidas e estejam presentes aquando do preenchimento do questionário, devendo ser do ser consideradas principalmente quando os pais não têm muito conhecimento de causa e no item Grau de satisfação da criança. Isto deverá ser mencionado na introdução ao questionário.

Não é suficiente as crianças estarem satisfeitas para considerar as necessidades das famílias satisfeitas, mas penso que é um indicador de extrema relevância.

Percentagens

As percentagens para cada item foram definidas pela Junta de Freguesia de Carnide. A primeira vez que as visualizei detectei alguns valores com os quais não concordava.

Contudo, apesar de ter colocado às Técnicas de Educação da autarquia a possibilidade de fazer algumas sugestões de alterações, devido ao facto de os questionários terem sido aplicados num período de ausência minha, acabei por não ter a oportunidade de propor as

devidas alterações. Contudo, na altura não tinha a capacidade de percepção que considero ter neste momento relativamente a esta avaliação.

Na minha perspectiva, todas as percentagens deveriam ser redefinidas, o que podia alterar os valores finais desta avaliação.

Apesar da importância de todos os itens, considero que não pode ser dada mais relevância ao empenho nas actividades da Junta do que à relação com o grupo de crianças (como acontece no caso da avaliação dos Monitores aos colegas), nem tão pouco todos os itens terem a mesma cotação (como acontece no caso da avaliação dos encarregados de avaliação aos Monitores).

Uma vez que os itens variam de avaliação para avaliação, penso que, no futuro, é fundamental reflectir acerca da constituição definitiva desta rede de avaliação (se será integrada por mais alguém, como a Junta pretendia) para que se possam juntar todos os questionários e redefinir as percentagens em concordância com todos os intervenientes.

Questões abertas de “Sugestões de melhoria e de Observações Gerais

Considero que devia existir um espaço para observações gerais (o que não se verificou nos questionários dos encarregados de educação) e outro para sugestões de melhoria.

No Bairro Padre Cruz, o Coordenador A considerou mesmo não ser viável a inserção destes campos no questionário, uma vez que “(...) os pais olham e têm muita coisa para ler, acaba por ser uma canseira e acabam por não preencher”, correndo-se o risco de os pais desistirem a meio e não entregarem o questionário.

É certo que os questionários são transversais a todo os bairros e algumas pessoas poderão não ter interesse em responder, ou achar o questionário cansativo. Contudo, têm a possibilidade de deixar as questões abertas em branco, dando a possibilidade aos que se querem manifestar de o poderem fazer.

Apesar das respostas dadas nas questões abertas não terem sido muito significativas, uma vez que os encarregados de educação, de um modo geral, aproveitaram para colocar apenas algumas notas (como por exemplo “Parabéns”, “Não tenho meios para avaliar”, “Porque é bom”, “Continuação de um bom trabalho”, que “são simpáticos, educados”, “não tenho razão de queixa”), penso que estes campos abertos são de extrema relevância.

Análise dos pontos fortes e fracos no serviço da Componente de Apoio à Família

Nos quadros 2 e 3 apresentarei os aspectos fortes e os aspectos fracos para cada bairro. Os primeiros são os que deverão ser mantidos, continuando na mesma linha de trabalho (o que não implica que não possam e não devam sempre ser aperfeiçoados).

Os seguintes consistem no levantamento feito acerca dos aspectos menos cotados e que me parecem mais relevantes para que este serviço se torne ainda mais qualitativo.

É importante salientar que os aspectos que considere mais relevantes, não foram sempre aqueles aos quais a Junta atribuiu as percentagens mais elevadas.

Considere também a minha perspectiva daqueles que me parecem ser os itens mais importantes para o sucesso deste serviço, tendo em conta a capacidade de análise que fui desenvolvendo ao longo desta investigação (e do estágio).

Assim, dei sempre prioridade à relação com as crianças, com os encarregados de educação, ao grau de satisfação das crianças, dando menos relevância (quando comparados com os primeiros) a factores como a pontualidade, a assiduidade, a dinâmica ou a criatividade (não estando de todo, a minorizar o seu interesse).

Pontos fracos		
Bairro	Dos Coordenadores	Dos Monitores
Bairro Padre Cruz	<ul style="list-style-type: none">- Presença no equipamento (EE)- Gestão de conflitos (EE)- Relação com os encarregados de educação (Monitores)- Relação com os Professores/Educadores (Monitores)	<ul style="list-style-type: none">- Motivação (Colegas)- Desenvolvimento de actividades (Colegas, auto-avaliação)- Espírito de Equipa (Coordenadores)
Bairro da Horta Nova	<ul style="list-style-type: none">- Presença no equipamento (EE)- Organização (Monitores)	<ul style="list-style-type: none">- Actividades desenvolvidas (EE)- Gestão de conflitos (Coordenadores)
Carnide Centro	<ul style="list-style-type: none">- Transmissão de informações (EE e Monitores)	<ul style="list-style-type: none">- Transmissão de informações (EE)- Motivação (Colegas)- Gestão de conflitos (Colegas e auto-avaliação e Coordenadores)

Quadro 2 – Pontos fracos identificados na avaliação do serviço da Componente de Apoio à Família

Pontos fortes		
Bairro	Dos Monitores	Dos Coordenadores
Bairro Padre Cruz	<ul style="list-style-type: none"> - Grau de satisfação das crianças (EE) - Relação com as crianças (EE e auto-avaliação) - Responsabilidade (Coordenadores) 	<ul style="list-style-type: none"> - Responsabilidade (EE) - Presença no equipamento (EE) - Empenho em outras actividades da Junta (EE)
Bairro da Horta Nova	<ul style="list-style-type: none"> - Grau de satisfação da criança (EE) - Espírito de Equipa (Colegas e Coordenadores) - Relação com o grupo de crianças (Colegas, Auto-avaliação e Coordenadores) - Relação com os Educadores/Professores (Colegas) - Organização (Auto-avaliação) - Responsabilidade (Auto-avaliação) - Motivação (Coordenadores) 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação com o grupo de crianças (EE) - Responsabilidade (Monitores) - Relação com o Encarregado de Educação (Monitores) - Empenho em outros projectos e iniciativas da Junta (Monitores)
Carnide Centro	<ul style="list-style-type: none"> - Relação com a criança (EE e Auto-avaliação) - Relação com o grupo de crianças (Auto-avaliação, Coordenadores) - Grau de satisfação das crianças (EE) - Responsabilidade (Monitores) - Relação com os pais (Auto-avaliação, Coordenadores) - Responsabilidade (Coordenadores) 	<ul style="list-style-type: none"> - Disponibilidade para receber os Encarregados de educação (EE) - Responsabilidade (EE) - Relação com o grupo de crianças (EE) - Relação com o EE (EE) - Gestão de conflitos (Monitores) - Empenho em outros projectos e iniciativas da Junta (Monitores)

Quadro 3 – Pontos fortes identificados na avaliação do serviço da Componente de Apoio à Família

4.9 Algumas conclusões...

O projecto de avaliação da Componente de Apoio à Família consistiu num grande desafio para mim, devido sobretudo a duas grandes dificuldades. A primeira surge logo no início, na definição da melhor estratégia para a inserção de dados e de fórmulas.

Esta situação foi ultrapassada com a ajuda do Vogal de Educação da Junta de Freguesia de Carnide, Miguel Agrochão, que não só me forneceu uma tabela exequível com todas as fórmulas já definidas, como se mostrou sempre disponível para me ajudar em questões mais técnicas e a responder a todas as dúvidas que me iam surgindo, ou porque um encarregado de educação respondia numa escala de 1 a 4 com um 6 ou um 7, ou porque em vez de usar a escala quantitativa, usava-a de forma qualitativa, atribuindo um suficiente por exemplo (que nem sequer existe na escala).

A segunda dificuldade prendeu-se com o facto de me ter sido complicado delinear uma estratégia que me permitisse conciliar toda a rede de avaliação abrangida pela autarquia e considerar 940 questionários, o que consistiu numa tarefa árdua e morosa.

Contudo, penso que estas dificuldades foram superadas e espero que este trabalho possa ser de grande utilidade para a Junta de Freguesia de Carnide.

Segundo Bell “Se não estiver em condições de efectuar um trabalho de acordo com as linhas em que o planeou, entregue um estudo que corresponda ao que foi capaz de realizar, juntamente com uma explicação do que correu mal e do porquê e, se achar apropriado, da forma como planearia e conduziria a investigação se pudesse começar de novo” (Bell, 1997, Pg. 227).

No meu plano de avaliação foram definidas duas estratégias de investigação que acabaram por não ser contempladas neste estudo. A primeira diz respeito à ida ao campo para a realização de observações in situ, com o objectivo de conhecer mais aprofundadamente cada um dos bairros e o seu público-alvo, obtendo uma maior percepção da realidade. Contudo, devido à minha incompatibilidade de horários pessoal com o serviço da CAF não foi possível.

No entanto, considero que esta indisponibilidade acabou por não ser relevante. Apesar dos conhecimentos e das perspectivas que me traria, não sinto que tivesse levado a grandes alterações, uma vez que não teria percepcionado itens que quem está diariamente no terreno não tenha identificado, muito pelo contrário.

Foi prevista também a realização de um pré-teste que, caso se verificasse necessário, levaria a um aperfeiçoamento do questionário e do processo de avaliação em si. Contudo, devido à urgência da autarquia em avançar com o projecto, tal não foi possível.

Apesar das redefinições que este estudo foi sofrendo, considero que, se pudesse reiniciá-lo agora, não mudaria nada em termos da sua estrutura e da metodologia aplicada.

Apesar do projecto de avaliação já estar definido pela Junta de Freguesia, considero ter feito uma boa adaptação do mesmo à construção de um projecto de investigação, na formulação de objectivos, da pergunta de partida, de todo o processo em si.

Contudo, devido à minha inexperiência em projectos de investigação, faltaram-me algumas competências na análise dos dados, não na análise dos dados dos resultados em si, mas do que analisar.

A existência de uma rede de avaliação, da existência de vários questionários (o que não poderia ser diferente, uma vez que são públicos distintos) e de uma quantidade considerável de itens de avaliação deixou-me por vezes confusa, com dificuldades em perceber no que me devia centrar mais, do que era mais relevante, uma vez que considero difícil analisar todos os aspectos inerentes a este estudo e fazer todas as comparações que daqui poderiam advir, tendo em conta não só a minha inexperiência, mas também as limitações em termos de tempo (e de espaço). Penso que acabei por me alargar em demasia neste estudo e não consigo perceber outra forma de ser mais sucinta, dada a complexidade do mesmo. Muito pelo contrário, considero que havia muito mais a dizer.

Contudo, penso ter alcançado os objectivos a que me propus e considero que, de futuro, este estudo poderá até abrir portas para o desenvolvimento de outros trabalhos investigativos que me parecem fundamentais para a Junta de Freguesia de Carnide.

Em primeiro lugar, considero fundamental que seja feita uma reflexão aprofundada dos resultados deste estudo, dos aspectos que menciono que devem ser melhorados, bem como das sugestões de melhoria do processo de avaliação.

Em segundo lugar, considero fundamental a avaliação individual de cada membro das equipas, que permita perceber o seu desempenho e intervir de forma mais imediata, sempre que necessário.

Penso que, na realidade, este estudo, ainda não é ele em si a avaliação, mas uma espécie de pré-teste (que teria sido fundamental, para que o próximo seja muito mais consistente e com menos debilidades).

Pelos resultados obtidos, é possível verificar que não é necessária nenhuma reestruturação deste serviço. Existem de facto aspectos que devem ser melhorados. Contudo, nada de tão significativo que implique mexer na forma como está organizado e como se desenvolve.

Apesar de algumas médias mais baixas, a realidade é que nenhuma média (nem final, nem de nenhum item) obteve uma avaliação negativa, ou seja, abaixo dos 2,5. Neste sentido, penso que é possível concluir que os resultados são muito positivos. Existem de facto aspectos que podem ser melhorados, mas nada preocupante. Esta é de facto uma Freguesia muito especial, e penso que isso se nota nesta avaliação, uma vez que considero notória a satisfação dos encarregados de educação.

Verifica-se alguma insatisfação por parte de alguns membros de algumas equipas. Contudo, uma vez que uma grande parte trabalha a recibos verdes, o que leva a uma rotatividade das equipas, penso que acaba por ser uma situação normal, devido a alguma instabilidade. Embora seja fundamental a criação de equipas sólidas, penso que não é algo que dependa apenas da autarquia, mas das verbas existentes para o projecto. Tendo em conta estas condições, penso que é ainda mais pertinente a afirmação de que, de facto, foram alcançadas cotações bastante elevadas.

Espero que a elaboração desta investigação vá ao encontro do que a Junta de Freguesia de Carnide pretendia e que contribua para um serviço de CAF ainda mais qualitativo.

Por último, não poderia deixar de responder à minha questão de partida “Estará a CAF a corresponder às necessidades das famílias”? Como já expliquei antecipadamente, o conceito de necessidades não foi operacionalizado.

Verifica-se a inexistência de médias finais negativas (a atribuição de alguns valores negativos foram atribuídos pelas próprias equipas). As cotações mais altas foram, na maioria dos casos, atribuídas aos itens grau de satisfação da criança, relação com as crianças e, muitas das vezes, a própria relação com o encarregado de educação.

Assim, os itens de natureza mais pedagógica e mais relacional foram, na maioria dos casos, os mais bem cotados. Não serão as necessidades destas famílias o carinho, os afectos? A transmissão dos conhecimentos, a ocupação dos seus tempos livres de forma pedagógica? A transmissão de valores, de referências? A vontade de brincar? O saber estar? O fazê-los rir e sorrir? Se assim o é, por tudo o que conheci e pela análise final destes resultados, penso ser peremptório concluir que, na realidade, este projecto corresponde, de facto, às necessidades das famílias da Freguesia de Carnide.

Em todos os bairros as demonstrações de carinho, principalmente para com os Monitores (com quem as crianças passam mais tempo) foram inúmeras.

Embora não identifique nomes nem bairros, por não se verificar aqui necessário, penso que a melhor forma de terminar este capítulo e de confirmar a satisfação das necessidades das famílias, é através de algumas citações (todas referentes a diferentes crianças e a diferentes Monitores) de frases colocadas nas questões abertas:

“Avaliação feita pela criança: é muito boa!...Só me resta agradecer todo o empenho e carinho como lidam com as crianças, sei como dão trabalho...Bem disposta e disponível. Muito obrigada. Bom trabalho...”; *“São todos muito bons e o importante é que a minha filha chega a casa feliz. Obrigada”*; *“Demonstra que está interessada na educação dos nossos filhos”*; *“Excelente Monitor”*. *“Foi aquele Monitor que o (...) mais gostou. Amigo, brincalhão, nunca deixando de impor o respeito. Vê-se que gosta do que faz! Obrigada!”*; *“Palavras para quê?? Desde o primeiro ano, sempre a adorou, diz que é linda, querida e muito simpática. Eu acho que é muito responsável. Obrigada!”*; *“Muito obrigada pelo carinho dado, paciência e compreensão...Super Monitor”*; *“O meu filho está satisfeito e sempre quer ficar mais um pouco”*.

CONCLUSÃO

A realização deste trabalho possibilitou-me um conhecimento alargado a vários níveis, destacando duas áreas fundamentais que, na realidade, não são estanques, a componente mais prática, do estágio e a componente mais teórico-prática, do projecto de investigação. Enquanto estagiária tive a possibilidade de perceber as funções de um Técnico de Educação numa autarquia e a forma como desenvolvem as suas funções no quotidiano e como resolvem os conflitos que vão surgindo.

Para esta aprendizagem penso que foi fundamental a minha participação nas reuniões semanais de coordenação da Componente de Apoio, o que me possibilitou um conhecimento muito mais alargado de como funciona o pelouro da educação de um modo geral, e mais especificamente, o serviço de CAF.

Foi também fundamental o facto de as Técnicas de Educação fazerem questão de me colocarem sempre ao corrente do que se ia ocorrendo e do funcionamento de tudo.

Contudo, gostaria apenas de fazer uma breve reflexão acerca da integração de um licenciado em Ciências da Educação nesta autarquia.

Na realidade, não estavam ainda reunidas as condições necessárias para um estágio desta natureza. Esta situação pode ter ocorrido, em parte, também devido a alguma falta de clareza da minha parte. Contudo, isto deveu-se a dois factores fundamentais. O primeiro devido ao facto de não ter um posto de trabalho onde pudesse trabalhar sempre que necessário, o que me causou alguma desmotivação, uma vez que acabava por trazer pequenas tarefas para casa, que se iam acumulando com a minha vida profissional, a realização do projecto de investigação e a própria elaboração deste relatório.

Por outro lado, as tarefas que eu considerava pertinentes integrar, as Técnicas de Educação faziam questão de ser elas a elaborar devido ao facto de serem de grande responsabilidade e estarem elas habituadas a falar com a pessoa x ou y, perdendo muito mais tempo a explicar-me do que a realizarem-nas.

Penso que isto se deveu sobretudo ao elevado volume de trabalho que tinham, à falta de confiança no meu estágio e, muito provavelmente, ao facto de também não terem grande autonomia para as delegar.

Contudo, não posso deixar de salientar que as Técnicas de Educação foram sempre extremamente compreensivas em todos os sentidos, nunca me dando tarefas que não estivessem directamente relacionadas com o meu estágio.

Gostava que a importância da Administração Educacional começasse a ser melhor percebida neste tipo de autarquias e que, de futuro, este estágio possa ser um abrir de portas para futuros colegas de Ciências da Educação, sobretudo da Administração Educacional, a nível da concepção, planificação e gestão do ano lectivo e dos projectos educativos. Esta situação seria extremamente vantajosa para os colegas desta área e para a própria Junta que poderia ter, de forma gratuita, uma ajuda fundamental ao seu elevado volume de trabalho.

Relativamente ao meu projecto de investigação, possibilitou-me inúmeras aprendizagens ao nível da sua definição e concepção, desde o seu esboço, à análise dos resultados finais. Apesar de não o ter pensado de raiz, fui-o adaptando àquilo que a Junta de Freguesia pretendia e ao que me parecia também relevante para a aquisição de competências investigativas e para a minha formação académica.

Considero que a sua execução me possibilitou uma grande abrangência de competências ao nível da perspetivação de realidades educativas e da forma como um projecto vai sendo redefinido, consoante as necessidades que vão surgindo.

Apesar de já o ter referido algumas vezes durante este trabalho, não posso deixar de reforçar que a realização deste estágio me possibilitou uma perspectiva muito mais abrangente acerca da educação nas Freguesias. Espero que se caminhe cada vez mais nesse sentido e que Carnide não continue a ser um caso tão isolado, uma vez que ninguém melhor do que as próprias Freguesias para perceberem e poderem responder às necessidades da sua população.

Esta é, de facto, uma Junta muito diferente, penso que é o amor à camisola que move a grande maioria dos seus funcionários. É uma Junta que não só cumpre as suas responsabilidades, como chama a si intervenções que, à partida, não são da sua competência, com vista a uma territorialização das políticas educativas.

A proximidade que existe com a população permite proporcionar uma resposta mais imediata, servindo este processo de descentralização para uma resposta mais profícua no terreno, no sentido de dar resposta não só à sua população, mas também às especificidades de cada público-alvo, uma vez que é composta por uma população muito heterogénea.

Na realidade, Paulo Figueiredo (2005) tinha razão, este é um lugar único e mágico, e isso sente-se quando se lá entra.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Natércio. Sebenta da cadeira de Política Educacional. Ano Lectivo 2008/2009
- ALBARELLO, L., DIGNEFFE, F., HIERNAUX, J.P., MAROY, C., DANIELLE, R. e SAINT-GEORGES, P. (1997). *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- ANDRADE, Diana (2010). *Políticas de Parceria Local para o desenvolvimento da Cidade Educadora: O caso do município de Almada*. Tese de Mestrado. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- BARROSO, João (2002). A investigação sobre a escola: contributos da Administração Educacional. In *Investigar em Educação*. Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1, 1, pp. 277-325.
- BARROSO, João (2005). *Políticas Educativas e Organização Escolar*. Lisboa: Universidade Aberta
- BRAVO, Ana Bela Santos e Sá, Jorge A. Vasconcelos (2000). *Autarquias Locais – Descentralização e Melhor Gestão*. Lisboa: Verbo
- BELL, Judith (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- COSME, Ariana e Trindade, Rui (2007). *Escola a Tempo Inteiro – Escola para que te quero?*. Maia: Profedições, Lda;
- FIGUEIREDO, Paulo (2005) “*Freguesia de Carnide. Um Lugar Único e Mágico*”. Lisboa: Junta de Freguesia de Lisboa
- FIGUEIREDO, Paulo (2006) “*Movimento Associativo Carnide*”. Lisboa: Junta de Freguesia de Lisboa
- FORMOSINHO, J. & Machado, J. (2004). Evolução das Políticas e da Administração em Educação em Portugal. In. *Revista Administração Educacional*, N.º 4, 2004, pp. 6-31
- GUEDES, Graça. A Cidade Educadora. In: *Administração Educacional*, N.º 5 (2005)
- PEREIRA, Sofia (2005). *À procura da Cidade Educadora: a organização do espaço e dos recursos na promoção da cidadania em Lisboa*, Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Pessoal e Social, Covilhã, Universidade da Beira Interior.
- PINHAL, João (2003a). Os municípios e a descentralização educacional. Actualização do artigo publicado em Ana Luís, João Barroso e João Pinhal. A

administração da educação: investigação, formação e práticas. Lisboa: Fórum Português de Administração Educacional (1997)

- PINHAL, João (2003b). Gestão da Educação: A Escola, o Município e o Estado. In Albano Estrela e Júlia Ferreira (org.), *Regulação da educação e economia*. Lisboa: Secção Portuguesa AFIRSE (actas do XIII Colóquio)
- PINHAL, João (2003c) Descentralização da administração educacional: os municípios e a autonomia das escolas. Intervenção em painel no II Congresso do Fórum Português de Administração Educacional
- PINHAL, João (2004). O território Educativo e as Comunidades Locais. In *A educação, o desporto e o desenvolvimento regional*. Actas de seminário organizado pela Associação de Municípios do Distrito de Évora, e realizado em Vendas Novas em 11 e 12 de Novembro de 2004
- PINTO, Fernando Cabral (2004). *Cidadania, sistema educativo e cidade educadora*. Lisboa: Instituto Piaget.
- PIRES, C. (2007). A construção de sentidos em política educativa: o caso da escola a tempo inteiro. In Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 04, pp. 77-86.
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van (2005). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- TAVARES, José (2000). Teoria geral da organização administrativa. In: José Tavares. *Administração Pública e Direito Administrativo – Guia de Estudo*. Coimbra: Almedina, pp. 48-76
- VILLAR, Maria Belén Caballo. (2001). *A Cidade Educadora: Novas Perspectivas de Organização e Intervenção Municipal*. Lisboa: Instituto Piaget.

WEBGRAFIA (Todos consultados a 20/09/2011)

http://metaweb.ine.pt/sim/CONCEITOS/Detail.aspx?cnc_cod=177&cnc_ini=24-05-1994

<http://www.jf-carnide.pt/>

http://www.jf-carnide.s4.projects.com.pt/xms/files/Carnide/Estatisticas/Censos_Carnide.pdf,

http://www.jf-carnide.pt/xms/files/Utentes/Informacao_util/novo_mapa_de_pessoal_-_1.pdf

http://www.jf-carnide.pt/jf_actividades_detail.php?aID=1049

<http://educacaoespecial.madeira-edu.pt/cap-fx/ProgramaTeacch/tabid/1259/Default.aspx>

Documentos disponibilizados pela Junta de Freguesia de Carnide

- ❖ Ficha de inscrição da Junta de Freguesia de Carnide ao X Congresso Internacional das Cidades Educadoras/São Paulo/24-26.4.2008
- ❖ Boletins Informativos da Junta de Freguesia de Carnide: Números 90, 91, 92 e 94
- ❖ Manual de Candidatura ao programa das Actividades de Enriquecimento Curricular no 1.º CEB (de acordo com o Despacho N.º 14460/2008 de 26 de Maio – Direcção de Serviços de Apoio Pedagógico e Organização Escolar
- ❖ Protocolo de Cooperação entre os Ministérios da Educação e do Trabalho e da Solidariedade
- ❖ Componente de Apoio à Família – Junta de Freguesia de Carnide – Ano lectivo 2009/2010
- ❖ Programa de Expressão Dramática e Movimento – Ano lectivo 2009/2010 – Grupo de Teatro de Carnide, Núcleo Luz – Núcleo P. Santos
- ❖ Organização da Componente de Apoio à Família – Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica e Núcleo de Educação Pré-Escolar, Março de 2002
- ❖ Programa de Expressão Dramática e Movimento – Ano lectivo 2009/2010 – Grupo de Teatro de Carnide, Núcleo Luz – Núcleo P. Santos

Legislação

- ❖ Lei N.º 46/96 de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo
- ❖ Lei n.º 28/90, de 23 de Outubro – Carta Europeia de Autonomia Local
- ❖ Lei n.º 23/97 de 2 de Julho – Define as competências das freguesias
- ❖ Lei N.º 115-A/98, de 4 de Maio – Define o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos da educação pré-escolar e dos ensinos básicos e secundários
- ❖ Lei n.º 42/98, de 6 de Agosto – Define a criação do Fundo de Financiamento das Freguesias (FFF)
- ❖ Lei n.º 159/99, de 14 de Setembro – Estabelece o quadro de transferência de atribuições e competências para as autarquias locais
- ❖ Lei n.º 169/99 de 18 de Setembro – Estabelece o quadro de competências, assim como o regime jurídico de funcionamento, dos órgãos dos municípios e das freguesias.
- ❖ Lei N.º 5-A/2002, de 11 de Setembro – Primeira alteração à Lei n.º 169/99, de 18 de Setembro

- ❖ Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto – Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo — Estabelece o quadro geral do sistema educativo
- ❖ Despacho n.º 22251/2005 de 25 de Outubro – Despacho que define o modelo de financiamento que permite aos municípios acautelar o fornecimento do Programa de Generalização do Fornecimento de Refeições Escolares aos alunos do Primeiro Ciclo do Ensino Básico.
- ❖ Lei n.º 2/2007, de 15 de Janeiro – Aprova a Lei das Finanças Locais, *revogando a Lei n.º 42/98, de 6 de Agosto*
- ❖ Decreto-Lei n.º 3/2008 de 7 de Janeiro – Visa a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário
- ❖ Despacho n.º 14460/2008 de 26 de Maio – Define as normas a observar no período de funcionamento dos estabelecimentos de educação e ensino público nos quais funcione a educação pré -escolar e o Primeiro Ciclo do Ensino Básico, bem como na oferta das actividades de enriquecimento curricular e de animação e de apoio à família .
- ❖ Decreto-lei n.º 144/2008, de 15 de Julho – Desenvolve o quadro de transferência de competências para os municípios em matéria de educação.
- ❖ Decreto-Lei n.º 75/2008 – Aprova o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré -escolar e dos ensinos básico e secundário.
- ❖ Constituição da República Portuguesa

ANEXOS

Guiões de Entrevistas

2.1 Guião da Entrevista às Técnicas de Educação da Junta de Freguesia de Carnide

Blocos/ Temas	Objectivos	Questões	Observações
I - Apresentação do entrevistador e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar os objectivos da entrevista. - Informar o entrevistado acerca da confidencialidade da entrevista. - Solicitar a gravação da entrevista. - Mencionar a relevância da colaboração do entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar o propósito da entrevista. - Garantir a confidencialidade. - Pedir para gravar a entrevista. - Agradecer a disponibilidade e frisar a importância da sua colaboração. 	
II - Caracterização da Junta de Freguesia de Carnide	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar a Junta de Freguesia de Carnide. - Identificar as principais diferenças entre esta Junta de Freguesia e outras Juntas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em primeiro lugar, gostava que me falassem um bocadinho da Junta de Freguesia de Carnide. - Na vossa opinião, o que distingue esta Junta de Freguesia de outras? 	<ul style="list-style-type: none"> - Ao nível das funções que lhe estão descentralizadas, mas também da própria população de Carnide.

Blocos/ Temas	Objectivos	Questões	Observações
	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer os principais bairros da Freguesia de Carnide. - Caracterizar a população abrangida pela Junta de Freguesia de Carnide. - Saber as áreas que são trabalhadas na Junta de Freguesia de Carnide. - Saber o número de funcionários que desempenham funções na Junta de Freguesia de Carnide e identificar as áreas em que se inserem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais são os principais bairros da Junta de Freguesia de Carnide? - É possível, de uma forma breve, caracterizar cada um deles? - De um modo geral, como caracterizam a população abrangida pela Junta de Freguesia de Carnide? - Quais são as áreas trabalhadas pela Junta de Freguesia de Carnide? - Quantos funcionários estão inseridos nestas áreas? - Ao todo, quantos funcionários tem a Junta de Freguesia de Carnide? - Em que áreas de inserem? 	

Blocos/ Temas	Objectivos	Questões	Observações
	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as instituições/ associações que utilizam actualmente o espaço da Junta de Freguesia de Carnide. 	<ul style="list-style-type: none"> - Que instituições/associações estão actualmente inseridas no vosso espaço? 	
III - Caracterização de um Técnico Superior de Educação	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as possíveis formações académicas de um Técnico Superior de Educação. - Identificar o percurso profissional das Técnicas até chegarem à Junta. - Perceber como surgiu a sua integração nesta Junta. - Saber há quanto tempo desempenham funções nesta Junta e se sempre na área da educação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais as vossas formações académicas? - Qual o vosso percurso profissional até chegarem à Junta de Freguesia de Carnide? - Como surgiu a oportunidade de trabalharem na Junta de Freguesia de Carnide? - Há quanto tempo trabalham na Junta de Freguesia de Carnide? - Sempre como Técnicas de Educação? 	<ul style="list-style-type: none"> - A área em que se formaram.

Blocos/ Temas	Objectivos	Questões	Observações
	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as funções de um Técnico Superior de educação numa Junta. - Conhecer a evolução das suas funções desde que trabalham na Junta. - Perceber se desempenham tarefas que não façam parte do âmbito educativo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais são as vossas principais funções enquanto Técnicas de Educação? - Essas funções foram sempre as mesmas ou têm sofrido algumas alterações ao longo do tempo? - Desempenham algumas outras funções que não estejam relacionadas com a educação? Se sim, quais? 	<ul style="list-style-type: none"> - Se não, que outras funções desempenharam antes?
IV - Caracterização da Componente de Apoio à Família (CAF)	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a Componente de Apoio à Família (CAF); - Compreender o modo como são decididas e planificadas as actividades que se desenvolvem na CAF. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como caracterizam a Componente de Apoio à Família? - Quem decide e quem planifica o tipo de actividades realizadas pelos Monitores? 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber se isto acontece a nível superior ou se a Junta tem autonomia neste sentido.

Blocos/ Temas	Objectivos	Questões	Observações
<p>V - Projecto de Avaliação da Componente de Apoio à Família (CAF)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a forma como este projecto foi pensado. - Perceber se se verificaram algumas lacunas na CAF para o surgimento deste projecto; - Identificar possíveis diferenças entre a CAF de Jardim de Infância e a CAF de Primeiro Ciclo. - Saber se já está algo pré-definido em relação a este projecto. 	<ul style="list-style-type: none"> - De que modo surgiu a ideia de avaliar o projecto da Componente à Família? - Existiram algumas lacunas ou têm surgido algumas dificuldades para que pensassem numa avaliação deste âmbito? - Existe alguma divisão entre a CAF de Jardim de Infância e a CAF do Primeiro Ciclo? - Deverá haver alguma divisão na avaliação em termos de JI ou 1º ciclo? - Já existe alguma coisa predefinida em relação a este projecto? 	<ul style="list-style-type: none"> - As crianças estão juntas? - As actividades são as mesmas? - Se sim, de que forma?

Blocos/ Temas	Objectivos	Questões	Observações
	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber o que já foi falado com os Monitores e com os Coordenadores acerca deste projecto. - Identificar os objectivos deste projecto de investigação. - Perceber o que pretendem conhecer com esta avaliação. - Definir quem vai avaliar e quem vai ser avaliado. - Compreender a importância de uma avaliação desta natureza. - Reconhecer a pertinência deste projecto para uma possível melhoria da CAF. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que é que já foi dito aos Coordenadores e aos Monitores acerca deste projecto de avaliação? - Quais consideram ser os objectivos principais deste projecto de avaliação? - O que pretendem saber/conhecer com esta avaliação? - Neste projecto, quem vai avaliar? - E quem vai ser avaliado? - Que importância pensam que pode ter um projecto desta natureza? - De que modo este projecto pode ser pertinente para uma melhoria da CAF? 	

Blocos/ Temas	Objectivos	Questões	Observações
VI - Necessidades de avaliação da Componente de Apoio à Família (CAF)	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as necessidades de avaliação da CAF. - Perceber o que deve ser avaliado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais diriam que são as principais necessidades de avaliação da CAF? - Além dos recursos humanos, ou seja, das pessoas inseridas neste projecto, o que acham que deve ser mais avaliado? 	<ul style="list-style-type: none"> - Ou seja, os equipamentos, as actividades, os locais onde estas decorrem, a planificação de actividades?
VII - Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Saber se tem mais alguma informação pertinente ou questão que queira abordar. - Reforçar a garantia de confidencialidade. - Agradecer o tempo disponibilizado e reforçar a importância da sua colaboração para a realização do meu trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Há alguma coisa que não tenhamos perguntado que queira acrescentar? - Repetir a garantia da confidencialidade. - Agradecer o tempo disponibilizado e toda a colaboração prestada, mencionando a pertinência da sua colaboração. 	

2.2 Guião de Entrevista aos Coordenadores da Componente de Apoio à Família da Junta de Freguesia de Carnide

Blocos/temas	Objectivos Gerais	Questões	Observações
I - Apresentação do entrevistador e motivação do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar os objectivos da entrevista. - Informar o entrevistado acerca da confidencialidade da entrevista. - Solicitar a gravação da entrevista. - Mencionar a relevância da colaboração do entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Explicar o propósito da entrevista. - Garantir a confidencialidade. - Pedir para gravar a entrevista. - Agradecer a disponibilidade e frisar a importância da sua colaboração. 	
II - A Junta de Freguesia de Carnide	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar a Junta de Freguesia de Carnide. - Identificar as principais diferenças entre esta Junta de Freguesia e outras Juntas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Em primeiro lugar gostava que me falasse um bocadinho da Junta de Freguesia de Carnide. - Na sua opinião, o que distingue esta Junta de Freguesia de outras? 	<ul style="list-style-type: none"> - Ao nível das funções que lhe estão descentralizadas, mas também da própria população de Carnide.

Blocos/temas	Objectivos Gerais	Questões	Observações
III - Caracterização do bairro onde desenvolve ou já desenvolveu funções enquanto Coordenador de CAF	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar a população do bairro em que estão inseridos. - Perceber a perspectiva do entrevistado quanto aos aspectos positivos e negativos do bairro onde está inserido. 	<ul style="list-style-type: none"> - De um modo geral, como é que caracteriza a população do bairro onde desempenha funções? - Quais é que diria que são os principais aspectos positivos deste bairro e desta população? - E os aspectos negativos/dificuldades? 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber o status económico. - Tentar identificar se é uma população activa (ver se podem ou não ter os filhos em casa) e se são famílias numerosas. <p>(Posso sugerir a situação referida pelo Coordenador A, que muitas vezes as famílias mais carenciadas são as que se mostram mais disponíveis).</p>
IV - Caracterização de um Coordenador de CAF	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a formação académica de um Coordenador de CAF. - Conhecer o percurso profissional de um Coordenador de CAF até desempenhar este cargo. - Perceber como surgiu a sua integração neste cargo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Qual a sua formação académica? - Como tem sido o seu percurso profissional até desempenhar este cargo? - Como surgiu a oportunidade de desempenhar este cargo? 	<ul style="list-style-type: none"> - A escolaridade que têm. Se for de nível superior saber o curso - Na Junta de Freguesia de Carnide ou noutro sítio.

Blocos/temas	Objectivos Gerais	Questões	Observações
	<ul style="list-style-type: none"> - Saber há quanto tempo desempenha estas funções. - Identificar possíveis diferenças entre ser Coordenador de CAF numa Junta de Freguesia ou numa Câmara Municipal. - Perceber se possui alguma outra função além de Coordenador de CAF. - Conhecer as funções de um Coordenador de CAF numa Junta de Freguesia e a evolução das mesmas ao longo do tempo. - Identificar possíveis dificuldades no âmbito das suas funções. 	<ul style="list-style-type: none"> - Há quanto tempo é Coordenador de CAF nesta Junta? - Ser Coordenador de CAF numa Junta pode ser diferente do que numa Câmara? - Além de ser Coordenador de CAF desempenha algum outro cargo? - Que funções desempenha enquanto Coordenador de CAF? - Essas funções foram sempre as mesmas ou têm sofrido algumas alterações ao longo do tempo? - Quais as principais dificuldades com que se tem deparado? 	<ul style="list-style-type: none"> - Com pais, colegas, com a Junta...

Blocos/temas	Objectivos Gerais	Questões	Observações
V - Caracterização da Componente de Apoio à Família (CAF)	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a Componente de Apoio à Família (CAF). - Conhecer a equipa que trabalha com o Coordenador. - Identificar o tipo de actividades desenvolvidas na CAF. - Compreender o modo como são decididas e planificadas as actividades que se desenvolvem na CAF. - Identificar o tipo de famílias que recorre a estas actividades. - Conhecer as diferenças entre a CAF de Jardim de Infância e a CAF Primeiro Ciclo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fale-me um bocadinho da CAF de um modo geral. - Por quem é constituída a sua equipa? - Que tipo de actividades se desenvolvem na CAF? - Quem as planifica e quem as escolhe? - Quem é o tipo de população que recorre a estas actividades? - Existem algumas diferenças entre a CAF de Jardim de Infância e a CAF de Primeiro Ciclo? 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer o número de pessoas e as funções que desempenham. - Ou obedecem a algo predefinido a nível superior? Se sim, por quem? - Se sim, quais?

Blocos/temas	Objectivos Gerais	Questões	Observações
	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a perspectiva do entrevistado quanto aos aspectos positivos e negativos da CAF. - Saber o que pode ser feito para melhorar a CAF. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais é que diria que são os principais aspectos negativos da CAF? - E os positivos? - O que acha que é necessário para melhorar este serviço? 	
VI - Projecto de Avaliação da Componente de Apoio à Família (CAF)	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a opinião pessoal acerca da avaliação da CAF. - Conhecer a opinião do entrevistado quanto ao modo como surgiu esta avaliação. - Identificar os objectivos deste projecto de investigação. - Saber o que os Coordenadores já sabem deste projecto. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que pensa deste projecto de avaliação da CAF? - Na sua opinião porque é que acham que surgiu a necessidade desta avaliação? - Quais é que considera ser os objectivos principais deste projecto de avaliação? - O que é que já lhe foi dito em relação a esta avaliação? 	

Blocos/temas	Objectivos Gerais	Questões	Observações
	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber o que se deve conhecer, compreender, apreender com esta avaliação. - Saber a opinião do entrevistado quanto a quem deve avaliar e ser avaliado. - Perceber a importância de uma avaliação desta natureza. - Perceber a pertinência deste projecto para a melhoria da CAF; 	<ul style="list-style-type: none"> - O que acha necessário conhecer com esta avaliação? - Quem acha que deve avaliar e ser avaliado? - Que importância pensa que pode ter um projecto de avaliação desta natureza? - De que forma este projecto pode ser pertinente para melhorar a CAF? 	
VII - Conhecer as necessidades de avaliação da Componente de Apoio à Família (CAF)	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as dificuldades/lacunas da CAF; - Conhecer as necessidades de avaliação da CAF; 	<ul style="list-style-type: none"> - Têm surgido algumas dificuldades/lacunas na CAF? - Se sim, quais? - Quais é que diria que são as principais necessidades de avaliação da CAF? 	<ul style="list-style-type: none"> - Na sua experiência e na dos Monitores (com quem já abordaram este assunto).

Blocos/temas	Objectivos Gerais	Questões	Observações
	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber o que deve realmente ser avaliado, o que se pretende avaliar; - Perceber se deve haver diferenciação na avaliação entre a CAF de Jardim de Infância e a CAF de Primeiro Ciclo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Além dos recursos humanos, ou seja, das pessoas inseridas neste projecto, o que considera que deve ser mais avaliado? - Acha que deve existir alguma diferenciação na avaliação da CAF de Jardim de Infância e da CAF de Primeiro Ciclo? 	<ul style="list-style-type: none"> - Ou seja, os equipamentos, os locais onde decorrem as actividades, a sua planificação e pertinência, etc
VIII - Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Saber se tem mais alguma informação pertinente ou questão que queira abordar - Reforçar a garantia de confidencialidade. - Agradecer o tempo disponibilizado e a colaboração que prestou e que foi fundamental para a realização do trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Há alguma coisa que não tenhamos perguntado que queira acrescentar? - Repetir a garantia da confidencialidade. - Agradecer o tempo disponibilizado e toda a colaboração prestada. 	

Questionários de Avaliação da Componente de Apoio à Família

Avaliação do encarregado de educação ao Coordenador



Junta de freguesia

Coordenador - Avaliação (a preencher pelos Encarregados de Educação)

Coordenador _____ ATL _____ Data _____

Escala de avaliação: mau – 1 / insuficiente – 2 / bom – 3 / muito bom – 4

	Avaliação	Observações
Presença no equipamento		
Disponibilidade para receber os enc. de educação		
Responsabilidade		
Dinâmica		
Organização		
Transmissão de informações		
Gestão de conflitos		
Postura/Forma de estar		
Relação com o grupo de crianças		
Relação com o enc. de educação		

Avaliação dos Monitores aos Coordenadores



Coordenador - Avaliação (a preencher pelos monitores)

Coordenador _____ ATL _____ Data _____

Escala de avaliação: mau – 1 / insuficiente – 2 / bom – 3 / muito bom – 4

	Avaliação	Observações
Presença no equipamento		
Disponibilidade para receber os enc. de educação		
Responsabilidade		
Dinâmica		
Motivação		
Iniciativa		
Criatividade		
Espírito de Equipa		
Organização		
Transmissão de informações		
Gestão de conflitos		
Postura/Forma de estar		
Relação com o grupo de crianças		
Relação com o encarregado de educação		
Relação com educadores/professores		
Gestão de pagamentos/recibos/entrega de documentos		
Empenho em outras iniciativas e projectos da Junta		

Auto-avaliação do Coordenador



Coordenador - Auto Avaliação (a preencher pelo próprio)

Coordenador _____ ATL _____ Data _____

Escala de avaliação: mau – 1 / insuficiente – 2 / bom – 3 / muito bom – 4

	Avaliação	Observações
Presença no equipamento		
Disponibilidade para receber os enc. de educação		
Responsabilidade		
Dinâmica		
Motivação		
Iniciativa		
Criatividade		
Espírito de Equipa		
Organização		
Transmissão de informações		
Gestão de conflitos		
Postura/Forma de estar		
Relação com o grupo de crianças		
Relação com o encarregado de educação		
Relação com educadores/professores		
Gestão de pagamentos/recibos/entrega de documentos		
Empenho em outras iniciativas e projectos da Junta		

Avaliação do encarregado de educação aos Monitores



Junta de freguesia

Monitor – Avaliação (a preencher pelos Encarregados de Educação)

Monitor _____ ATL _____ Data _____

Escala de avaliação: mau – 1 / insuficiente – 2 / bom – 3 / muito bom – 4

	Avaliação	Observações
Relação com as crianças		
Actividades Desenvolvidas		
Atenção dada aos pais		
Transmissão de informações		
Postura/Forma de estar		
Apreciação global da sala (organização, limpeza, etc)		
Grau de satisfação da criança		
Grau de satisfação do enc. de educação		

Avaliação dos colegas aos Monitores



Junta de freguesia

Monitor - Avaliação (a preencher pelos monitores)

Monitor _____ ATL _____ Data _____

Escala de avaliação: mau – 1 / insuficiente – 2 / bom – 3 / muito bom – 4

	Avaliação	Observações
Assiduidade		
Pontualidade		
Responsabilidade		
Motivação		
Iniciativa		
Criatividade		
Espírito de Equipa		
Gestão de conflitos		
Domínio do grupo		
Postura (linguagem e apresentação)		
Organização		
Desenvolvimento de actividades		
Relação com o grupo de crianças		
Relação com os pais		
Relação com os educadores/professores		
Empenho nas restantes iniciativas e projectos da Junta		

Observações:

Avaliação dos Coordenadores aos Monitores



Junta de Freguesia

Monitor - Avaliação (a preencher pelos coordenadores)

Monitor _____ ATL _____ Data _____

Escala de avaliação: mau – 1 / insuficiente – 2 / bom – 3 / muito bom – 4

	Avaliação	Observações
Assiduidade		
Pontualidade		
Responsabilidade		
Motivação		
Iniciativa		
Criatividade		
Espírito de Equipa		
Gestão de conflitos		
Domínio do grupo		
Postura (linguagem e apresentação)		
Organização		
Desenvolvimento de actividades		
Relação com o grupo de crianças		
Relação com os pais		
Relação com os educadores/professores		
Empenho nas restantes iniciativas e projectos da Junta		
Reconhecimento de autoridade		

Observações:

Auto-avaliação dos Monitores



Junta de freguesia

Monitor – Auto - Avaliação (a preencher pelo próprio)

Monitor _____ ATL _____ Data _____

Escala de avaliação: mau – 1 / insuficiente – 2 / bom – 3 / muito bom – 4

	Avaliação	Observações
Assiduidade		
Pontualidade		
Responsabilidade		
Motivação		
Iniciativa		
Criatividade		
Espírito de Equipa		
Gestão de conflitos		
Domínio do grupo		
Postura (linguagem e apresentação)		
Organização		
Desenvolvimento de actividades		
Relação com o grupo de crianças		
Relação com os pais		
Relação com os educadores/professores		
Empenho nas restantes iniciativas e projectos da Junta		

Observações: